



Universidade Federal de Alagoas
Centro de Tecnologia
Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente
Área de Concentração: Desenvolvimento Sustentável
Elton André Silva de Castro

**Do afeto e da política em um cotidiano (in)sustentável:
as trajetórias de vida dos trabalhadores da reciclagem.**

Maceió
2003

Elton André Silva de Castro

**Do afeto e da política em um cotidiano (in)sustentável:
as trajetórias de vida dos trabalhadores da reciclagem.**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Sub-Programa UFAL, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, sob a orientação do Dr. Jenner Barretto Bastos Filho.

**Maceió
2003**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
BIBLIOTECA CENTRAL
DIVISÃO DE TRATAMENTO TÉCNICO
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel Do Vale

C355d Castro, Elton André Silva de.
Do afeto e da política em um cotidiano in)sustentável : as trajetórias de vida dos trabalhadores da reciclagem / Elton André Silva de Castro. – Maceió, 2003. 218 f.

Orientador: Jenner Barreto Bastos Filho.

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente : Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal de Alagoas. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Maceió, 2003.

Bibliografia: f. 212-218.

1. Catadores de lixo – Maceió (AL). 2. Lixo – Reciclagem. 3. Trabalhadores – Autonomia. I. Título.

CDU: 502 (813.5)

Elton André Silva de Castro

**Do afeto e da política em um cotidiano (in)sustentável:
as trajetórias de vida dos trabalhadores da reciclagem.**

**Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA),
Sub-Programa Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
como requisito parcial para a obtenção do
Título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.**

**Área de Concentração: Desenvolvimento Sustentável
Sub-área de Concentração: Estratégias de Desenvolvimento Sustentável
Linha de Pesquisa: Cultura e Política do Desenvolvimento Sustentável**

Aprovada em: ___/___/___

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Jenner Barretto Bastos Filho
UFAL

Prof. Dr. Sérgio da Costa Borba
UFAL



Prof. Dr. Geraldo Majela Gaudêncio Faria
UFAL

Prof. Dr. Roberto Moreira Xavier de Araújo
CBPF e UERJ

Este estudo é dedicado
à comunidade da Vila Emater II.

Se me perguntares como é a gente daqui, responder-te-ei:
como em toda parte.
A espécie humana é de uma desoladora uniformidade;
a sua maioria trabalha durante a maior parte do tempo para ganhar a vida, e,
se algumas horas lhe ficam,
horas tão preciosas,
são-lhe de tal forma pesadas
que busca todos os meios para as ver passar.
Triste destino o da humanidade! *

Johann Wolfgang von Goethe
Os sofrimentos do jovem Werther

Cannery Row, em Monterey, Califórnia,
é um poema, um mau cheiro, um rangido, uma qualidade de luz,
uma tonalidade, um hábito, uma nostalgia, um sonho.
Cannery Row é o ajuntamento confuso e tumultuado,
em estanho, ferro e ferrugem,
madeiras lascadas, calçadas rachadas,
terrenos baldios cobertos de mato e pilhas de lixo,
de fábricas de sardinha de ferro corrugado, tabernas imundas,
restaurantes e bordéis, pequenas mercearias sempre atulhadas,
laboratórios e albergues ordinários.
Os habitantes são, como disse o homem certa ocasião,
`meretrizes, cafetões, jogadores e filhos da puta`,
pelo que se referia a Todo Mundo.
Se o homem tivesse olhado por outro ângulo, poderia dizer
`santos e anjos, mártires e abençoados`
e estaria significando a mesma coisa.

John Steinbeck
A rua das ilusões perdidas

Zumbi
Comandante Guerreiro
ogunhê
Guerreiro Mor
Capitão
da capitania da minha
Cabeça
mandai alforria pro meu
Coração.

Gilberto Gil
Zumbi

* Preferi esta tradução do trecho do livro de Goethe, que faz parte de uma das cartas escritas pela personagem Werther e corresponde exatamente a uma citação de Antunes (1997). Saiba o leitor que esta versão do texto difere de outras conhecidas, como a publicada pelo Círculo do Livro na década de 1990. Não localizei obra do autor, em português, que contenha o trecho em epígrafe.

Agradecimentos

A Laura, João, Marli e Beto, entre tantos(as) com quem convivi nestes meses *na busca de compreender*. Para além do que seria óbvio.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa pelo período de dois anos.

A minha família, *pelo apoio constante, cuidado e privilégio que tenho em ser parte, que sempre tenho dentro de mim*. Sem vocês não teria chegado até aqui.

A Erinalva Medeiros Ferreira (orientadora no início), por ter acreditado na viabilidade do projeto de pesquisa, *por ter confiado* e, a Jenner Barretto Bastos Filho (orientador até a conclusão), *por sua generosidade*. Vocês tornaram-se para mim referências no fazer acadêmico, no compromisso ético *com o saber*. *Foram e são sensibilidades*. Devo agradecer por tê-los conhecido.

“A Turma”: Adilson Simões de Castro, Dilson Batista, Luciana Caetano, Tereza Kelly Gomes Carneiro, Tais Farias Fernandes, Vera Helena Wanderley e Wanderlize Wanderley Vaz. Nossa história não se encerra aqui, toma outros rumos... Agradeço, especialmente, a Vera (pelos recortes valiosos de jornais, me dando a cobertura sobre o tema com o qual me dediquei), a Luciana (pelas discussões vigorosas, *onde a gente aprende a ser mais forte*), a Adilson e Tais (por cederem seus computadores, *seus tempos... Por saberem cuidar...*) e a Dilson (por ter falado do meu projeto a Ana...).

A Ana Paula dos Santos, pelos contatos fornecidos na comunidade da Vila Emater II.

A Imaculada, Sérgio, Esmeralda, Lúcia e Thayze *pelo 1000^o. tempo* no computador.

A Ana Paula Teixeira Lins, *pelo carinho e pelo Abstract!*

A Maria de Fátima Pereira de Sá e Adélia Augusta Souto de Oliveira, por estarem disponíveis e por suas leituras cuidadosas do texto levado ao Exame de Qualificação. À Fátima *por compreender e fazer-se sensível...* E a Adélia *por saber e por ser uma referência*.

A vocês: Alda Maria de Melo Gonçalves Galindo, Lúcia Lima do Nascimento, Maria Augusta Costa, Parmênides Justino e Audrey Trevas. *Por terem ouvido, quando eu precisava falar*.

Resumo

Este estudo resulta de uma pesquisa empírica que analisa as trajetórias de vida de quatro moradores de uma comunidade envolvida no trabalho com a reciclagem do lixo em Maceió, Alagoas. Foram utilizadas as técnicas da observação participante para análise do cotidiano e da entrevista semi-estruturada para a re-construção de suas histórias de vida, estas definidas como principal material empírico. Focalizou as significações atribuídas às experiências vividas no cotidiano, emergindo das análises o par *eu-outro* como unidades de significação, processando sentidos subjetivos no percurso elaborado pelo sujeito pelos espaços da vida privada e da descoberta da vida pública. Foram eleitos para a compreensão do material empírico, com a finalidade de refletir sobre a dimensão subjetiva do paradigma da Sustentabilidade, os referenciais da Psicologia Sócio-Histórica (tendo como elementos centrais: a produção de subjetividade no cotidiano compartilhado e da afetividade como fenômeno ético-político na base do sofrimento vivido ou na promoção da autonomia e desenvolvimento de sujeitos e grupos, a partir das reflexões de Vygotsky, Heller, González-Rey e Sawaia) e da Filosofia e Política (compreendendo através do pensamento de Arendt, a condição humana como constituída pelas dimensões da vida privada e da vida pública, que a cisão entre elas mergulha o sujeito na solidão e isolamento da casa/Vila ou na fragmentação do cotidiano da rua/Cidade). A análise do material empírico demonstrou que os encontros cotidianos, mesmo aqueles em torno do lixo, intersubjetivamente re-significados, permitiram que a diversidade humana entrasse em cruzamento de idéias, projetos e interesses (dos catadores, dos cooperados, dos atravessadores, representantes do poder público) e, onde se poderia supor o olhar estéril ou a incapacidade para ler a realidade, os quatro personagens buscam romper, com diferentes estratégias, o sofrimento vivido e desejar realizar-se como projeto humano. Ou seja, a condição é resignificada para além da sobrevivência biológica, onde elaboram outros sentidos subjetivos para suas existências como sujeitos humanos. O estudo aponta para a dimensão de um “Estado Ético” como “Estado Casa” portanto, “casa de todos e habitat verdadeiramente humano”; devendo instituir uma Ética do “Cuidado” com o sujeito, intervindo com radicalidade nas questões referentes à economia/ecologia do meio ambiente urbano. Sendo fundamental perceber e compreender, para a elaboração de políticas públicas, os mecanismos perversos de exploração dos grupos excluídos da esfera dos direitos e de uma legitimidade subjetiva que os faça pertencer à comunidade humana e partilhar com todos de seu patrimônio, valores e significações culturais, mas incluídos perversamente, pela exploração de seu trabalho cotidiano, na produção de riquezas para um já estabelecido comércio da reciclagem. Intervir, para não se perder os potenciais de autonomia demonstrados e os projetos pessoais e coletivos esboçados no presente da Vila, para que não se cristalice o sofrimento e possa o sujeito reduzir-se à degradação ambiental/humana. Por fim, propõe-se a recuperação do sujeito como questão teórico-empírica que, enquanto categoria viva, dinâmica, passível de transformação e sócio-historicamente situada, surja como medida e eixo para acompanhar os aspectos subjetivos que constituem a dimensão Ético-Política do processo de desenvolvimento.

Palavras Chave: Reciclagem, cotidiano, intersubjetividade, (in)sustentabilidade e autonomia.

Abstract

This study result from an empirical research that analyses the life's trajectory of four people who live in a community involved in recycling trash work in Maceió, Alagoas. Participating observation techniques for daily life's analysis and semi-structured interviews to re-construct their life's histories (defined as the main empirical material) were used for this research. It focused on the meaning attributed to the experiences lived every day, resulting from analysis of the *me-another* pair as unities of signification, processing subjective senses on the journey elaborated by the subject on private life and public life's discovery. To understand the empirical material aiming to consider the subjective dimension of Sustainability's paradigm, we choose references from Social Historical Psychology (the two main elements are : the subjectivity's production of everyday's sharing and affection as an ethical political phenomenon based on Vygotsky, Heller, González-Rey and Sawaia's ideas) and Philosophy and Politics (comprehending through Arendt's idea of human condition made of private and public lives' dimensions, their separation putting men into loneliness and isolation of a house / village or in a break up of daily life in the streets and in the city). The empirical material's analysis proved that the daily meetings, even those around the garbage area, re-meant in the intersubjectivity's way, allowed human diversity to get argument's discussion, projects and interests (from the workers, the associated ones, those who cross their way, people from Public Power) and where you can assume that the sterile point of view makes them incapable of reading their own reality, the four characters try to overcome, in different ways, the suffering they live and wish to be realized as human projects. That means that condition is re-meant beyond biological survival, where other subjective senses are elaborated to their existences as human subjects. The study focuses the dimension of an "Ethical State" as "Home State", therefore "everybody's home and truly human's habitat" instituting an Ethic of "care" of the subject, coming up with the extreme attitude when it comes to urban environment's economy/ecology. It is important to realize and understand , for the elaboration of public politics, the evil mechanisms of exploration of people who are not aware of their rights and make them belong to human community and share their heritage, values and cultural meanings, but included in a perverted way, by the exploration of their daily work at the production of richness for recycling trade which is already established. It is important to intervene, but not to lose their autonomy's potencial showed and their personal and collective projects sketched in the village nowadays and make it possible to avoid their suffering and help the subject not to reduce himself / herself to the environmental / human degradation. Concluding, it is proposed the subject's recovering as a theoretical-empirical question, that as long as it is dynamic, alive and susceptible to changes and socially-historically situated, appears as step and shaft to watch the subjective aspects that constitute the Ethical-Political dimension of the whole development process.

Keywords: Recycling, Daily Life, Intersubjectivity, (Un)Sustainability and Autonomy.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CASAL – Companhia de Abastecimento d’água e Saneamento de Alagoas

CEASB – Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu

COBEL – Companhia de Beneficiamento do Lixo Urbano

COHAB – Companhia de Habitação Popular de Alagoas

EMATER – Empresa de Assistncia Técnica e Extensão Rural

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PeT – Polietileno Tereftalato

SLUM – Superintendncia de Limpeza Urbana de Maceió

Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Sumário

Resumo	6
Abstract	7
Lista de siglas e abreviações	8
Introdução	11
Primeira Parte	26
1 – Imagens para pensar a Vila	27
1.1 – Uma descrição do contexto	29
1.2 – A formulação do problema de pesquisa	31
2 – Segregação espacial e degradação humana	34
3 – Ética, política e subjetividade no âmbito da sustentabilidade do espaço urbano	39
Segunda Parte	46
4 – Processualidades	47
4.1 – Sobre o cotidiano	47
4.2 – A multidimensionalidade do processo de exclusão e inclusão social	51
4.3 – Afetividade, consciência e sofrimento: significar a existência na degradação	54
5 – Para buscar compreender o que ainda há de existir	59
6 – Como entrar em campo?	66
6.1 – Observação participante e história de vida	69
6.2 – O início da pesquisa: a chegada à comunidade	71

6.3 – O universo empírico e os critérios para seleção dos sujeitos	75
6.4 – Uma estratégia de análise: processo de significação	76
Terceira Parte	82
7 – As cortinas se abrem: em cena o sujeito	83
7.1 – O início de tudo, quando tudo começou e o incêndio que destruiu tudo	83
7.2 – Fragmentos e personagens de um cotidiano: histórias de vida	86
7.2.1 – A história de Laura	87
7.2.2 – A história de João	103
7.2.3 – A história de Marli	114
7.2.4 – A história de Beto	123
7.3 – A memória de uma cena pública	137
8 – Para compreender	145
8.1 – Análise das histórias de vida	145
8.1.1 – A história de vida de Laura	147
8.1.2 – A história de vida de João	159
8.1.3 – A história de vida de Marli	166
8.1.4 – A história de vida de Beto	173
8.2 – Algumas notas sobre a cena na Praça	178
8.3 – Quadros demonstrativos dos elementos das análises	180
8.3.1 – Quadro 1 – Unidades de significação	181
8.3.2 – Quadro 2 – Os afetos e a política do cotidiano	183
9 – Ressonâncias, recorrências	185
Conclusão	192
Referências Bibliográficas	212

Introdução

Das razões desta dissertação

No dizer de Lévi-Strauss (1996, p. 117), “*a cidade é a coisa humana por excelência*”.

A cidade, como coisa humana, ancora processos de produção de riquezas e serviços e de restos desta produção que se apartam do conjunto da sociedade e, aparentemente, de seu comércio. A cidade produz subjetividades, modos de pensar e reproduzir a continuidade e a permanência humana na história.

Na definição de Odum (1998, p. 45-46), a cidade é “*um ecossistema incompleto ou heterotrófico, dependente de grandes áreas externas a ele para a obtenção de energia, alimentos, fibras, água e outros materiais*”. Caracterizando-se, segundo ele, por um intenso metabolismo em suas diversas áreas, alimentado basicamente pelo uso de combustíveis fósseis; pela necessidade constante de entrada de grande quantidade de materiais, além do necessário para manter os processos vitais, desperdiçando recursos energéticos e, pela saída de grande quantidade de resíduos, em função do metabolismo referido.

O espaço da cidade recebe, por isso, a denominação de ecossistema artificial, por ter estabelecido redes e fluxos de energia, de trocas diversas, de mercadorias, de dinheiro, de informação: configurando pela ação humana, um “metabolismo urbano”.

Como ecossistema, a cidade contém potenciais recursos a serem utilizados. Como ecossistema humano, vive suas deseconomias. Como ecossistema artificial, como coisa humana, contém uma dimensão simbólica. É um ecossistema tão natural quanto humano. O humano que

não é apenas natureza, mas condição humana historicamente situada, dependente da materialidade que o constitui e das significações que contém.

O contexto desta investigação é a cidade, não uma cidade genérica, mas um território seu. Lugar para que “os *sujeitos típicos*”¹ do mundo da exclusão social, possam ser encontrados e vistos.

Caminhei por dois espaços da cidade de Maceió: as ruas do centro e as favelas que estão ao seu redor. Foi como continuidade aos estudos iniciados no final do curso de graduação em Psicologia e de uma experiência de trabalho que surgiu o projeto desta dissertação. Pensar a cidade, seu ambiente e sua dinâmica, pensar os grupos humanos em vulnerabilidade que a povoam.

Durante o ano de 2000 prestei serviços a uma ong que atuava nas ruas, praças e em uma comunidade próxima ao centro da cidade, no atendimento e assistência a crianças e adolescentes em situação de risco social. Percebi que tanto o cotidiano da rua como o das favelas se caracterizava pelo intenso trabalho na informalidade, contínua luta por sobrevivência, permanente cuidado de muitas mães com seus filhos e filhas, do medo constante da morte, da prostituição dos mais jovens, meninos e meninas e do uso abusivo de drogas.

Aprendi a andar por becos, conheci vilas, acompanhava crianças e adolescentes para conhecer onde moravam, vi que nem todos moravam nas ruas. Alguns mergulhavam no trabalho, outros na mendicância ou na prática de pequenos delitos. A degradação é o que havia de comum entre todos; o sofrimento uma dor sentida e declarada apenas aqueles que queriam ouvir. Todos estavam na cidade; um espaço ocupado e utilizado diferentemente por cada um. Entre os

¹ A noção de sujeito típico vem de LUDKE, A.; ANDRÉ, N. E. D. (1986). O leitor poderá perceber que a busca por “tipicidade” resultará no encontro com uma diversidade subjetiva e a impossibilidade de definições redutoras do sujeito.

moradores de rua há ainda “os outros estranhos”² que não percebemos diferentes, que nem mesmo percebemos; mas que existem e circulam pela cidade.

Todos na rua se conhecem, mas não nas favelas. Na rua, tudo parece estar exposto; na favela tudo parece estar escondido. Na rua, todos parecem ter um nome; na favela, os nomes, parecem não estar lá. Os sujeitos se escondem nas favelas, nas ruas se expõem. Nem todos que estão na rua são da rua, as vezes, apenas passam por ela. A rua, como lugar para a passagem, para a mendicância, para o trabalho na informalidade. Na rua para ser visto. Na rua também para estar e ser invisível.

Na rua, as crianças permitem contatos, os adolescentes são mais arredios. Os adultos quase sempre ficam em silêncio ou se retiram quando chega um estranho.

Entre todos que passavam pela rua, estavam “aqueles outros estranhos” que são sempre silenciosos, que freqüentam as ruas no fim do dia. Quando anoitecia eles, empurravam carroças de metal onde carregavam papelão e outros materiais para revender no comércio da reciclagem. Estes chamavam atenção pelo absoluto silêncio. Não falavam, não olhavam para quem estava perto quando catavam do chão ou revolviam os lixeiros ou amontoados de lixo nas portas dos fundos das lojas e empresas do centro da cidade.

Os catadores de lixo nas ruas trabalham sozinhos e em silêncio. Parecem invisíveis, não fazem barulho, estão sozinhos, as vezes em duplas, trios.

Para eles a rua é fonte de recurso, nem sempre de moradia. Muitos catadores da rua moram em bairros vizinhos ao centro ou em alguns bairros afastados. Há com os catadores de

² A expressão “outros estranhos” foi inspirada em Bauman (1999, pág. 68), quando este pensa, apoiado em Georg Simmel que o estranho é aquele que “se recusa a ficar confinado à terra ‘longínqua’ ou a se afastar da nossa e, assim, *a priori* desafia o expediente fácil da segregação espacial ou temporal”. Nos termos da análise de Bauman (1999, pág. 69), “o estranho perturba a ressonância entre distância física e psíquica: ele está *fisicamente próximo* mas permanece *espiritualmente distante*”.

lixo uma associação curiosa e óbvia: estão na degradação e vivem dela. Mas, o óbvio esconde um modo particular de inclusão ao processo produtivo que se desenvolve na cidade.

Depois da rua, os catadores voltam para suas casas onde estocam seus materiais. A casa e a rua são dimensões da vida cotidiana do catador que representam o lugar em que se vive e o lugar em que se trabalha. Os espaços distintos demarcam lugares para que suas vidas se estruturam pelo convívio com suas famílias e pelo exercício do trabalho.

Quem passa na rua não vê “os outros” que também estão nela. Quem anda na cidade vê a paisagem como natural e parece que sempre esteve lá como se apresenta. Olhar o horizonte não basta para entender como ele se formou, parece que sempre foi assim.

Quando conheci as populações da rua, também conheci as favelas. Caminhar da rua à favela é saber que a cidade está cindida e seus habitantes se desconhecem.

Lógicas de funcionamento, modos de ocupação e legalidade se estruturam diferentemente na cidade e os seus habitantes têm seus comportamentos no cotidiano também regulados por estas diferenças.

As pessoas que passam nas ruas e vivem fora das favelas não sabem da vida de suas populações. Itamar Silva (2001) desconfia que, “em alguma medida”, estes não conhecem a dimensão humana (comum) dos que vivem nas favelas. Não basta dividirmos o espaço para que possamos nos fazer iguais uns aos outros. A apartação (Buarque, 1999) na cidade compõe uma complexa processualidade que deslegitima sujeitos e grupos, que gradativamente são feridos em sua dignidade.

Caminhando da rua à favela conheci a Vila Emater II, muito mais conhecida como Favela do Lixão. Lugar da reclusão, do trabalho intenso, do medo, de possibilidades de ganhar e perder. Também de incertezas.

A Vila Emater II é a objetivação de estratégias de ocupação da cidade e de inserção no comércio dos materiais recicláveis, com impacto direto na manutenção do volume de resíduos do Depósito de Lixo Municipal. Nela, um grupo estruturou seu cotidiano pelo trabalho de catação e seleção de materiais recicláveis.

Poderia ser o conjunto habitacional em que moram os trabalhadores da reciclagem.

A Favela renomeada e tornada Vila é habitada pelos catadores.

Poderia ser uma “vila operária”, mas para aqueles que estão fora e vêm de longe, é o lugar em que moram os favelados. A “visível” contradição entre favelado e catador só é possível de ser declarada pelos próprios catadores. Ser catador está para além de ser favelado. Ser apenas favelado é muito pouco para quem já é catador. No entanto, ser catador é mais do que a definição de uma atividade de trabalho.

À exposição (e mesmo invisibilidade) da rua cedeu lugar a reclusão da favela. Desloquei meu interesse. E a favela se fez Vila. Quis saber o que sente aquele da Vila, que não circula nas ruas; que parece preso à favela e a favela fechada em si mesma.

Com o processo de pesquisa, vi o que é estar preso ao trabalho que oprime, o que é estar limitado na favela, desejando fazer de si mesmo um outro sujeito. Pude ver tentativas de consolidar, nas relações privadas e nos frágeis espaços públicos, a favela em Vila, o catador em trabalhador e sujeito digno. Pude também ver tentativas de auto-conservação, de proteção dirigida aos mais próximos, de desconfiança e medo aos que dividem o cotidiano da Vila.

A tensão entre a Vila e a cidade é a tensão entre o sujeito e o grupo, entre quem tem o poder e sente seus efeitos, entre aquele que oprime e aquele que tem poucos recursos para reagir. É a tensão entre o silêncio e a palavra, tensão que se instaura no momento em que o sujeito descobre-se capacitado à expressão e ao contato.

A vida dos que vivem na Vila é a tentativa de operar a passagem da exclusão à inclusão social, do silêncio a palavra. O que os sujeitos oferecem é o retrato de uma realidade local que se desenvolve compondo um cenário bastante semelhante a muitas cidades brasileiras.

As cidades se “desenvolvem”, “modernizam-se”, incorporam tecnologias e oferecem novos serviços que as inserem numa rede maior de comunicações e trocas. Mas, também, deixam no passado tão próximo e tão vivo (anterior ao seu moderno presente), o refugo e o rejeito do “progresso”, o que restou da Festa: o lixo e as gentes que se ocupam dele. Consome-se muito e rápido, em busca da última novidade urgente. É um mundo de descartáveis. De atos e pessoas inúteis ao processo produtivo oficial, ao “desenvolvimento” da cidade.

Mas, de qual processo produtivo e de que modelo de desenvolvimento tratamos? Em qual cidade (oficial ou ilegal) se desenvolvem? Ou, nunca há a cidade liberta de sua face de degradação... Ou, não há um desenvolvimento planejado capaz de manipular as determinações (absolutas) do processo produtivo e que revogue a inutilidade e recoloca em cena a dignidade dos “desnecessários” quando agora vivemos “no meio do inferno dos vivos”³.

Quando o paradigma da sustentabilidade é posto como medida e alternativa para reorganizar o que está aí, propõe-se que as relações entre desigualdade, pobreza, degradação e meio ambiente sejam compreendidas em sua complexidade, percebendo nexos de causalidade

³ Crédito esta expressão a Ítalo Calvino (2001). Sobre “o inferno dos vivos” voltarei na Segunda Parte deste estudo.

que incluem não só fatores referentes à economia e as instituições, mas às redes de sociabilidade, aos processos identitários e à construção da cidadania.

Esclareço ao leitor que os catadores de materiais recicláveis já existem como categoria profissional, como querem estes sujeitos em suas organizações coletivas, em suas manifestações públicas, em seus discursos. O Catador de Materiais Recicláveis consta como categoria na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), catálogo oficial dirigido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Falo em “trabalhadores da reciclagem” porque me refiro à realidade do trabalho desenvolvido e ao modo como significam seu fazer cotidiano, que gera lucro e riqueza para uma já estabelecida indústria e comércio de materiais recicláveis.

Talvez fosse mais correto não levar esta expressão para a capa deste estudo, discutir apenas suas implicações teóricas a partir do universo empírico investigado. Não foi o que fiz. Optei por levar à capa aquilo que, acredito, deve ser considerado como elemento dinamizador de um mercado obscuro: o trabalho cotidiano dos catadores de materiais recicláveis, ou como preferi denominar, dos trabalhadores da reciclagem.

Este estudo é uma tentativa de escuta deste grupo. Formula algumas questões básicas: o que pensa, o que sente e como age o sujeito que vive excluído da e na cidade, que faz do produto da degradação ambiental objeto de consumo, trabalho e geração de renda?

Este estudo não é, como pode aparentar num primeiro olhar, **apenas** sobre o lixo, a reciclagem e os catadores como uma categoria no “universo homogêneo” dos excluídos sociais. É sobre os excluídos, ou melhor... Os catadores de materiais recicláveis, ou ainda... Os cooperados no processo da reciclagem, mais acertadamente: sobre sujeitos que fazem política e têm seus afetos, que redimensionam suas identidades, reproduzem um cotidiano e ensaiam rupturas.

Talvez, não passe de pretensão querer ouvir tanto. Espero que o exercício da escuta não seja obra tão sofisticada que qualquer um, que realmente queira, que não possa fazê-lo.

Numa possível discussão maior sobre a dialética exclusão/inclusão social, o leitor encontrará aqui os relatos das trajetórias de vida daqueles que prefiro denominar de os trabalhadores da reciclagem. Os trabalhadores que são catadores e cooperados em *torno do processo produtivo da reciclagem*.

A dialética exclusão/inclusão social será aqui abordada não apenas pelo viés de estratégias de sobrevivência, mas das formas de reação e enfrentamento elaboradas, da capacidade de organização coletiva/comunitária, da expressão política e inserção no espaço público (tanto aquele que compõe a geografia da cidade quanto o que é arena para o diálogo e a discussão), onde se ensaiam a participação política e a expressão do afeto que pode ser tanto dor sentida por um e por todos, quanto desejo de futuro melhor para cada um e para todos.

Este estudo é sobre o sujeito humano e a natureza da cidade que se degrada e ameaça a integridade do homem. A integridade do homem, quando ameaçada pelo sofrimento, é cindida, partida e logo se faz necessário que se costure o que se separou e fragmentou. Tem seu foco na significação conferida pelo sujeito a estes processos, vividos a partir do cotidiano da Vila, ainda apartado do cotidiano da *cidade* ou marginalmente nele incluído.

O que se segue é a luta cotidiana por permanecer inteiro e recuperar o que foi partido ao longo da vida. É sobre continuar vivendo e não sobrevivendo apenas. Nos termos de Hannah Arendt, (1997: pág. 258), “(...) *os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para recomeçar*”. É sobre o recomeço... Ocupa-se de pensar a condição humana.

O tema da reciclagem do lixo tem sido investigado sob diversos enfoques, com atenções tanto no caráter técnico-operacional da natureza dos materiais recicláveis e sua destinação ao mercado, bem como na disposição e manejo destes recursos em aterros e galpões de segregação por órgãos de gestão de resíduos, por sistemas de cooperativas de trabalhadores na reciclagem e pelos grupos que se fixam em torno dos depósitos a céu aberto em muitas cidades brasileiras.

Alguns estudos, no entanto, têm pensado o lixo como fonte de renda e o trabalho na segregação e em sua cadeia produtiva como forma de inclusão social. Refiro-me aos estudos de Magalhães (2000) que dedicou-se à compreensão das relações entre gênero e o trabalho de catadoras de lixo em João Pessoa/Paraíba e Juncá (2000 e 1996), ocupando-se com a análise do cotidiano dos catadores de lixo na cidade de Campos/Rio de Janeiro.

Estes estudos refletem os efeitos destrutivos da relação entre o capital e o fechamento de postos de trabalho e a retomada do cotidiano como categoria teórico-empírica na compreensão dos processos de exclusão/inclusão social vividos por grupos urbanos, suas estratégias de organização e inserção social.

Foram elementos conclusivos: a constatação de que as condições de trabalho demonstraram mecanismos de um modelo econômico excludente e o descaso do Estado e poder público diante da estratificação social desigual e injusta nestes contextos urbanos. No entanto, os estudos apontaram que as estratégias elaboradas de organização coletiva entre os grupos de catadores não se encontram dirigidas apenas à sobrevivência biológica, mas no dizer de Juncá (1996), “exercitam o nascer para a expressão política”.

Os estudos anteriormente citados sinalizam os primeiros movimentos de participação dos catadores de materiais recicláveis nos processos de desenvolvimento urbano, na gestão dos

recursos da cidade e sua expressão e visibilidade política (como trabalhadores e cidadãos) no espaço público urbano. Mesmo que não compartilhem dos benefícios deste desenvolvimento e produção de riquezas, inserem-se no processo produtivo com seu trabalho diário na reciclagem.

A situação crítica em que se segue a gestão dos resíduos sólidos vem determinando a necessidade urgente de planejar e executar ações de remediação de áreas degradadas e de tratamento adequado dos resíduos gerados diariamente na cidade. Vêm sendo formuladas propostas para a definição de uma política de gestão dos resíduos sólidos para todo o Estado de Alagoas, seguindo uma tendência nacional, tendo em vista o tratamento inadequado destinado aos resíduos em todo o país, onde a deposição do lixo não escapa ao destino dos lixões ou depósitos a céu aberto.

As discussões em torno da política de resíduos sólidos orientam-se para uma compatibilidade com as estratégias de desenvolvimento sustentável, direcionadas à gestão do saneamento ambiental, especificamente ao tratamento e reciclagem dos resíduos sólidos, considerando a participação dos catadores de materiais recicláveis e o incentivo e fomento à organização de cooperativas de catadores.

Os movimentos organizados de catadores em todo o Brasil têm demonstrado que, para além da sobrevivência biológica, configura-se a identidade do catador de materiais recicláveis. A própria instituição do Fórum Lixo e Cidadania e suas diversas representações em muitas cidades brasileiras (inclusive Maceió), a realização do primeiro Congresso Nacional dos Catadores de Materiais em junho de 2001 em Brasília e a revisão proposta pelos catadores organizados na cidade de São Paulo para o Projeto de Lei da Política Nacional de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, atestam a realidade de processos de representação e participação social e política deste grupo.

São visíveis os impactos de uma gestão inadequada dos resíduos sólidos no meio ambiente, com efeitos diretos na saúde da população do entorno dos locais que abrigam os depósitos de lixo. A degradação do solo e a conseqüente desvalorização imobiliária do entorno do empreendimento, a contaminação dos mananciais e a poluição do ar figuram como conseqüências imediatas do destino e manejo inadequado dos resíduos.

Os efeitos sociais mais degradantes da gestão inadequada do lixo urbano se materializam nas cidades, quando populações humanas passam a habitar o entorno dos depósitos ou mesmo seus interiores. Assiste-se, portanto, à catação do lixo em condições de trabalho insalubre, oferecendo riscos à saúde e à segurança dos que se ocupam desta atividade. Observa-se a atração para estes ambientes degradados, pela presença dos depósitos e seus recursos, de contingentes populacionais que lhes chegam em busca de moradia e oportunidades de sobrevivência biológica.

Foi o que aconteceu aqui em Maceió: a ocupação das encostas próximas ao Depósito de Lixo Municipal no bairro de Cruz das Almas. Duas comunidades se instalam em diferentes momentos no entorno com o mesmo objetivo de conquistar uma vida melhor além daquela vivida em seus lugares de origem.

O lugar ambientalmente degradado, desvalorizado do ponto de vista imobiliário, torna-se a única alternativa para que grupos excluídos extraiam do *direito à cidade* a moradia e a possibilidade de construir relações comunitárias e identitárias que lhes sejam comuns. Enfim, estes sujeitos existem na cidade pela via da exclusão e da subalternidade na cadeia produtiva da reciclagem do lixo, constituindo suas identidades de sujeitos humanos na experiência cotidiana da exclusão.

As vidas dos que vivem nas condições degradantes no cotidiano da Vila estão afetivamente implicadas pela *dialética exclusão/inclusão social*. O sujeito neste cenário, ao elaborar suas estratégias de sobrevivência, também vivencia experiências que podem promover a produção de novos sentidos subjetivos para a sua condição de degradação e subalternidade frente ao trabalho e mercado da reciclagem. Então, nossa atenção se volta para a condição de inserção do sujeito neste cenário de degradação sócioambiental e de trabalho insalubre.

Este estudo teve como objetivo analisar as trajetórias de vida de sujeitos inseridos no processo da reciclagem, desenvolvendo ou tendo desenvolvido seu trabalho diário no interior do depósito de lixo ou na cooperativa de catadores. Considerando ainda a *identidade*, a *afetividade* e a *política*, enquanto elementos que participam da constituição de um novo estatuto para o sujeito humano.

Todos os sujeitos são moradores da Vila Emater II, denominação que recebeu a “antiga Favela do Lixão”. A favela passa a ser “a Vila” por intenção de seus próprios moradores, como que para não reduzir a comunidade aos conteúdos negativos e esteriótipos que o termo favela contém.

Esta dissertação está dividida em três partes.

Na primeira parte, o leitor encontrará uma descrição da Vila Emater II e a formulação do problema de pesquisa, bem como um eixo argumentativo que propõe o sujeito como referência tanto teórica quanto empírica, para que se possa discutir a sustentabilidade do desenvolvimento e os processos de exclusão e inclusão social, a ele relacionados.

Na segunda parte expõe-se alguns elementos conceituais utilizados na análise do material empírico e a descrição das referências eleitas para o percurso metodológico realizado.

Na terceira parte, o material empírico e suas análises são apresentados ao leitor. A memória de alguns moradores surge para escrever uma pequena história da Vila. A memória de uma manifestação nas ruas de Maceió é inserida para que possamos pensar as formas de reação à reclusão da Vila e a capacidade para a expressão; para expor publicamente as condições de vida, as necessidades e os desejos dos que vivem no lugar. Por fim, retoma-se algumas questões esboçadas no decorrer deste estudo com a intenção de formular alguns elementos conclusivos.

Um complemento à Introdução ou, o que se segue seria desnecessário dizer?

A todo instante, dentro e fora da Academia, na maioria das oportunidades em que falei de meu projeto de pesquisa ou mesmo quando estava prestes a encerrar meu trabalho, sempre me deparei com atitudes, palavras e argumentos que tentavam “explicar meu objeto de estudo: o catador”. Em algumas oportunidades, quem comigo conversava, sentia-se ora responsável ora culpado por nossa distância social e desigualdade para com “os catadores”.

Em outros instantes, a atitude de culpabilização cedia espaço para que a pena e o descrédito na capacidade de organização social deste grupo surgisse com tonalidade clara e firme. Eu ouvia frases como: “Eles devem sofrer tanto... Mas o que eles podem fazer?” ou “Mas também tem muita gente ruim por lá, em favela tem todo tipo de gente. Os piores tipos!”

Quase sempre as opiniões manifestas eram cheias de uma segurança e convicção tais que quando eu falava do que vinha observando, meus interlocutores ficavam surpresos e imediatamente completavam, concluindo com o mesmo ar de segurança e convicção: “É... Pode até ser... Mas são raros esses que você encontrou, Elton! A maioria é alienada, eles não sabem o que gera àquela situação, estão ali só para comer e porque não tem outra saída, não dá para viver e pensar no futuro naquela situação!” ou, “Sei não, viu! Acho que não muda, não! Eles não têm

culpa, mas sair de uma situação como àquela para uma que seja melhor? Como pode ser possível?”

Eu assisti a passagem da culpabilização, do remorso, da pena, do nojo, do incômodo, da desconfiança, da descrença, da vitimização, do paternalismo até a surpresa. Em todas estas expressões, encontrei a desqualificação por princípio, que não permitia aqueles serem o que são: Sujeitos. Havia uma deslegitimação subjetiva reinando absoluta, apontando soberana e implacável com sua condenação irrevogável sobre “eles, aqueles... Os favelados, os catadores”.

Porque, por princípio, eles não poderiam ser capazes de compreender o que acontecia ao seu redor, de pensar sua realidade cotidiana e antever o futuro que se anunciava, de sentir além da fome e algo além da humilhação, de agir para além da degradação e da miséria e dirigir-se para a construção de sua autonomia. Uma autonomia pensada e sentida como necessária por muitos... Não sei dizer se por poucos.

Considerando os objetivos declarados no início desta introdução, posso afirmar que este estudo é sobre a condição humana de um grupo que bem conhece os olhares e valores que a sociedade lhes confere. Mas que os ultrapassa, porque sabe dos limites do humano, da necessidade de recuperar o humano em si e do desejo de permanecer humano. De pensar, sentir e agir humano. “Atributos” estes que não seriam propriedade de qualquer classe ou grupo social, mas próprios da condição humana.

Este estudo resulta de uma pesquisa empírica que tenta articular distintos campos do conhecimento e que, à primeira vista, não possuem pontos de intersecção. Em certa medida, o que se buscou aqui foi estabelecer uma discussão em torno do sujeito, como questão teórica e como realidade concreta, cotidiana.

E só a partir daí ser capaz de pensar a sustentabilidade do desenvolvimento como referente ao sujeito humano, reconhecendo que sua própria constituição e as transformações por ele sofridas também resultam de seu modo de inserção e significação de sua existência; significação que se realiza nos espaços de intersubjetividade, logo dependente da relação estabelecida com o outro.

Um *outro* que se apresenta como: o *outro*-catador, o *outro*-cooperado, o *outro*-atravessador, o *outro*-SLUM, o *outro*-indústria da reciclagem, o *outro*-poder público, o *outro*-sociedade, o *outro*-bandido, o *outro*-drogado, o *outro*-prostituta. O *outro*-estranho que se recebe e que sou eu pesquisador. O que ele (*o outro*) sabe de mim e sei dele, resulta do quanto somos capazes de manifestar e silenciar um para o outro. O quanto é providencial calar, esconder, demonstrar, alterar.

Num complexo universo de significações, a condição cotidiana do sujeito humano se objetiva na repetição do mesmo, na possibilidade de advir o novo, na aplicação das mesmas estratégias tão eficientes que permitem a continuidade; no questionamento destas mesmas estratégias a observar as reações que surgem dos *outros*-atores que também do lixo “sobrevivem”.

É então imperativo cuidar. E deve ser romantismo afirmar isto. Talvez nos falte uma boa dose de romantismo a resgatar o sujeito. Mas que fique claro que a possibilidade de resgate do sujeito no cotidiano já se iniciou, independentemente de nossa vontade. De uma vontade nossa, *absoluta*, de quem sabe mais do que aqueles-*outros*.

O cuidado, aqui, instaura-se no presente, como elemento de um paradigma que se quer sustentável para fornecer as condições concretas de um futuro que se revela rentável para uns e ameaça de mergulho permanente na degradação para *outros-tantos*.

Então a própria formulação de políticas públicas deve reencontrar a dimensão da vida onde o afeto e a política possam ser vistos como potencialidades para uma ação construtiva. Sem que se configure (in)sustentabilidades onde deveria haver o exame de uma realidade complexa, uma investigação cuidadosa para o planejamento de modelos de gestão pública e formas de intervenção adequadas e em comunicação com grupos e comunidades que participam da dinâmica cotidiana das realidades locais.

O que seria insustentável neste contexto refere-se claramente à degradação ambiental/humana ou se preferirmos, sócio-ambiental e à situação de exclusão social como auto-evidente ou óbvia, resultantes do modo inadequado de tratamento dos resíduos sólidos e às consequências econômicas e sócio-ambientais dele decorrentes. Mas, entre o que caberia num rótulo homogeneizador de *insustentável*, observam-se jogos e relações de poder e propriedade, interesses diversos e ações de organização de uma vida comunitária que sugere pontos cegos, a merecer reflexões mais apuradas.

Primeira Parte

**Onde se propõe uma questão que associa o humano e o natural,
como se apenas juntos fizessem sentido.**

**Onde a cidade, como questão ambiental, é dita como humana e, por isto,
fundamentalmente, uma questão ética e política.**

Onde também já se fala do afeto, da consciência e da felicidade.

Imagens para pensar a Vila.

Para Silva (2000) e Santos e Oliveira (2002), o cenário sócio-econômico que se sucedeu ao período recessivo da década de 1980 promoveu impactos negativos no contexto das áreas rurais e urbanas do Brasil. Impactos que, posso afirmar, contribuíram para a destruição da idéia de que a cidade é o lugar privilegiado e gerador de oportunidades de trabalho. A precarização do trabalho, o aumento das taxas de desemprego e a crescente pauperização das populações das áreas urbanas e rurais fez o país assistir as migrações intra e inter-regionais como estratégias de busca por melhores condições de vida.

Os movimentos migratórios regionais instalaram nas cidades contingentes populacionais que buscavam melhorias em suas condições de vida, oportunidades de emprego, melhor acesso aos serviços básicos de saúde e educação, além de habitação. No entanto, ao chegarem à cidade, se depararam com uma crise urbana que limitou as possibilidades de construir e realizar seus projetos humanos, restando-lhes a condição de excluídos ou formas de inserção perversa no contexto urbano.

Ainda segundo Santos e Oliveira (2002) aqueles que chegavam a Maceió, encontravam uma cidade amparada economicamente pelo setor industrial, composto de indústrias químicas, de produtos alimentícios e da construção civil. Criou-se, então, uma massa de sujeitos sem qualificação para o mercado de trabalho da capital, aumentando o número dos excluídos, habitando e construindo novas favelas. O maior número deste contingente deslocou-se para o setor informal, desenvolvendo funções de empregados domésticos, serviços gerais, biscateiros,

entre outras, ou ingressaram na mendicância, aumentando as populações de rua (Santos e Oliveira, 2002).

A fixação das famílias e a conseqüente formação da *Favela do Lixão* ou *Vila Emater II** são reflexos da falta de moradia que experimentaram seus primeiros habitantes e do impacto da precarização da oferta de trabalho experimentado na cidade.

Desde a origem, aqueles que no futuro instalaram-se nestas comunidades foram atraídos pela ilusão de que, na Capital, teriam melhores condições de vida. Aqui chegando, depararam-se com condições degradantes de habitação e com o trabalho de catação como única alternativa de renda. Dos moradores da Vila Emater II, 81% afirmam ter deixado seus lugares de origens fugindo do desemprego, 13% afirmam a falta de oportunidades de trabalho (Santos & Oliveira, 2002).

No interior do Estado, estas pessoas estavam direta ou indiretamente envolvidas com o setor agrícola (Silva, 2000; Santos e Oliveira, 2002), trabalhando na cultura da cana-de-açúcar e do fumo dentre outras, também envolvidas na agricultura de subsistência.

A catação do lixo surgiu como uma destas atividades que absorveu parcela dos excluídos, mas reatando um laço de identidade comum a todos eles: as origens na pobreza do interior do Estado e de outros estados, a informalidade do trabalho na capital, constituindo-se como atividade situada “*no limite entre a informalidade e a marginalidade, sendo considerada socialmente, inclusive por aqueles que nela atuam, como a última alternativa dentre as possíveis para a obtenção de renda e para a garantia de sobrevivência*” (Silva, 2000, p. 79).

* Como se referem os moradores ao seu assentamento, como se este fosse uma extensão da Vila Emater I que está situada na base da encosta e próxima do prédio da Emater em Maceió.

O catador passa a ser o agente fundamental da *cadeia produtiva do lixo*, mais especificamente do processo informal de coleta, segregação e reciclagem dos recursos do depósito de lixo. As condições em que o trabalho se realiza é envolvida de resíduos perigosos provenientes das indústrias e dos serviços de saúde, sem estarem protegidos por equipamentos adequados. O descarregamento do lixo pelos caminhões coletores traz material compactado que dificulta o acesso aos recursos.

Mas a atividade dos catadores é parte de uma rede de negócios que sustenta uma já estabelecida “cadeia produtiva do lixo” onde o controle final vem determinado pela indústria. Entre os dois polos (catador e indústria), encontra-se o atravessador que, cotidianamente, ocupa o lugar de comerciante do lixo. A rede de negócio da reciclagem do lixo e o Poder Público encontram-se em visível ligação onde a demanda da indústria é alimentada pela permissividade da administração pública, que silencia diante da informalidade do trabalho dos catadores, da insalubridade do trabalho cotidiano, da exploração da mão-de-obra dos catadores.

É evidente que esta gestão do lixo urbano só contribui para a desqualificação profissional destes trabalhadores ao não reconhecê-los em sua participação legítima no processo produtivo da reciclagem. O processo econômico estabelecido assume preocupações com o desperdício e a reciclagem dos materiais, mas silencia diante do trabalho das populações humanas ocupadas nesta atividade.

1.1- Uma descrição do contexto.

No bairro de Cruz das Almas, litoral norte de Maceió, nas proximidades de uma praia com o mesmo nome, encontra-se instalado o depósito de lixo municipal conhecido também como Lixão de Cruz das Almas ou Lixão da COBEL (antiga denominação da instituição que se ocupa

da coleta, beneficiamento e industrialização do lixo), hoje sob a denominação de Superintendência de Limpeza Urbana de Maceió (SLUM). O depósito está instalado desde 1967, na parte superior de uma encosta próxima à rodovia AL – 101 Norte.

Na área, encontram-se duas populações distintas que se instalaram em momentos diferentes na localidade. Uma mais antiga, na base da encosta, próxima à pista de tráfego de veículos, tendo mais de dez anos de existência conhecida como Vila Emater I, com moradores que habitam casas predominantemente de alvenaria.

Outro assentamento, de ocupação mais recente, situado em frente ao portão dos fundos do depósito de lixo, no alto da encosta e com mais de oito anos de existência. Esta outra população compõe a Favela do Lixão ou Vila Emater II, como é denominada por seus moradores (Santos e Oliveira, 2002). Segundo estas pesquisadoras, na Vila Emater II apenas 7% das casas são de alvenaria, nelas estão instaladas 175 famílias, compostas por 755 moradores, dos quais 260 são crianças com idades entre 0 e 10 anos.

Para ter acesso ao lixão, tem-se o portão principal por onde veículos transportam as cargas de resíduos e trabalhadores para as atividades de manejo dos recursos lá existentes. Outro acesso é o portão dos fundos no alto da encosta, este tendo a comunidade da Vila Emater II como sua vizinha mais imediata. Neste encontro diário, moradores e depósito de lixo estabelecem relações de manejo de recursos e força de trabalho dirigida ao consumo dos seus recursos para suas sobrevivências e comércio de reciclagem.

A maior parte dos moradores da Vila Emater II tem origem no interior do Estado. Entre eles, 96% sobrevivem do lixo, onde 79% estão inseridos na atividade de catação de materiais recicláveis (Santos e Oliveira, 2002). Das 1000 toneladas de resíduos que chegam

diariamente ao depósito, 574 toneladas são compostas de lixo domiciliar e, deste, 160 toneladas constituem-se de materiais recicláveis (Silva, 2000).

Este fato atrai a população para seus recursos, fixando-as na atividade de coleta destes materiais, nos permitindo estabelecer que, a relação entre a natureza do trabalho (reciclagem do lixo) e a geração de renda (a partir da venda do lixo) coloca em cena sua situação de vulnerabilidade e degradação humana, despertando em nós o interesse em investigar a produção de suas subjetividades.

A *degradação humana* observada, especialmente na comunidade do alto do morro, alimentada pelo lixo urbano, configura-se em vetores que se relacionam numa díade de vida e morte. De extração e consumo direto do lixo, de venda, de reciclagem dos recursos, fazendo dos sujeitos que moram nas proximidades do depósito, praticantes de ações cotidianas que fazem suas sobrevivências. Para Silva (2000, p.38) a atividade de catação “é um exemplo de estratégia de sobrevivência que subverte padrões culturais que rejeitam qualquer relação com o lixo e, nesse caso, essa subversão tem uma motivação clara: a satisfação de necessidades básicas”.

O espaço, enquanto localidade que abriga o sujeito (neste estudo, a área do lixão) será o território da degradação ambiental, continente da vulnerabilidade e do risco, que se apresentam como significantes no cotidiano de vida destas populações.

1.2 – A formulação do problema de pesquisa e a definição de uma perspectiva de análise.

Assim, considerando então o lugar ambientalmente degradado em que estão, nos perguntamos: qual o impacto ético em sujeitos humanos estarem submetidos à vulnerabilidade de um ambiente que, degradado, promove a degradação de suas existências?

De que modo a vulnerabilidade em que se situam estas comunidades apresentava-se como impedimento à construção de estratégias sustentáveis de uma vida digna destes grupos?

Para tanto optamos por observar as trajetórias de vida dos catadores marcadas por diferentes experiências de desvinculação até a sua chegada à cidade de Maceió e ao entorno do depósito de lixo, restabelecendo novas formas de sociabilidade, criando novas identidades (individuais e coletivas) na periferia do contexto urbano. Para tanto, as trajetórias de vida tornam-se, em sua narratividade, material empírico de análise.

Desenham-se, portanto, trajetórias de vida afetivamente implicadas pela dialética exclusão/inclusão social e pelas significações das novas relações intersubjetivas travadas no cotidiano de degradação e subalternidade.

Para compreender a condição do sujeito e o processo de exclusão que se apresenta pela degradação sócioambiental faz-se uma opção por uma *perspectiva ético-política* (Sawaia, 1999). Neste caminho, recupera-se o sujeito como questão empírica, buscando compreender a significação que este confere às diversas relações que trava no *cotidiano*.

Nesta perspectiva, considera-se que as relações por ele estabelecidas, as vivências e as suas significações são produzidas em *intersubjetividades*, portanto não falamos de um sujeito refratário às condições materiais ou a presença e convivência dos outros sujeitos.

Por ser ético-político recupera-se a ordem dos valores, o tema da humanidade que faz retornar no sujeito o laço da comunhão e a retomada da *dimensão pública* da condição humana, portanto da *política*, numa alusão ao pensamento de Arendt (1997).

O sujeito e o *genérico humano* (Heller, 1997) que o atravessa é aqui acessado através da *afetividade* que está implicada nas *relações intersubjetivas*, portanto presente e na base das

significações, e pelo *sofrimento ético-político* (Sawaia, 1999), que traduz a dor sentida na degradação e na tentativa de libertar-se.

É a partir deste novo foco de análise que esta investigação associa à *sustentabilidade* como paradigma de desenvolvimento urbano, a existência de sujeitos e grupos na produção e gestão do espaço urbano e o modo de inserção que os integra, acreditamos, fundado numa lógica de *inclusão social perversa* (Martins, 1997).

Pois consideramos que exclusão e inclusão não são categorias isoladas, que o mesmo par exclusão/inclusão pode ser desdobrado em formas de *inclusão perversa* e *exclusão integrativa* (Martins, 1997), regidas por elementos de desigualdade tais que se faz necessário examinar os processos *cotidianos* que regem sua produção e emergência. Formas de exclusão se travestem de inclusão como recurso para incluir em áreas, setores, espaços e significações, tipos humanos *desnecessários*, como rejeito da própria sociedade.

Cabe então desvelar os elementos subjetivos que sustentam no cotidiano a vivência da exclusão, então elegemos a *afetividade* que também se colore pelo *sofrimento ético-político*, refletindo a experiência da integração na cidade capitalista, que admite a desigualdade como questão de oportunidade e qualificação, mas a condena do ponto de vista da justiça social (Nascimento, 2001). O que determina que a vivência da inclusão se realize mediante a experiência da humilhação, da significação social negativa, da degradação, como experiência coletiva de sofrimento e inferioridade subjetiva.

Por fim, este estudo teve como objetivos conhecer e analisar as significações que se configuravam no cotidiano de vida dos sujeitos inseridos na atividade produtiva da reciclagem, com ênfase inicial na significação do *trabalho* e do *cotidiano* e que, ao longo do processo de pesquisa, pôde-se observar a emergência da *identidade*, da *afetividade* e da *política*, enquanto

elementos que participavam da constituição de um novo estatuto para o sujeito humano.

Categorias entrelaçadas, reconhecidas com a análise de complexos processos de significação.

Segregação espacial e degradação humana: urgência de sobrevivência e estratégias para existir nas cidades.

É no exercício permanente de sobrevivência que o homem se insere no meio ambiente e sua inserção envolve a produção do espaço, numa ação cotidiana, em contextos históricos específicos. Os problemas ambientais decorrentes do estabelecimento do homem no espaço são resultados do modo de inserção e exploração do homem para garantir sua existência.

O espaço deve, então, ser compreendido como uma produção social e a questão ambiental não apenas como referente à relação homem-natureza, mas resultante dos impactos da inserção humana no ambiente, dos efeitos das relações *entre os homens* no ambiente. Desse modo, não compreendemos o espaço como algo abstrato, mas como natureza modificada, sendo o ambiente construído sob linhas e direções de transformação que são determinadas pelos homens e seus modos de apropriação dos recursos da natureza.

Quando nos referimos às transformações que os homens infringiram à natureza e aos processos de desenvolvimento decorrentes dessa transformação, temos em mente o desenvolvimento capitalista como gerador de desigualdades na produção do espaço, produzindo e designando lugares diferenciados para sujeitos humanos com diferentes poderes econômicos.

A questão ambiental, no esteio de nossas reflexões, situa-se no modo complexo com que a inserção do homem no ambiente, a produção e o acesso ao espaço e os recursos nele disponíveis, reproduzem desigualdades e produzem elementos indesejáveis ao próprio desenvolvimento, como as mercadorias que uma vez utilizadas, perdem suas finalidades.

Nos processos de urbanização, a natureza foi sendo posta em lugares determinados e planejados para sua emergência, quando não retirada da paisagem. Neste sentido, o homem passou a intervir, mesmo que mecanicamente, na produção da própria natureza. O homem apropriou-se da natureza, modificou-a num padrão simbólico e lhe determinou lugares e extensões (Rodrigues, 1998).

As áreas urbano-industriais que produzem bens e mercadorias representam a mais intensa modificação no ambiente natural com efeitos diretos na atmosfera e nos ecossistemas terrestres. Nos ambientes urbanos, os fluxos de energia e massas estão concentrados e, em seu dinamismo, geram calor e dejetos.

As alterações ecológicas provocadas pelo dinamismo dos ambientes industriais, muitas vezes ultrapassam o próprio ambiente urbano. Visualmente, a paisagem do ambiente é fortemente alterada pelos processos de urbanização, ocupação de terras e industrialização, entre eles, o relevo, a vegetação, a fauna, a hidrologia e o clima (Drew, 1989: 177).

Embora a urbanização e a industrialização tenham criado oportunidades, na mesma medida, produziram e produzem impactos negativos ao meio ambiente, modificando padrões de equilíbrio. A apropriação dos recursos naturais para fins industriais e de consumo urbano e os efeitos no aumento da população humana produzem a escassez de água e a poluição do ar, o aumento no volume de rejeitos e a gestão inadequada do lixo urbano.

As populações de menor poder econômico tendem a ocupar áreas desvalorizadas do ponto de vista imobiliário, ambientalmente frágeis, como os fundos de vales, encostas, áreas de inundação, infringem a lei ambiental e ocupam áreas protegidas, mas quase sempre deslocam-se para as periferias dos centros urbano.

A relação que muito facilmente se estabelece entre pobreza e degradação atinge imensos grupos populacionais ainda sem voz nos centros urbanos, muitas vezes culpabilizando-os pelos desequilíbrios nos ecossistemas e instaurando uma culpa e responsabilidade individual pela violação de códigos e leis de proteção ambiental.

Para Mueller (1997, p. 82) a segregação “*criou um tipo especial de degradação ambiental de difícil erradicação – aquela que resulta da provisão inadequada de assistência e de serviços públicos básicos às populações pobres em expansão nas aglomerações urbanas*”. A soberania absoluta do mercado vem determinando a produção do espaço como uma instância de dominação econômica (Pereira, 2001, p. 40), onde a própria linha de investimentos públicos afasta-se das áreas onde populações de baixo poder aquisitivo têm que suportar a ausência de serviços urbanos básicos e a habitação ilegal situada em ambientes de risco.

O processo de produção do espaço urbano descrito segue a lógica do sistema capitalista, configurando no plano espacial a emergência da cidade capitalista, *a cidade legal e a cidade ilegal*, compondo o retrato de uma cidade da desigualdade. A segregação espacial e as formas de apropriação do solo urbano resultam no estabelecimento de populações excluídas em terras irregulares.

A própria culpabilização pela ocupação ilegal das terras e a degradação ambiental que se acentua pelo estabelecimento de populações excluídas, tendem a situar estes grupos humanos no lugar da criminalidade, da inferioridade social, da estigmatização, da significação negativa de quem vive na subalternidade do sistema econômico. Então, assistimos à vivência da desigualdade como indicador de diferentes graus de cidadania.

A íntima ligação entre o sujeito e o espaço e as significações que esta relação configura em sua consciência, vai colorir a experiência da subalternidade na exclusão, como

também resultantes das determinações sócio-econômicas. A experiência da desigualdade vivida aos pares e em comunidade, institui ilhas de reclusão social, aprisionando sujeitos e grupos ocupados em elaborar estratégias de sobrevivência no espaço urbano; fazendo destes espaços o continente da degradação ambiental que atinge existências humanas e as degrada.

A degradação daí decorrente é humana, pois o sujeito humano se constitui na sua relação com o contexto sócio-histórico que o abriga e o suporta. A própria concepção de meio ambiente e degradação deve ultrapassar uma perspectiva espacial, atingindo a relação simbólica que funda a consciência e permite, pelas matrizes físicas e estruturais, o fundamento da existência humana.

Neira Alva (1997) nos permite pensar que a degradação ambiental vista nas grandes cidades representa a *“transcrição de uma crise social, econômica e política que afeta a civilização capitalista”*, diz ainda que tal crise apresenta-se com maior gravidade nas cidades que estão na periferia da economia globalizada. Nestas condições, o que ele chama de *“tecido urbano”* entraria em degradação.

Os processos de exploração de recursos e degradação do ecossistema urbano afetam a esfera sócio-ambiental e, com maiores impactos, *“sobre os setores sócio-economicamente menos favorecidos e, notoriamente, sobre os mais excluídos”* (Jacobi, 1997). Com isto, podemos pensar que tal impacto está definido pelos modos com que certos grupos populacionais acessam os recursos disponíveis e de que forma buscam inserir-se no contexto da vida urbana.

A estruturação do espaço e os planos de gestão ou mesmo a gestão pelo poder público do espaço urbano resultam em contradições. Para Castells (1983, p. 256), *“a organização institucional do espaço não coincide com estudo do elemento estrutural que chamamos de*

gestão, que é a expressão específica do aparelho de Estado ao nível de uma unidade urbana – o que faz levar em consideração vários outros dados que ultrapassam a organização espacial”.

Neste sentido, ações de planificação e repressão vão se regulando para constituir o espaço urbano num espaço de diferenciação social com usos determinados e grupos sociais que o habitam. A produção concreta do espaço urbano resulta de uma confluência de instrumentos sócio-econômicos e jurídico-políticos de regulação social: estratégias de amparo social (sazonais ou de caráter permanente), controle de endemias em grupos específicos (no nível da saúde pública), para citar alguns e ainda, toda a ordem de estratégias discursivas de legitimação da desigualdade social, presentes no discurso cotidiano ou até mesmo no interior do discurso acadêmico.

Deve-se destacar que, dentro do espaço urbano delineiam-se fronteiras, em outros termos, “espaços intrafronteiriços” que, no dizer de Ferreira e Magela (1998) “*limitam e excluem, dentro do mesmo espaço civil, indivíduos e grupos*”. Tais fronteiras urbanas podem configurar limitações para a expressão de necessidades individuais e coletivas de certos sujeitos e grupos, impedindo que a esfera do público revele a diversidade de necessidades e desejos e a conquista de direitos.

A não conquista de direitos e a experiência de sofrimento configurariam formas de ataques à dignidade humana e degradação do que é público, entenda-se no próprio espaço urbano. Criam-se, portanto, espaços diferenciados para a circulação, permanência e existência de grupos humanos; onde deverão, como única alternativa, utilizá-lo para produzir suas formas de sobrevivência.

O espaço das cidades como o lugar que conteria em si os recursos necessários para atender às necessidades de suas populações torna-se escasso. Produção de novos recursos,

mercadorias e riquezas, organização territorial e instrumentos para atender às demandas do homem urbano e do ambiente urbano deparam-se com limites cada vez mais rígidos de suas reproduções.

Ética, política e subjetividade no âmbito da sustentabilidade do espaço urbano.

Consideramos que, para compreender a dialética exclusão/inclusão social que se opera no ambiente urbano, devemos estabelecer os nexos conceituais entre sustentabilidade, ética e política enquanto dimensões que sustentam e, por esta razão, podem esclarecer os processos cotidianos que participam da vivência de integração que sujeitos e grupos experimentam na cidade e que se apresentam como elementos poucos articulados na compreensão da natureza e dinâmica do ambiente urbano.

Tem sido lugar comum declarar no discurso cotidiano da mídia, através da retórica dos grupos político-partidários e no interior da Academia, a necessidade fundamental de romper a relação circular entre pobreza e degradação ambiental. Pensa-se então que, para além da díade pobreza e degradação ambiental, é possível ver-se descortinar um modelo alternativo ao processo de desenvolvimento vigente. Assim, assistimos à discussão da sustentabilidade como novo paradigma de desenvolvimento.

A sustentabilidade como um outro paradigma de desenvolvimento tornou-se um imenso desafio à racionalidade e ao planejamento de ações de desenvolvimento e reorganização do cotidiano da cidade. Mas existem momentos na formulação do conceito em que outras dimensões da realidade humana foram sendo postas em destaque.

No conjunto dos temas discutidos na Conferência de Estocolmo, em 1972, além do reconhecimento das inter-relações entre meio ambiente industrializado, explosão demográfica e crescimento urbano, introduziu-se a temática dos direitos humanos; considerando parte dos

direitos, o meio ambiente sadio e a sua proteção para o uso das gerações futuras como dever de todos os contemporâneos. Ou seja, as dimensões temporal e ética do desenvolvimento se anunciavam como elementos a serem considerados nas discussões e planejamento de ações.

O relatório *Nosso futuro comum*, de 1987, veio, além de indicar propostas para os principais problemas em torno da questão do desenvolvimento, utilizar o termo *desenvolvimento sustentável* de modo que a partir daí difundiu-se seu uso para referir-se ao modelo de desenvolvimento que pudesse responder às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de sobrevivência das gerações futuras.

O relatório estabelecia, ainda, que a pobreza, a igualdade e a degradação ambiental não poderiam ser analisadas de maneira isolada, o documento considerava a pobreza como uma das causas e consequências dos problemas ambientais (Folladori, 2000, p. 44). O que quer dizer que a dimensão ecológica do desenvolvimento deveria incluir as condições materiais das populações humanas, suas formas de inserção nos diversos ecossistemas, bem como os impactos decorrentes desta inserção no interior das próprias comunidades humanas.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO – 92, sediada no Rio de Janeiro, em 1992, veio consolidar a noção de desenvolvimento sustentável, defendendo o direito ao desenvolvimento e ao meio ambiente saudável. Para Sachs (1994), dos documentos e relatórios produzidos com seu término, mais do que uma “Carta da Terra” mereceríamos uma “Carta da Vida na Terra” ou “Carta da Vida”, pois seria necessário estabelecer objetivamente “*a simbiose durável entre a sociosfera e a biosfera*”. No raciocínio de Sachs, a denominação de tal carta estaria excessivamente dominada pelo conceito de natureza do que do de povo, deixando a dimensão cultural da vida, podemos assim dizer, em segundo plano.

Quando consideramos a necessidade de pensarmos as dimensões da ética e da política, claramente situamos o sujeito humano como razão do processo de desenvolvimento e, neste sentido, buscamos pensar o modelo de desenvolvimento ambientalmente sustentável no que se refere ao acesso e ao uso dos recursos disponíveis, gerados em ecossistemas naturais ou artificiais. Ao mesmo tempo, cabe destacar que não falamos só do acesso aos recursos, mas das formas cotidianas de constituição e manifestação das existências humanas no ambiente. Falamos de sujeitos e grupos, da política cotidiana que se estabelece no dia a dia da cidade.

O paradigma proposto focaliza, como condição para estabelecer-se como socialmente sustentável, a redução das desigualdades sociais e da pobreza no sentido de buscar formas de equidade e justiça sociais.

É interessante notar que é na tentativa de realizar a justiça e a equidade sociais que faz-se necessário afirmar o caráter político de estratégias de desenvolvimento que se queiram sustentáveis. É apenas com o aprofundamento de formas de participação política no espaço público que será possível fortalecer a democracia.

O espaço público deve ser compreendido como lugar de produção e emergência da sóciosfera, sendo assim ressignificado como parte do meio ambiente; mesmo que reconheçamos nele sua natureza construída, sendo ele ecossistema artificial, mas lugar de expressão da pluralidade de tipos humanos.

Este redimensionamento do conceito de desenvolvimento sustentável requisita outra ética que balize sua processualidade. Para Guimarães (2001, p. 55), é a ética *“na qual os objetivos econômicos do progresso estão subordinados às leis de funcionamento dos sistemas naturais e aos critérios de respeito à dignidade da pessoa humana e da melhoria da qualidade de vida das pessoas”*.

O que equivale reafirmar valores que se inserem em dimensões que não têm recebido a devida atenção dos grupos de pesquisa, carecendo da análise de práticas culturais que a representem e que promovam a discussão teórica adequada.

O projeto urbano que se queira construir deverá estar atento ao princípio de que a cidade, para além de debates que restrinjam sua compreensão à técnica e à politização apenas, deve ser vista como lugar da expressão de desejos e projetos humanos, da resignificação da vida cotidiana, da construção da cidadania. Uma trajetória assim desenhada, fundando uma perspectiva ecológica, tem como ponto de partida, como nos orienta Dansereau (1999, p. 335), “*premissas sócio-econômicas, (no entanto) transpõe limiares políticos, culturais e psicológicos e alcança uma inevitável prescrição moral*”.

Inserir e manejar questões no âmbito da ética, da política e da subjetividade como variáveis fundamentais para formular e discutir estratégias e modelos de desenvolvimento nos cria dificuldades tanto conceituais quanto metodológicas. Mas devemos nos lançar a formulação de tais questões, pois justamente consideramos que pensar o desenvolvimento sustentável implica em retomar a noção de desenvolvimento humano presente no Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente, Cultura e Desenvolvimento, *Nosso futuro comum* (1987).

No que se refere ao espaço urbano, a noção de desenvolvimento humano não afirma um antropocentrismo em detrimento de toda diversidade que povoa a cidade, mas defende que o sujeito humano, enquanto sujeito e referente do desenvolvimento, não pode ser esgotado ou reduzido em definições e determinações e ainda, atendidas suas necessidades por recursos materiais, apenas.

Os critérios econômicos, embora em certa medida, participem da objetivação das necessidades materiais e de consumo, não são suficientes para sustentar dimensões da vida

humana que não se traduzem pelas necessidades materiais. Para o relatório, foi subestimado em muitos projetos de desenvolvimento o fator humano, que constitui “*a teia complexa de relações, crenças, valores e motivações existente no centro de toda cultura*” (Cuéllar, 1997, p. 9). Neste sentido, o desenvolvimento humano refere-se ao sujeito e à condição humana como objetivo último do desenvolvimento e um de seus agentes fundamentais.

Reafirmamos que todas as formas de interação dão-se em contextos específicos regidos por dinâmicas culturais que definem as formas de relações entre os homens e entre estes e a natureza. Deste modo, modelos de interações sociais e formas de inserção e exploração do ambiente são caracterizadas pelas significações atribuídas no universo da cultura.

No entanto, a cultura não deve ser reduzida a um elemento instrumental, mas deve ser reconhecida sua dinamicidade e seu papel construtivo. Não basta ao desenvolvimento integrar pela geração de renda e oferta de oportunidades de trabalho, é necessário questionar as formas de inclusão social.

Logo, o desenvolvimento que se apresenta como sustentável, requer, para além de inclusão ao mercado, o fortalecimento de instituições e formas de participação social confirmadoras de uma democracia política. Então, resgataremos o tema das identidades particulares e coletivas que se encontram à margem de projetos de desenvolvimento puramente econômicos; que findam por anular singularidades e homogeneizar sujeitos, grupos, comunidades e nações, atendendo às necessidades do mercado.

Pensar a sustentabilidade implica em reconhecer o *outro* como limite e referente das ações de cada ator, compreender que os processos de alteridade podem demonstrar a diversidade humana como valor que considera, mas ultrapassa a medida dos indicadores econômicos. Vale

afirmar que a qualidade das necessidades humanas determina a preservação de lugares para o acolhimento e a segurança, a preservação de identidades e da auto-estima no espaço da cidade.

Neste sentido, vê-se descortinar a dimensão subjetiva do processo de desenvolvimento da cidade e, querendo apresentar-se como sustentável, deverá atentar para a natureza simbólica da relação que o sujeito humano estabelece com o seu espaço.

Ao pretendermos compreender a dimensão subjetiva do desenvolvimento urbano sustentável nos apoiamos em Leitão (1999, p. 265) quando afirma que a sustentabilidade é:

“ (...) menos um apelo ao respeito aos recursos naturais limitados e, em grande medida não renováveis – largamente focado no discurso ambientalista – e mais a capacidade de intervir, compreendendo a natureza dessa relação, capaz de transformar abrigo em casa, espaços físicos em espaços de afeto”.

A autora propõe que as relações entre o sujeito humano e o ambiente (mesmo o ambiente construído) ultrapassam meramente a inserção espacial e a apropriação dos recursos da cidade e do espaço construído. Ultrapassam por não se definirem mecanicamente, mas simbolicamente. Assim, à atenção e ao respeito aos limites dos recursos naturais e ao ambiente construído, deve-se incorporar a conservação e a re-invenção dos espaços da política e do afeto.

Acreditamos que pensar o desenvolvimento sustentável e intervir no espaço construído, degradado por agentes e processos de naturezas diversas implica em considerar a análise da dimensão subjetiva da condição humana e da relação simbólica que sujeitos e grupos estruturam para constituir suas identidades, suas formas de inserção, e do lugar em que se posicionam/estão posicionados na cidade.

Para, temporariamente, concluir nossas reflexões defendemos que o paradigma do desenvolvimento sustentável só poderá ser tomado como proposta de política pública na medida

em que for capaz de enfrentar processos político-institucionais que estão na base da produção das condições de existência da humanidade. Sendo fundamental explorar a questão de como nossa concepção de natureza e meio ambiente urbano é construída, para que então outras perspectivas teóricas e metodológicas em relação à sustentabilidade ecológica possam emergir, “numa abordagem culturalmente diversificada quanto a temas como cultura, meio ambiente e desenvolvimento” (Cuéllar, 1997, p. 278).

É necessária uma revisão do próprio modo de compreender a coisa pública, a propriedade, o uso dos recursos naturais, a atenção à diversidade da vida e do patrimônio cultural da humanidade, as relações capital-trabalho, a realidade da democracia e o lugar do sujeito humano no ambiente para testificar nossa capacidade de enfrentamento de nossos problemas cotidianos.

De nossa capacidade de crítica aos processos de globalização, que homogeneizam pluralidades para fins de mercado, devemos produzir um entendimento e uma *práxis* que não nos faça temer a crise e querer resgatar a todo custo a ordem e a coesão, mas assumir a condição humana, com tudo o que há de perverso e sublime em sua realidade.

Segunda Parte

**Onde o sujeito (re)surge como referência teórica,
Como que para não nos apartarmos dele.
Onde se busca compreender
A condição de quem “vive no meio do inferno dos vivos”.**

Processualidades

Analisar processos e não objetos.
L.S. Vygotsky

4.1 – Sobre o cotidiano.

Para então pensarmos o ambiente urbano como lugar em que processos de exclusão desenvolvem-se a partir de vetores de ordem objetiva e subjetiva, destacamos que o palco que constitui as cidades congrega uma diversidade de personagens que se desconhecem, às vezes, mutuamente. Onde a presença silenciosa de uns pode ser denunciada pelo incômodo visível da miséria, da violência, da exploração pelo trabalho indigno dentro de uma dinâmica urbana de fronteiras perversas.

Um palco em que outros assistem à emergência de “uns-outros” estranhos e diversos, silenciosos personagens ou gritantes e destoantes seres aparentemente humanos, mas que demonstram uma diferença e semelhança que, alguns, preferem vê-la invisível.

Quais lugares e possibilidades de construir e realizar projetos, a cidade reserva para estas populações que lhes chegam? Estes olham o lixo da cidade e o re-significam... O lixo torna-se recurso, faz-se, é feito alimento, material reciclável que torna-se fonte de renda, material que constrói suas casas e suas vidas.

É na esfera do cotidiano que se produz subjetividades mutiladas pelas marcas da exclusão e que também é possível atingir níveis de re-configuração crítica da condição vivida na subalternidade e, neste sentido, defendemos que é no cotidiano de vidas em relações comunitárias

que o saber produzido historicamente é com-partilhado. Discutiremos adiante o conceito de cotidiano baseado no pensamento de Heller (1997) e como se realiza o processo de significação das experiências vividas no cotidiano.

Enquanto lugar que permite ao sujeito a vida, o cotidiano se desdobra, através de sua ação, “*em necessidades, aspirações, vontades e ilusões*” (Carone, 1995, p. 20). É pela interação entre o sujeito e as condições sócio-históricas dadas que se constrói uma vida cotidiana permeada de significados e sentidos. Por esta razão, a vida cotidiana “(...) é a vida de todo homem (...), do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade” (Carone, 1995, p. 20).

Cada um no cotidiano estando imerso vivencia *o aqui agora da vida* com toda a sua capacidade e meio que dispõe para ler, reler e, quando possível, re-escrever a sua história pessoal no coletivo da vida cotidiana.

O cotidiano não pode ser teorizado de fora, mas somente a partir da ação de sujeitos em relações comunitárias alimentadas pela esfera das objetivações, mediada pela interação e comunicação entre sujeitos.

Segundo Heller (1989, p. 20), o que move o homem em sua dimensão particular é buscar satisfazer o que quer o eu. Enquanto intencionalidade, a consciência desse eu se volta sempre para o mundo. Busca compreensão, satisfação e age por motivos individuais, mesmo que atue em atividades genéricas. Agir é mais que uma atividade humana, agir é toda e qualquer forma de interação humana.

O genérico e o particular se coadunam e formam a consciência em constante mutabilidade. É a consciência do nós e do eu. As objetivações sociais foram

subjetivadas/objetificadas e isto constituiu o sujeito que integra o genérico e o particular, que pode alterar a história (particular e comunitária), que re-escreve por si e com os outros homens, o gênero humano.

O homem está posicionado com o particular e com sua genericidade por estar em relação a estes pólos, que se integram e só fazem sentidos ancorados em sua consciência⁴.

A unidade entre o particular e o genérico é assistida, bem como sua dissociação, pela consciência do homem que sente, sofre e deseja diante do que vê.

E é justamente por “viver carências radicais” que o homem pode caminhar para a emancipação, possível quando o sujeito volta-se ao outro. Concordo com Bovone (1992, p.267) quando afirma que: “*em condições econômicas alienadas, é possível uma revolta subjetiva (com momentos de suspensão) contra a alienação*”. As trajetórias dos sujeitos, na apresentação e análise do material empírico, vistas pelo paradoxo do trabalho com o lixo, podem demonstrar estes momentos de revolta ou de reação ante à degradação e a opressão.

Aqui, faz-se um resgate da categoria do cotidiano para permitir a retomada da categoria trabalho como aquela forma de atividade desenvolvida, que participa da constituição da subjetividade e da configuração da identidade de um sujeito, mas enquanto realidade empírica vem sofrendo pelas consequências da globalização a diminuição de sua oferta, exigências cada vez maiores ao seu acesso, até sua precarização. Como grupos menos favorecidos, constituem

⁴ Recorremos a González-Rey (220, p. 226) para esclarecermos a concepção de consciência que adotamos: “A consciência não é sinônimo de razão, é sinônimo de representação, intencionalidade e reflexividade enquanto processos comprometidos com a ação do sujeito, embora cada um destes processos esteja subjetivamente constituído sobre configurações de elementos inconscientes que são fonte de seu sentido subjetivo. (...) No entanto, a consciência é a organização processual na qual o sujeito participa intencionalmente nos processos de sua vida, o que implica a organização de sua própria linguagem, na reflexão, na elaboração de projetos e no momento construtivo de suas filosofias de vida, de suas crenças e suas representações. (...) O exercício da consciência pelo sujeito é, em si mesmo, um processo de subjetivação. (...)”.

suas identidades e participam do processo produtivo e da vida nas cidades, diante da precarização e desemprego?

Aqui não teremos como desenvolver discussões teóricas que respondam a ponto de esgotar estas questões. As conseqüências da globalização e a precarização não serão foco de atenção, mas o cotidiano significado pelas populações excluídas do urbano ainda não realizado e/ou perversamente incluídas nele.

Caso estabeleçamos um elo entre identidade⁵ e integração social ao ambiente urbano, como então pensar a situação das populações excluídas e o sentido de pertencimento atribuído à comunidade humana, portadora de dignidade e direitos?

Sabemos que mais do que participar da objetivação do produto do trabalho, a consciência do homem é capaz de antecipar a imagem do produto do trabalho. Ao mesmo tempo que antecipa o que ainda está por vir, sua consciência infringe sobre o exercício do trabalho uma carga de afetividade num fazer que garante sua própria existência, refletindo a estrutura e a realidade social (Ciampa, 1987). As formas de configurar o seu modo de existir no mundo vêm assim sendo definidas pelas significações de suas experiências cotidianas. Não há uma identidade fixa, mas passível de transformação.

Os movimentos de sua consciência dão-se no cotidiano vivido, regulados pelas significações produzidas nas relações que trava com os seus iguais (Sawaia, 1987). Mas o que

⁵ Compreendemos a identidade a partir de González-Rey (2003, p. 263) como: “(...) sistema de sentidos que se articula a partir das configurações subjetivas historicamente constituídas na história de um sujeito concreto e nas condições concretas dentro das quais ele atua neste momento. Como resultado dessa confrontação entre o histórico e o atual, aparecem situações em que se apresenta a necessidade de o sujeito se reconhecer a si mesmo dentro da situação, de delimitar seu espaço, o espaço em que encontra a congruência consigo mesmo na situação que está enfrentando; esse é o momento em que aparece sua identidade, em que os elementos de sentido em jogo dentro da situação definem emoções que se evidenciam no sentido de identidade”.

realizaria o sujeito se o trabalho realizado se efetua em condições degradantes e parece dissipar-se com o pequeno rendimento e destina-se à manutenção da vida?

Pensar identidade de quem trabalha em condições degradantes e vive em lugar ambientalmente degradado nos sugere uma racionalidade que possa pensar suas necessidades levando em conta as possibilidades de transformação social implicada na re-configuração de suas identidades de excluídos sociais.

O que se deve desejar não é sobreviver nas cidades, mas participar na e da vida nas cidades.

4.2 - A multidimensionalidade do processo de exclusão e inclusão social.

A idéia de exclusão foi usada pela primeira vez na década de 1970 para ser referida a tipos que estivessem situados fora das redes de proteção social e que, neste lugar, assumissem, segundo Baráibar (1999, p. 82), o lugar de *problemas sociais*. Para esta autora, a noção de exclusão passou a designar a situação social de “*desemprego prolongado, a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho (...)*”. Wanderley (1999) nos diz que tem sido atribuído a René Lenoir a noção de exclusão, precisamente em 1974.

Os excluídos estão em posição desvantajosa por estarem identificados negativamente a grupos específicos que participam do conjunto da vida social com formas particulares de socialização (Baráibar, 1999, p. 83). Para esta autora, os processos de exclusão estão diretamente associados às situações de pobreza e a não integração ao mundo do trabalho. Cabe frisar que não se integram ao mundo do trabalho formal, por isto, o trabalho legalizado e assegurado sob leis trabalhistas e acordos/contratos, não os recebe. Sendo assim, podem os excluídos integrar-se à

informalidade do mercado, sob condições específicas que lhes asseguram, muitas vezes, apenas os meios de sobrevivência.

No campo da sociologia, o termo exclusão refere-se ao ato de colocar à margem um determinado grupo, diz respeito ao processo de não reconhecimento do outro ou de sua rejeição (Nascimento, 2000, p. 60-61). O *outro* surge como não semelhante, logo, destituído de uma identidade comum, não lhe sendo conferidos e reconhecidos direitos. Esta é uma acepção durkheimiana, onde o rompimento dos vínculos societários com a sociedade hegemônica, o estabelecimento de outros vínculos de sociabilidade como forma de sobrevivência coletiva, se constitui em “*sinais de uma coesão social fragmentada, patológica*” (Nascimento, 2000, p. 61).

Outras três acepções podem ser ainda referidas. A primeira, derivada do conceito de *anomia* citado anteriormente, identifica a exclusão social à discriminação; toda discriminação é uma forma de exclusão. Outra, baliza a exclusão pelo não-reconhecimento de direitos, aproximando-se do conceito de desafiliação de Castel (1998): são os extirpados do mundo dos direitos. Uma terceira, denominada de nova exclusão, “vai além da negação ou recusa de direitos, *funda a impossibilidade do direito a ter direito*, que como nos lembra Nascimento (2000), é uma clara alusão ao pensamento de Hannah Arendt.

No entanto, buscamos outras perspectivas teóricas para ampliar o conceito de exclusão e desvinculá-lo de uma acepção identificada apenas à dimensão econômica, definida pela impossibilidade de acesso ao mundo do trabalho.

Na hipótese, proposta por Nascimento (1994) para compreender o fenômeno, “a nova exclusão” resulta da articulação de diversas dimensões, construídas sob bases históricas e geográficas. Considera-se que as revoluções científico-tecnológicas trouxeram além de alterações profundas nas relações de trabalho, mudanças na própria estruturação do mundo do trabalho.

Cada vez mais há necessidades de menos pessoas envolvidas no processo de produção da sociedade. Da ampliação da força muscular para produzir, ampliou-se a inteligência para continuar a produção de riquezas, bens e serviços. Um contingente de trabalhadores torna-se dispensável para a produção.

Para Nascimento (2000), a exclusão está associada ao aumento de um contingente de pessoas que torna-se “o lixo industrial” da sociedade moderna, sem trabalho, sem qualificação e sem a capacidade de participar do mercado de consumo.

Para Nascimento (2000) os que compõem este contingente são os *novos pobres*, “desnecessários economicamente”, porque perderam sua função produtiva ou se inserem marginalmente no esquema de produção. Não são mais “exército de reserva”, já não são capazes de ingressar no processo produtivo da sociedade capitalista. “Politicamente incômodos”, a eles é atribuída a responsabilidade pelos destinos políticos que lançam o país no atraso, o voto concedido parece uma afronta e um exercício que impede o crescimento do Brasil. “Socialmente perigosos”, como bandidos e rejeito social, são vistos como ameaça social à ordem e à segurança. Em certas circunstâncias, são *passíveis de eliminação*, podem ser exterminados por estarem identificados às origens e à representação da violência que lhes parece natural, autoral e irremediável.

A abordagem que vem sendo feita atualmente da exclusão social prima pelo resgate de dimensões políticas do fenômeno, não apenas restringindo-o à categoria trabalho. Portanto, nos termos de Arendt (1997) e Nascimento (2000), poderíamos afirmar que ser incluído é ter direito a ter direitos. Nesta tendência que, para Nascimento (2001), não é um “destino inevitável”, assistimos à “*expulsão do mundo econômico (renda e consumo)*”, antecedendo “*a do mundo político e social (direitos)*, para finalmente ingressar na esfera da vida” (Nascimento,

2000, p. 82). A esfera da vida cotidiana onde a sociedade produz e assiste à ausência da solidariedade, pela afirmação do modelo econômico que acentua desigualdades, vemos a expansão do desprezo pelos trabalhadores pobres que não são mais nossos semelhantes.

Para Nascimento (2000, p. 82-83), o destino aparentemente inevitável da exclusão, uma vez reconhecido como uma tendência perversa, só poderá ser revertido se encararmos a dinâmica social que funda este fenômeno de maneira diferenciada, pondo em questão as formas de integração/inclusão que parecem funcionar com estratégias de contenção das “*massas excluídas internamente*”.

Para Sposati (1996):

“Exclusão social é impossibilidade coletiva de se partilhar da sociedade hegemônica e/ou dominante (num certo período de tempo), (...) a exclusão social (...) deve ser vista como um processo que leva à vivência de privação de recusa, do abandono e da expulsão, inclusive com violência, de uma parcela significativa da população. Não se restringe a insuficiência de renda ou escassez de bens, mercadorias e serviços, como apontam alguns conceitos analisados (...) Vai além, ao incorporar outros aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, de caráter objetivo ou subjetivo, vivenciados de forma coletiva”.

Será na tentativa de destacarmos outras dimensões do fenômeno que, através de algumas reflexões, articularemos, as dimensões da ética e da política como vertentes de uma realidade que cria novas identidades pela distinção e destituição subjetiva.

O debate reducionista à economia não nos oferece condição de atingirmos a dimensão ético-política que permeia e também participa da dialética exclusão/inclusão social. Para Martins (1997) e Oliveira (1997), incorpora a dualidade, aceita a desigualdade, incorpora na paisagem urbana a pobreza, as formas de violação de direitos quando dirigida à *aqueles des-selhantes*. Nos termos de Oliveira (1997, p. 60), “*o conceito de exclusão tem uma razão teórica, mas, sobretudo, ética e política: é ele que nos interpela sobre a natureza da polis que estamos*

construindo”. E que não se duvide, fazemos política no cotidiano; é uma *polis* construída pela diferenciação, que justifica a desigualdade e a injustiça.

4.3 – Afetividade, consciência e sofrimento: significar a existência na degradação.

Ao considerarmos que estratégias de desenvolvimento sustentável só podem realizar-se pela ampliação da consciência ambiental, o que significa incorporar a dimensão ambiental dos espaços urbanos e a natureza ética e política dos processos de produção da cidade, afirmamos que a sustentabilidade do espaço urbano passa pelo reencontro do sujeito concreto, que estabelece relações de manejo e troca com o ambiente.

Neste reencontro, cabe às formas de gestão da coisa pública e de manutenção da infra-estrutura da cidade, ater-se aos desequilíbrios em sua dinâmica e reconhecer, para além de qualquer pragmatismo e soluções tecnológicas, as formas de sociabilidade que se estruturaram para a reprodução do espaço urbano.

No exame destas novas sociabilidades, será encontrado o sujeito concreto que vive na cidade e, com ele, suas histórias individuais e comunitárias. A gestão da cidade encontrará então o homem comum, que ao estabelecer suas relações com o meio ambiente urbano, as significa e o faz pelo jogo dos valores compartilhados comunitariamente, na busca da felicidade e na tentativa de realizar-se enquanto projeto humano, experimentando a escassez de recursos, dificuldades em seu acesso e sua expulsão do mundo da cidadania.

Nestas circunstâncias, acreditamos que o sujeito está marcado pelo sofrimento ético-político (Sawaia, 1999), que o desqualifica subjetivamente e o situa na subalternidade. Sawaia concebe a afetividade como questão epistemológica e ética, indo até Vygotsky e Espinosa em suas elaborações teóricas sobre o tema. A partir destes autores, Sawaia nos diz que a emoção

deveria ser compreendida como fenômeno ético, que pode promover a autonomia do sujeito ou sua limitação.

Nas palavras da autora:

“Os afetos são inerentes à condição humana e por conseqüência à ética, pois determinam a passagem da heteronomia passional à autonomia corporal e intelectual. Mas sua gênese é social, pois mediados pelos significados. (...) De perturbadores, passam a reveladores do subtexto das palavras e propulsores ou inibidores do conhecimento” (Sawaia: 2001, p. 19).

Sawaia (1999) propõe o que denomina de sofrimento ético-político (Sawaia, 1999) como categoria de análise na compreensão dos processos de exclusão que podem situar grupos humanos na degradação. O sofrimento ético-político é eleito para perceber a perda do nexo entre o pensar, o agir e o sentir de grupos excluídos. Sofrimento decorrente da mutilação do cotidiano, da autonomia e da subjetividade; onde o conceito resgata a ética e a afetividade como participantes da dialética exclusão/inclusão social (Sawaia, 1999).

Aplicar o conceito de sofrimento ético-político na compreensão da dialética exclusão/inclusão social “*é uma oportunidade de refletir sobre a subjetividade enquanto fator histórico e confronto político*” (Sawaia, 1998, p.6). A subjetividade torna-se um produto de relações intersubjetivas (Molon, 1995), consubstanciadas nas trocas sociais e historicamente situada como condição do agir e pensar do sujeito.

Embora desqualificados subjetivamente, já se fazem “incluir” por estratégias perversas, que os retiram da mendicância e das ruas, que os localizam geograficamente em determinado ponto da cidade, inseridos numa dinâmica social e produtiva (mesmo que informalmente); mas esta inclusão, mesmo marginal à cadeia produtiva é feita mediante a humilhação que a degradação humana.

A experiência de degradação converte-se em sofrimento, que nos termos de Weil, (1996) não é dor do corpo, é dor de existir como subalterno, é o sofrimento de se ver pertencer ao processo produtivo, de não pertencê-lo. A experiência de sofrer pelo pertencimento que anula e limita, mas que faz o sujeito aparentemente aceitar a realidade por faltar-lhe capacidade de reação. O sofrimento ético-político é sofrimento da cidadania negada, é sofrimento do sujeito cindido entre a sobrevivência biológica e o projeto humano.

Pode ser configurado pela significação que o sujeito atribui aos eventos de sua trajetória de vida e esta significação, como anteriormente dita, se objetiva nos espaços de intersubjetividades; onde os iguais se encontram e reproduzem a sociedade, onde esta dinâmica social determinará a qualidade do lugar que ocupa tanto do ponto de vista da geografia do espaço da cidade, quanto no universo da representação social. A significação social compartilhada pelos diversos segmentos, classes e poderes caracterizará o lugar que cada um ocupa na estratificação social e seu valor como cidadão na *polis*.

A análise da dimensão subjetiva da vida cotidiana poderá ser reveladora dos reflexos na subjetividade, dos jogos de poder e das funcionalidades do espaço político da cidade; do tratamento dado aos processos de alteridade, que constituem as diversas identidades urbanas e as hierarquiza.

O colorido com que se apresenta o sofrimento ético-político fornece o modo de significar a condição de excluído, condição que é repartida coletivamente entre os excluídos como impossibilidade de realizar seu potencial humano, o qual foi e é cotidianamente negado como possibilidade de sua existência. “*O sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais*” (Sawaia, 1999, p. 102), mas que é experimentado como sofrimento apenas por quem o sente, que

pode e será desconhecido numa sociedade que justifica a desigualdade através de mecanismos psicossociais, éticos e políticos que estão na base de sua constituição.

A impossibilidade de acessar os bens materiais, culturais e sociais em cada época, de circular livremente pelo espaço público, de fazer representar e expressar o desejo e o afeto, caracterizando a desigualdade, marcam as subjetividades pelo sofrimento (Sawaia, 1999, p. 104-105).

Com Sawaia (1999) afirmamos que o sujeito não está alienado, mas limitadas suas possibilidades de autonomia, mantido na subalternidade pelo sofrimento ético-político, que configura identidades pelo impedimento ao desenvolvimento humano completo. A ampliação da consciência (se preferirmos acrescentar-lhe o qualificativo ambiental), passa pela conquista pelo exercício político amplo, para que o homem expresse suas necessidades, convivendo com seus iguais em espaços ambientais que lhe reservem o acolhimento de laços identitários/comunitários de pertencimento ao meio ambiente urbano, como lugar de uma existência digna.

E ainda acrescentamos, a ampliação da consciência passa pelo rompimento dos vetores pobreza, degradação, subalternidade, sofrimento ético-político, atingindo níveis de expressão de desejos e construção de projetos individuais e coletivos, rumo à felicidade pública. Felicidade que não é atingir uma satisfação imediata pela conquista de bens materiais, mas advém da experiência de emancipação de si e do outro (Sawaia, 1999, p. 105). A felicidade pública ou ético-política, pensada por esta autora, só pode ser experimentada quando ultrapassamos o individualismo; quando nos abrimos à genericidade, quando um resgate é efetuado pela condição humana em sua ligação com o coletivo da humanidade.

Neste sentido, só será possível empregar estratégias de desenvolvimento sustentável se forem conferidas a todos, indistintamente e por conquista democrática, mediante a experiência

coletiva de vivenciar a felicidade pública, o estatuto de sujeito político que participa do jogo de decisões que definem as re-configurações de espaços locais e seu funcionamento, possibilitando as identidades comunitárias a expressão legítima de suas necessidades e desejos.

Para buscar compreender o que ainda há de existir

N'As Cidades Invisíveis, Ítalo Calvino (2001, p. 140-150) descreve um diálogo entre Kublai Khan e Marco Pólo, quando estes discutem se “o inferno dos vivos” seria real e de fato e único fato possível, o último porto como “cidade infernal”. Inevitável porto.

O diálogo entre o Grande Khan e o Viajante Pólo é a tentativa de acreditar e não acreditar, de querer e não querer “*encontrar no meio do inferno dos vivos, o que não é inferno*”. Saber e afirmar o inferno, mas acreditar nas possibilidades (que parecem ainda não existir) de encontrar e “*reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno e preservá-lo e abrir espaço*”.

Existiriam, então, duas formas de lidar com o “inferno dos vivos”. As duas seriam tentativas de lidar com o sofrimento: aceitar o inferno e tornar-se parte dele ou arriscar-se no meio do inferno e aprender com ele.

As histórias de vida que esta dissertação carrega podem representar o retorno deste diálogo descrito por Calvino, quando cada um dos quatro sujeitos descreve o inferno dos vivos e a degradação que atinge a todos, em particular e coletivamente. Suas histórias de vida são tentativas de não mais sofrer, também de não sofrer tanto.

Mas, quem no meio do inferno, seria capaz de discernir o que ainda não é inferno? O que, ainda, não foi tornado inferno?

Este ajuntamento confuso de ferro, ferrugem, inferno e degradação parece lançar o sujeito na nulidade. Aquele que vive neste cenário deve, além de sobreviver a ele, ser capaz de continuar não como anjo ou mártir, mas como humano.

O inferno dos vivos constitui uma complexa rede de significações que não prescinde de uma base material para sua objetivação. O inferno dos vivos é real e se configura em um cotidiano permeado de significados. Um cotidiano de luta por sobrevivência em uma cidade que se degrada. Uma cidade real, concreta, produtora de riquezas, de apartação, que estrutura fronteiras perversas, entre territórios de distinções sócio-econômicas, de “*cidadanias hierarquizadas*” (Telles, 2001).

O inferno dos vivos é um campo, uma área, uma representação poética, mas não entenda o leitor, ficcional da degradação sócioambiental em que vivemos. A “poesia” de Calvino pode nos ajudar a compreender a dor sentida de quem vive em meio à degradação e que sofre porque está num inferno. Saber-se parte do inferno... E mesmo assim querer ultrapassá-lo, desejando encontrar no meio dele *um outro* com quem possa dividir a dor e procurar uma ou várias saídas possíveis para além da dor da degradação, da subalternidade e da nulidade. Ser ou voltar a ser quando tudo concorre para não ser legítimo o ato, a palavra e o sentimento. Para que não haja mais o sujeito.

Mas há. Há, de existir.

Há, sujeito. Existe, o sujeito.

Voltar a ser sujeito quando não parecia ser mais possível. O sujeito retorna à cena da cidade. Retorna em territórios onde impera a degradação.

A vida coletiva daqueles que vivem na degradação se caracteriza por formas de enfrentamento das condições limitantes de reprodução de suas vidas, também de busca por novas formas de existir (e resistir) à mesma degradação. A degradação que atinge a cidade é uma consequência do fracasso de modelos políticos, institucionais e econômicos que retiraram de seus horizontes o humano como medida e referência maior. Mas a degradação tem outras dimensões: que transcendem a materialidade. Há a significação do vivido. Por um, por tantos sujeitos.

Do lugar que ocupamos agora, vamos refazer um caminho para compreender trajetórias de quem se (re)descobre sujeito. Do lugar que ocupamos, vamos desenvolver algumas reflexões para compreender a condição humana numa perspectiva que reencontre a ética e a política como fundamentos.

A condição de degradação que se apresenta materializada e naturalizada na paisagem da cidade, onde a Vila torna-se a ilha de reclusão e isolamento. Um território de (in)visibilidade para objetivar a exclusão na e da cidade.

A geografia da cidade expõe a divisão, o encontro possível, a conjunção e a separação entre diferentes tipos humanos que se esbarram; põe à mostra as regras e normas silenciosas para o uso da cidade, de circular nela, de utilizar-se de seus espaços e recursos. Os tipos se definem e ocupam seus lugares por sua inserção e modos de apropriação da cidade.

Mas é do lixo, do meio do lixo que retornará o sujeito. De um território que o contém e o isola para um campo de expressão: o da palavra/escuta, que rompe o silêncio e da ação/movimento, que subverte o impedimento ao ato. O campo em que o sujeito conta o que vive (e viveu), o que fez para chegar até aqui, sobre qual horizonte, com prontidão, deposita seus desejos de ser mais do que se é agora.

Em Arendt (1997) viver de forma humana implica em ultrapassar o domínio da necessidade para atingir o campo ou o domínio da ação e da palavra; em outros termos, viver a vida política. Fazer-se político. Em sua perspectiva de análise da condição humana, o nascimento ou o conceito de natalidade caracteriza a concretude do sujeito no mundo. No entendimento de Lafer (1979), o sujeito está para o mundo com seu nascimento, através de sua ação inicia sua história. O nascimento e a ação estão associados.

A trajetória que percorre o homem para existir como homem se compõe de três experiências, nem sempre contínuas.

A primeira delas é a do *animal laborans*, limitado pelo processo biológico, dando sentido a sua existência pela emergência da preservação biológica. Ultrapassar esta experiência faz advir o *homo faber*, que cria coisas a partir da natureza, fazendo do mundo um mundo compartilhado. O fazer caracteriza o *homo faber* e Lafer (1979, pág. 190) nos diz que fazer significa “*uma atividade num determinado instante que tem começo, meio e fim*”. O *homo faber* é capaz de acompanhar *os momentos do fazer* e podemos pensar que ele, ultrapassando a experiência do *animal laborans*, descobre a atividade e o tempo interligados e *o outro* como aquele com quem compartilha o que foi capaz de criar.

Mas com a civilização industrial, os artesãos, aqueles capazes de criar que se fizeram *homo faber*, pelo peso da necessidade reduziram-se ao *animal laborans*. A terceira experiência humana foi tornada distante.

Hoje, muitos, como os artesãos de antes, vivem o impedimento para alcançar a *vita activa*, que significa viver com os outros de forma humana. Nesta experiência humana, as pessoas descobrem a ação e a palavra, aquilo que os distinguem dos outros animais.

A vida humana se distingue, enfim, da vida os outros animais quando as nossas necessidades ultrapassam os ciclos das necessidades biológicas. Arendt nos lembra que na Grécia Antiga, o campo das necessidades era de domínio da esfera da vida privada; a vida domiciliar e as estratégias para sua manutenção eram mantidas fora do alcance dos outros externos a ela.

Do lado de fora da vida privada, havia a *pólis* ou a vida pública, como campo para a liberdade, mas chegar até ela implicava em libertar-se do domínio da necessidade. A liberdade queria dizer utilizar-se da palavra e da ação, portanto, fazer política, implicando na negociação de interesses num mundo de diversidades.

Entre as dimensões da vida pública e da vida privada, há a fundação do *outro-externo* e do *nós-coletivo* que reconheço na *polis*. O termo público em Arendt (1997) quer dizer aquilo que pode ser visto por todos e também, que é comum a todos, que se diferencia do que é privado.

A construção destes espaços ou dimensões da condição humana implica em viver e significar os fatos e as experiências do e no cotidiano, onde o espaço público e as relações intersubjetivas se nutrem do diálogo instrumentalizado pela palavra para declarar os interesses e desejos de cada um.

A vida pública oferece a possibilidade de conferir sentido à vida humana. Na vida pública, *o homem pode ser visto e ouvido pelo outro*, pode ultrapassar o campo da sobrevivência e reconhecer outras necessidades e valores que caracterizam e definem sua condição humana.

No entanto, não deve haver oposição entre o público e o privado, mas a preservação de suas fronteiras. No privado, o homem pode estar sem saber-se isolado; no público, pode encontrar aquele com quem compartilha a realidade do mundo. Entre o privado e o público, o homem sabe que é singular ao inserir-se na diversidade humana, ao comunicar seus interesses e ser escutado pelo outro.

Ao ultrapassar a limitação da vida do *animal laborans* e experimentar ou recuperar a dimensão da vida pública, pode-se ver gestar o *homo politikus* a que se referia Aristóteles. Aquele que observa o outro, que expressa suas necessidades, defende seus interesses e pratica o diálogo. O diálogo sobre a vida torna-se o fundamento da existência do homem que experimenta a *vita activa*.

A construção, emergência e ocupação do espaço público (espaço para cada um, onde surge o “nós”) não devem implicar na dissolução da vida privada, antes realça os limites e as funcionalidades de cada uma destas dimensões. Antes de tudo, redimensiona existências humanas, identidades sofrem metamorfoses. Público e privado são instantes que se constroem na

companhia do outro, com a sua presença; onde histórias individuais e coletivas são vividas e podem ser narradas, produzindo subjetividades individuais e coletivas.

Para Arendt (1997), em nossa contemporaneidade não há distinção entre esfera privada e pública, esta foi invadida pela primeira. O espaço da “ação e do discurso” foi ocupado pelo domínio das necessidades. O homem foi reduzido ao *animal laborans*, todos os seus esforços voltam-se para a sua continuidade biológica.

O espaço público foi invadido pelo labor onde a repetição de um ato não gera a exteriorização do sujeito ao próprio ato ou produto do trabalho realizado. O peso e a urgência da necessidade fazem com que no trabalho realizado como repetição não haja “diferença entre força de trabalho e trabalho (Rosa, 1994, p. 117)”. Tendo o referencial de Arendt como base de suas reflexões, o estudo de Rosa nos dá sinais de diferentes significações das esferas do público e do privado.

Na investigação realizada por Rosa (1994)* foi possível verificar que “os trabalhadores antigos de casa” apropriaram-se do que seria o trabalho como espaço público e o fizeram enquanto “espaço do convívio entre si”. Ou seja, o espaço público do trabalho permitiu o estabelecimento de relações que não se esgotaram na apresentação do sujeito como animal laborans, preso às necessidades.

Rosa (1994) passa a referir-se a uma reinvenção do espaço público do trabalho, onde os trabalhadores convivem entre si no espaço público do trabalho. Neste locus, os trabalhadores, tendo o espaço público não totalmente privatizado e limitado à satisfação das necessidades, recuperaram o diálogo da vida em comum. No dizer de Rosa (1994, p. 118):

* A investigação de Rosa (1994) teve como focos o “sofrimento pessoal e os danos impostos aos trabalhadores ‘antigos de casa’ ” através do estudo de caso da indústria ótica brasileira. A autora *decidiu sentir* o sofrimento do sujeito que perdeu em si o “ser profissional”. O seu trabalho fala ainda das relações de poder e da política, não nos sindicatos, mas dentro da fábrica. Fala da reinvenção do espaço público do trabalho em espaço privado para tecer outras subjetivações do trabalho realizado e da vida em comum dos trabalhadores.

“(…) Então, na esfera privada, no locus de trabalho, em luta estão as forças do `animal laborans`, do `homo faber` e do cidadão – do trabalhador – contra o seu assujeitamento para reduzi-lo à força física produtiva, e dócil. O que quer dizer que o trabalhador não está reduzido, de uma vez para sempre, a animal laborans, a labuta, a labor. Demarca o trabalhador a diferença entre o seu trabalho como força de trabalho, consumida imediatamente em relações de trabalho que tentam produzir constantemente a redução do trabalhador à força física, produtiva e a docilidade, isto é, reduzi-lo a labor ou animal laborans”.

Se há transformações de identidades, se novas formas de existir, de experimentar e significar a vida cotidiana é porque o homem estabelece com a realidade relações potencialmente capazes de produzir a geração de novos sentidos subjetivos. O que caracteriza a condição humana é saber-se capacitado para ação e saber que sua ação não está isolada, mas compartilhada com o outro.

Se no campo do privado o homem está ocupado com suas estratégias de sobrevivência e com a produção de bens, no espaço público o homem pode abrir-se para novas possibilidades de produzir e expressar sua existência. Necessidades são redimensionadas, significações são compartilhadas. O sujeito faz-se expressar e vê a sua expressão particular refletida no outro. Neste sentido, a ação do eu não se completa numa relação mecânica definida pela reação do outro. Antes, a ação se insere num fluxo de significados que, manipulados nos encontros do espaço público, podem fundar novas possibilidades de experimentar o cotidiano, podem reescrever narrativas das vidas vividas neste cotidiano.

A ação e a palavra surgem como possibilidades para dizer do sujeito o que ele é e não é. Deixa uma margem para a resignificação, para sua rerepresentação, para a possibilidade de existir de novo novo. Para, dizendo aquilo que ainda não é, fazer manifestar-se ao outro numa relação que embora, fundada na demarcação da singularidade, acreditar e saber que o outro é capaz de ouvi-lo e compreendê-lo porque interligados por sua condição humana.

Paradoxalmente, o que poderia ser um destino inevitável, a partir das relações estabelecidas em torno do lixo, no inferno da degradação, os vivos puderam redimensionar seu lugar no cotidiano.

Existem aqueles, entre os vivos, que decidiram procurar o que não era inferno no meio do inferno.

Como entrar em campo?

Como dar vida ao poema e ao mau cheiro,
ao rangido, à qualidade de luz,
à tonalidade, ao hábito, ao sonho?
Quando se coleta animais marinhos,
descobre-se que existem determinadas
espécies de platelmintos,
que são quase impossíveis de se capturar inteiros,
pois se partem e se esfrangalham ao contato.
Deve-se deixar que escorram e se arrastem
para cima de uma lâmina,
transferindo-se em seguida com extremo cuidado
para um vidro de água salgada”
John Steinbeck (199?, p.8-9)

Ao privilegiarmos as trajetórias de vida dos catadores, elegemos como material empírico as informações geradas através da *história de vida* e da *observação participante*. Neste sentido, o *catador* é percebido pelo pesquisador como *sujeito* que elabora e produz significações de sua condição de vida na realidade concreta da cidade.

Para Debert (1986, p. 141), a utilização de métodos qualitativos de análise como a história de vida e a observação participante, objetiva “incorporar à historiografia oficial a versão que os oprimidos e desprivilegiados têm dos grandes e dos pequenos acontecimentos”. Evidentemente *dar voz ao sujeito* torna-se uma atitude por parte do próprio pesquisador que implica em assumir a responsabilidade pelo tratamento adequado da informação.

Os métodos da história e da observação participante não são, em si mesmos, capazes de servir de veículos para a expressão de outras versões da realidade e da história. O instrumento, para ser validado, deve adquirir sentido para o próprio sujeito pesquisado; pois, é no encontro entre pesquisador e informante, que novos sentidos subjetivos são gerados. É aí, precisamente,

que a história pode ser recontada, onde o pesquisador pode contrapor várias versões do acontecimento e depurar, pelo que se confirma e se nega, o novo na produção de saber pela ciência.

Neste sentido, não há neutralidade por parte do pesquisador; *sujeito que busca a informação e sujeito que declara o que sabe estão implicados na produção do saber que interessa à ciência*. Ao se analisar o discurso, este só tem sentido, se referido ao sujeito que o declarou e ao contexto em que emergiu. O conhecimento produzido neste encontro sofre tanto a análise de quem o declara quanto do pesquisador que o interpreta a partir dos referenciais com que se apóia⁶.

A abordagem qualitativa na pesquisa científica está diretamente associada ao *método etnográfico*, fazendo do trabalho de campo o momento fundamental para se repensar pressupostos teóricos e metodológicos. Nesta abordagem, o pesquisador tem a sua presença como um evento constante no contexto que pretende estudar, o que pode lhe dar acesso a fontes importantes de informação, através do que presencia, observa e participa (Haguette, 1992; Minayo, 1996; Cardoso, 1986).

O trabalho de campo permite que os processos de comunicação entre sujeito que pesquisa e sujeito que fornece o dado/a informação, caracterizem-se pela interatividade, permitindo ao pesquisador expandir-se “*com naturalidade dentro das relações e eventos que fazem parte da vida cotidiana do sujeito*” (González-Rey, 2002, p. 96). Neste sentido, o trabalho

⁶ Como bem alertou Bastos Filho no período que antecedeu o Exame de Qualificação, as diferentes posições que ocupam os sujeitos na pesquisa (especialmente o lugar em que se coloca o pesquisador) não implicam em perda da capacidade de analisar adequadamente o material empírico. Os diferentes lugares que ocupam os sujeitos demarcam papéis e perspectivas de análise, a partir dos interesses que cada um possui.

de campo não é uma simples coleta de dados, constitui-se em um processo permanente de eixos de compreensão do contexto empírico onde o problema de pesquisa se insere.

A perspectiva investigativa não deve prescindir da atitude de ir a campo, mas assumí-la e afirmá-la como instante maior na produção de novos saberes.

Nas palavras de Dansereau (1999, p. 378):

“O meio ambiente humanizado submete-se assim, ao crivo dos mesmos critérios que o meio natural e nós levaremos em consideração não somente os campos cultivados, mas também as indústrias e as cidades. A pesquisa de campo, que os biólogos quase chegaram a esquecer durante a década de sessenta, é o lugar das intuições criativas e das verificações de postulados teóricos. Torna-se necessário enfrentar o frio e a miséria, molhar os pés e respirar o ar poluído para encarnar uma autêntica problemática ambiental”.

O autor destaca que os impasses metodológicos que surgem na pesquisa sobre o meio ambiente estão relacionados à perda da tradição de ir em busca dos elementos empíricos que só a realidade concreta é capaz de fornecer. A própria formulação da problemática ambiental requisita, reconhecer que uma atitude de investigação científica passa pelo contato e experiência de sentir o frio, ver a miséria (humana!), sentir o chão molhado sob os pés (na expressão de Dansereau, em outro momento de seu texto, “descalços”), respirando o ar poluído de quem vive o encontro com a realidade.

Desse modo, as experiências marcadamente humanas fazem parte do cotidiano do pesquisador e participam do processo de produção de conhecimentos sobre a realidade que pretende conhecer e intervir. Dansereau assumiu a perspectiva do “cientista de pés descalços”, resgatando para a pesquisa em ecologia, a atitude de *ir a campo* como característica e elemento fundamental na produção de novos saberes sobre a realidade.

É dentro de uma perspectiva qualitativa de investigação, que esta pesquisa se apóia. Esclarecemos que, esta perspectiva não se define apenas pelos instrumentos utilizados na

investigação, “*mas pelo desenho das situações interativas onde os instrumentos adquirem sentido para os sujeitos estudados*” (González-Rey, 1997, p. 378). Então, o que aqui se pretendeu recuperar foi os modos que sujeitos particulares tinham de descrever, representar, de significar a realidade vivida.

6.1 - Observação participante e história de vida.

Tomamos a história de vida como método onde o sujeito surge como o centro mesmo do conhecimento (González-Rey, 1993). O sujeito é aquele que viveu e vive a realidade que desejamos investigar, portanto, ouvir o sujeito possibilita captar suas formas particulares de, ao contar sua história individual, dar-nos pistas de como compreende seu lugar no mundo.

Em Queiroz (1997), lemos que a história de vida é o “(...) *relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando constituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu*”. Quando esta autora diz que o relato se fará através do tempo, parece-nos que este seguirá em sua linearidade, mas nos enganamos ao encontrarmos no discurso do sujeito uma outra ordem que não a de uma ordem da continuidade passado-presente.

O tempo é relativo às significações que podem estar no passado que retorna, no presente em que nos encontramos ou num futuro que se vê despontar, sendo chamado como provedor de prazer, de realização e construção do que falta ao sujeito, do que ele deseja e ainda não foi vivido.

Para Minayo (1996, p. 126-127) a história de vida “*é instrumento privilegiado para se interpretar o processo social a partir das pessoas envolvidas, na medida em que se consideram as experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através delas*”.

Neste estudo é o *ambiente intangível* que queremos acessar, que não pode ser conhecido superficialmente, que se configura nos espaços das relações entre os sujeitos.

É da emergência de um grupo particular (em nosso caso, dos catadores de materiais recicláveis) que queremos conhecer e compreender; onde *o dado pessoal* representa a inserção do sujeito no ambiente, seu lugar na história, seu papel na dinâmica do cotidiano da comunidade e da cidade. No dizer de Fraser (1979), “*é a história vista pela política interna das classes*”.

Nisto reside o pressuposto de que o conhecimento é construído socialmente pelos sujeitos e compartilhado entre seus pares, fazendo-se elemento de trocas sociais e simbólicas. O saber de um sujeito pode ser partilhado e trocado, modificado. Interessa-nos saber em que medida é possível que este conhecimento venha dinamizar sua vida social (González-Rey, 1993).

Ao trabalharmos com histórias de vida privilegiamos as pessoas que participam e testemunham o cotidiano de vida nos assentamentos. Assim, reconhecemos que a linguagem é um processo social que contém significados de uma história viva e narrada, reconstruindo a memória particular que recupera a memória coletiva dos catadores e de seu grupo.

Acreditamos que a análise das histórias de vida nos permitirá compreender os processos de subjetivação da realidade vivida, no curso da temporalidade em que a chegada às proximidades do depósito de lixo, demarca um tempo *onde sobreviver na cidade é preciso*.

Minayo (1996) nos informa que a história de vida pode ser escrita ou verbalizada, no caso específico desta investigação, opta-se pela obtenção de histórias de vidas através das entrevistas realizadas pelo pesquisador nos encontros com os sujeitos. Fazemos tal opção por considerarmos o encontro com os informantes como potencialmente capaz de gerar novas significações, na medida em que as histórias particulares e coletivas serão narradas no instante do encontro, onde a memória de cada sujeito traz à tona significações socialmente partilhadas.

Parte das informações foi gerada através da observação participante registrada em diário de campo, servindo como material complementar no processo de análise. A observação participante caracteriza-se pela presença do observador na situação social que quer investigar; como nos informam Haguette (1992) e Minayo (1996), inserindo-se no contexto e estabelecendo o *face-a-face* com os sujeitos, fazendo parte do contexto, modificando e sendo por ele modificado.

O observador coloca-se no mundo de seus sujeitos para buscar conhecer os princípios gerais que regem sua vida cotidiana. E assim, “desvendar *esta lógica é condição preliminar da pesquisa*” (Minayo, 1996, p. 140). Deve-se conservar uma perspectiva dinâmica da parte do pesquisador, onde este “*ao mesmo tempo leve em conta as relevâncias de sua abordagem teórica, o que lhe permite interagir ativamente com o campo*” (p. 140). Os registros foram sempre efetuados após cada ida a campo e tendo realizado contatos com os moradores, servindo como elementos para descrever e compreender o cotidiano dos sujeitos.

6.2 – O início da pesquisa: a chegada à comunidade.

Os primeiros contatos com a comunidade da Vila Emater II já foram relatados na introdução desta dissertação. Estes contatos aconteceram nos anos de 2000 quando elaborava o Plano de Estudo para a seleção para o mestrado e em 2001, quando retornei algumas vezes para circular pela comunidade da Vila Emater I, conhecer e conversar com alguns de seus moradores.

Neste período, percebi que os moradores da Vila Emater I (entre estes alguns comerciantes), viam os moradores da Vila Emater II com desconfiança e medo. Referiam-se a Vila Emater II como “a favela lá em cima”. Apartavam-se dela.

Conversei com o balconista de uma padaria da Vila Emater I e quando lhe falei que pretendia desenvolver uma pesquisa lá em cima, na Vila Emater II, espantado me perguntou se eu não tinha medo de ir lá em cima e completou que aquela área era muito perigosa. Perguntei, então, se ele já tinha ido lá em cima e rapidamente respondeu: “_Não!”.

Para iniciar o processo de investigação na Vila Emater II, localizei alguns líderes entre os moradores, declarei meus objetivos e minha filiação à Universidade Federal de Alagoas.

O primeiro deles foi o próprio Beto, que me contou histórias marcantes da comunidade e falou-me de outras pessoas, com quem tinha proximidade e de quem estava afastado. Mas que em muitos momentos estiveram juntas na organização da vida comunitária e no trabalho com a reciclagem. Pedi que me apresentasse a elas. Entre estas, pedi que me indicasse os moradores mais antigos para conhecer a história da ocupação da área. Quis conhecer aqueles que foram ao I Congresso de Catadores em Brasília, também alguns que estiveram na manifestação na Praça dos Martírios.

A coleta das histórias de vida nunca foi efetuada no primeiro contato. Nos encontros iniciais, ao me apresentar e expor os objetivos de minha pesquisa fazia convites para que eles participassem como sujeitos fornecendo dados para minha utilização posterior. Em média, cada coleta de história de vida durava duas horas. Todo o processo de coleta das histórias de vida deu-se no período de janeiro a maio de 2003.

Todos os pedidos eram refeitos a cada sujeito que forneceram suas histórias de vida e estão sempre gravados no início de cada fita cassete. Para preservar as identidades dos sujeitos, seus nomes foram modificados. Do mesmo modo, por questões de segurança e ética, alguns funcionários de órgãos públicos e instituições tiveram seus nomes verdadeiros alterados.

Talvez fosse desnecessário dizer, mas a minha presença e circulação na comunidade e no depósito de lixo e o meu encontro com cada sujeito sempre disparava conversas que giravam em torno do trabalho com o lixo. Quase sempre com àquela descrição largamente difundida na mídia do catador trabalhando no depósito cercado pelo lixo em decomposição, a fumaça e os urubus.

Só depois que percebiam que eu não apresentava um rol de perguntas fechadas é que as nossas conversas descreviam um cotidiano de suas vidas sem fazer de suas trajetórias o retrato do exótico, a descrição da vida do “estranho”. Era quando eu percebia que se aproximava espontaneamente de suas histórias pessoais que eu interferia, circunscrevendo uma área que para mim era de interesse.

É necessário dizer ainda que nem todas as conversas com os moradores foram gravadas. No caso de Beto, tivemos dois encontros até que no terceiro, com o uso do gravador, registrei sua história de vida.

Percebi que quando conversava com outros sujeitos dentro do depósito, embaixo das tendas ou mesmo na área denominada de “tombo”⁷, eu era identificado, entre aqueles que ainda não me conheciam, como alguém que estava ali para entrevista-los. Eu estaria ali para isto: fazer entrevistas com os catadores. O interior do depósito e a atividade de catação sempre atrai mais os olhares que o interior da Vila Emater II. O horror que o trabalho com o lixo causa parecia ter também me atingido. Então, para alguns dos catadores eu estaria ali para entrevistar “àquelas pessoas que vivem do lixo”.

⁷ Entre os catadores, “o tombo” indica tanto uma área específica do depósito em que os caminhões de coleta despejam os resíduos quanto o próprio ato que o catador executa para despejar o conteúdo dos sacos, por ele preenchidos, durante a semana ou a quinzena de trabalho. O tombo é a área em que os catadores aguardam os caminhões com seus ganchos e sacos assim como denomina o ato de “tombar o saco” e pesar sua produção de trabalho.

A coleta das informações efetuou-se através de entrevistas semi-estruturadas (Minayo, 1996 e Haguette, 1992), que buscavam conhecer suas histórias de vida, seus modos de descrever, compreender e significar suas experiências cotidianas. A entrevista de tipo semi-estruturada permitiu que se levantassem questões que interessavam ao pesquisador possibilitando ainda um espaço para que a criação espontânea do sujeito. Buscamos conhecer as histórias de vida, sem, no entanto, desconsiderarmos outros dados e temas declarados no discurso do sujeito.

Elegeram-se a entrevista semi-estruturada por permitir a intervenção do pesquisador no instante da coleta das informações, interagindo com o informante, cuidando para que este não desviasse do objetivo do encontro: *reconstituir sua trajetória de vida*.

As entrevistas foram gravadas em fitas cassete, transcritas a fim de permitir a (re)construção das histórias de vidas dos entrevistados, constituindo-se como principal material empírico de análise. Todas as gravações contêm a permissão declarada dos entrevistados para o uso dos conteúdos das conversas, entre pesquisador e sujeito que produz a informação, no desenvolvimento da investigação.

O conteúdo das entrevistas foi utilizado quase integralmente, salvo pequenos trechos que não foram compreendidos, onde a gravação não permitiu o entendimento das falas. Por estas razões, o leitor não encontrará anexadas as transcrições das entrevistas realizadas com os sujeitos.

Em outros momentos, os próprios sujeitos pediram para que certos trechos fossem suprimidos, justamente quando se referiam a pessoas públicas de grande destaque, no contexto de instituições e poder público locais. Optei por construir as histórias de vida sempre seguindo as relações estabelecidas pelos sujeitos, no tempo presente, com o trabalho na reciclagem e o cotidiano na Vila.

Em alguns instantes o gravador era desligado, embora a coleta as informações continuasse, os sujeitos forneciam elementos preciosos para compreender a dinâmica cotidiana do lugar. Nestes instantes, chamavam a minha atenção para que não esquece certos detalhes. Sempre que iniciava as gravações, repassava alguns trechos para que pudessem ter conhecimento do que produzíamos.

A coleta das informações só foi encerrada quando já era possível identificar conteúdos simbólicos, significações das práticas cotidianas que compunham suas trajetórias de vida. Neste sentido, a qualidade da informação “*vem regulada pela profundidade e pelo grau de recorrência e divergências destas informações*” (Duarte, 2002, P. 43-44).

Neste momento, o exame do material empírico permitiu o estabelecimento de categorias de análise da realidade investigada. Duarte (2002) afirma que as informações tendem a manifestar recorrências de temas que indicam que se atingiu o *ponto de saturação*, finalizando no campo, a coleta das informações.

6.3 – O universo empírico e os critérios para seleção dos sujeitos.

Consideramos que foi na *interatividade pesquisador e grupo-sujeito pesquisado* que a amostra foi modelada justamente pela “*natureza do problema e não pela natureza estatístico-populacional*” (González-Rey, 2002, p. 169). Para este autor, a amostra é *propositiva*, constitui-se através do problema formulado e considera o grupo que compõe a amostra não como *a soma de sujeitos*, mas “*como sistema constituído em sua subjetividade grupal, o que definiria a especificidade de muitas das informações produzidas neste contexto em relação àquelas que expressam os indivíduos em separado*” (p. 169). Portanto, o processo de seleção da população alvo constituiu uma complexidade progressiva.

Para González-Rey (2002, p. 167): “Ao considerar a generalização resultado da qualidade da consistência teórica, os critérios de sua definição deixam de ser correlacionais, de repetição e padronização e se definem pelo alcance das construções produzidas pelo pesquisador”. É a aplicação do conhecimento gerado, a partir da análise do material empírico, que pode permitir esclarecimentos ao caso particular tematizado na pesquisa. Para este autor, “(...) o caso não é um elemento isolado, mas um momento de sentido no curso da produção teórica” (González-Rey, 2002, p. 167). Logo, deve fornecer elementos para pensar o problema de pesquisa proposto, gerar nova compreensão do temático e permitir a formulação de novas questões.

Utilizou-se aqui uma amostra não-probabilística de sujeitos baseada na idéia de “tipicidade” (Ludke e André, 1986), o que significa selecionar para as entrevistas um grupo de sujeitos entendidos como *típicos da totalidade do contexto e da problemática a ser investigada*.

O universo empírico foi composto de 4 sujeitos localizados entre as famílias que estão assentadas no alto da encosta.

Com os sucessivos contatos como os moradores através da minha entrada no cotidiano da comunidade, percebi uma divisão interna entre os catadores: haviam os catadores que trabalhavam no lixão e aqueles que trabalhavam na cooperativa. Portanto, o universo empírico foi composto por sujeitos que estabeleceram diferentes relações com o trabalho na reciclagem e, com isto, podemos afirmar que não há uma homogeneidade que caracteriza o catador de lixo. Assim, realçamos as singularidades e as intenções daquele que está inserido no processo da reciclagem.

Entre o universo dos sujeitos, composto quando da entrada do pesquisador no cotidiano da comunidade, buscou-se aqueles moradores de idade mais avançada para que fosse

possível reconstruir a história do assentamento; pois é através dos relatos orais dos mais idosos, que a memória da comunidade é acessada, onde *o relato dos mais velhos resgata as transformações que marcam a história coletiva* (Bosi, 1994).

6.4 – Uma estratégia de análise: processo de significação.

Ao assumir uma perspectiva ético-política (Sawaia, 1999) para desenvolver este estudo e optar pela investigação da subjetividade fomos em busca de referenciais teóricos e metodológicos que nos oferecessem as bases necessárias para atingirmos os objetivos propostos.

Neste instante, nos ocuparemos de delinear alguns elementos conceituais para servirem de base ao processo de análise do material empírico.

A perspectiva proposta por Sawaia (1999) implica em assumir os pressupostos da chamada Psicologia Sócio-Histórica, sendo o pensamento de L. S. Vygotsky a referência maior.

A opção pelo subjetivo e pela afetividade se situam na necessidade de articular tais conceitos a noção de intersubjetividade. Onde tanto a subjetividade quanto a afetividade não são fenômenos intrasubjetivos ou originados no mundo privado de cada sujeito, mas “quase sociais, quase psicológicos”, produtos do encontro entre sujeitos, mesmo que adquira configurações singulares.

Portanto, suas investigações determinam rupturas para encontrar o contexto (aqui o cotidiano) como base para os encontros intersubjetivos. O que pensa, como age e o que sente são instantes da investigação que podem ser acessados através da linguagem e da palavra e neste sentido, instrumento produzido social e historicamente que materializa (objetifica) as significações em um dado contexto. O universo das significações se mostra pela linguagem em

uso, onde a palavra permite ao sujeito participar produzindo e compartilhando o conhecimento, os valores e a cultura.

Para tanto, é necessário compreender o pensamento de quem fala, ou seja, um outro movimento de resgate da processualidade que gera o pensamento e a fala.

Inicialmente opta-se pela análise da unidade que é a palavra. Então, entre o interno e o externo, a palavra surge como elemento que contém os sentidos produzidos sócio-historicamente situados.

Busca-se a gênese deste processo que pode ser reconstituída ao localizarmos as necessidades e os interesses que determinam as escolhas das palavras para descrever e qualificar os estados do sujeito.

Vygotsky (1998, p. 129) nos diz que: *“Por traz de cada pensamento há uma tendência afetivo/volitiva, que traz em si a resposta ao último porque de nossa análise do pensamento. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva”*.

Então, já podemos definir aqui dois focos de atenção: a investigação em unidades que corresponde ao significado da palavra e para tanto, o destaque de suas bases afetivo-volitivas.

Assim:

*“(...) o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada idéia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere. **Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até seu comportamento e sua atividade** (Vygotsky, 1998, p. 7., grifos meus)”*.

Estabelece-se, deste modo, uma relação entre as necessidades vividas, suas significações, os afetos envolvidos e o que motiva o comportamento do sujeito na realidade. Nesta linha de pensamento, a palavra irá conter a significação atribuída ao comportamento e em instância mais abrangente ao modo com que o sujeito insere-se na realidade e de que modo a subjetiva.

Vygotsky distingue significado de sentido. Para ele, significado corresponde “*a uma das zonas do sentido, a mais estável*”, relacionado, por exemplo, ao que está nos dicionários. O sentido resulta do que acontece na consciência do sujeito através da palavra; é originado da dinâmica psi na consciência do sujeito. O sentido resulta da tensão entre as experiências pessoais do sujeito e as significações presentes no mundo social.

Feitas estas considerações referentes ao processo de significação, passamos a descrever como se efetuou a análise do material empírico.

Após coleta dos dados e com a transcrição das entrevistas das fitas magnéticas, procedeu-se a reconstrução das histórias de vida dos sujeitos entrevistados. A análise das histórias de vida compreendeu o reconhecimento de temas que emergiam, quando estes organizavam suas narrativas para dar conta de suas trajetórias de vida. Neste momento, retornei aos objetivos da pesquisa. Sendo o cotidiano e as trajetórias de vida elementos empíricos definidos no projeto a receberem atenção especial do pesquisador, observou-se a emocionalidade que se configurava pelo trabalho na reciclagem e dinâmica na vida comunitária.

Considerando “a palavra com significado” passamos a elaboração do que autores como Aguiar (2001) e Oliveira (1998) denominam de “núcleos de significação do discurso”. Neste momento fui em busca dos temas que surgiam nas falas dos sujeitos mobilizando emoções. Uma apresentação das unidades de significação o leitor encontrará no Capítulo 8 que trata das

análises das informações. As categorias *cotidiano e trabalho* foram inicialmente eleitas para compreender a dimensão subjetiva da dialética exclusão/inclusão social, esperou-se que estas venham a se destacar nos discursos dos sujeitos. A análise do material empírico revelou outros elementos, que o leitor poderá conhecer com a leitura dos capítulos 7, 8 e 9.

As unidades e núcleos de significação foram elaborados combinando a necessidade de atingir os objetivos propostos no projeto de pesquisa e os elementos que emergiam das falas dos sujeitos.

Para tanto, temos em mente o processo de significação descrito por Pino (1995;1992), Gonzalez-Rey (2003) que, entre outros autores, situam seus estudos na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, onde Vygotsky é a referência basilar.

O processo de significação, dentro de uma perspectiva qualitativa, pretende efetuar uma leitura processual na construção da informação. Procedeu-se a análise das histórias devida, buscando captar o que o sujeito pensa e sente, que não está explícito no significado das palavras, mas contido em seu *subtexto*.

O termo subtexto significa para Vygotsky (1989), os motivos que levam as pessoas a empregarem as palavras que compõem seu discurso. O emprego vem regulado pela base afetivo-volitiva, onde a afetividade participa com as demais funções psicológicas (memória, pensamento) e com o contexto sócio-histórico, na produção das significações.

Quando empregamos os termos: *social e contexto sócio-histórico*, estes contêm uma acepção baseada nas reflexões de Molon (1995, p. 163), entendidos como “*constituído e constituinte de sujeitos historicamente determinados em condições de vida determinada historicamente*”. Os processos psicológicos, nesta perspectiva, estão estruturados por uma subjetividade que “*extrapola os limites da individuação de um sujeito*”. (Molon, 1995, p.165).

Embora no sujeito ela se materialize e é objetivada, para ser produzida necessita da *intersubjetividade*, que quer dizer o encontro entre os sujeitos.

Aqui empregaremos a noção de intersubjetividade baseada no pensamento de Vygotsky e desenvolvida por Pino (1995), conceito associado à Psicologia Sócio-Histórica. Pois é intersubjetivo o encontro onde se negociam “*mundos de significação privados à procura de um espaço comum de entendimento e produção de sentido, mundo público de significação*” (Pino, 1995, p. 22).

A subjetividade é produzida neste encontro entre sujeitos diferentes e semelhantes, “na fronteira entre o público e o privado” (Molon, 1995, p. 166). Desse modo, o sujeito não está isolado na esfera do privado ou anulado como singularidade, “*diluído no coletivo e reflexo das determinações*” (p. 166). O sujeito se constitui nas e pelas relações sociais; o sujeito se revela, porque se realiza na relação com outros sujeitos. Não existe em si mesmo, mas em relação ao outro.

Concordo com González-Rey (2003, p. 195) quando este diz:

“A manifestação diferenciada do sujeito em cada espaço social concreto está subjetivamente constituída por sentidos procedentes de suas experiências atuais e anteriores dentro de outros espaços sociais. Portanto, suas ações evidenciam a história complexa de sua vida social anterior. Neste sentido, o estudo do sujeito nesses cenários microsociais implicariam compreender os comportamentos ali produzidos por meio das configurações subjetivas diferenciadas que participam do sentido subjetivo desse comportamento, nas quais se sintetizam os diferentes momentos da vida social do sujeito”.

Interessa-nos compreender este encontro entre sujeitos em diferentes instantes e espaços, onde possamos romper as cisões objetivo/subjetivo, determinação/autonomia, para proceder uma análise que encontre o sujeito sócio-histórico situado nas circunstâncias das condições materiais do meio ambiente urbano. Sujeito inserido no ambiente que é produtor de sua história pessoal e coletiva, que age na realidade e significa o que viveu.

É neste encontro cotidiano que os catadores (re)significam sua condição cotidiana de vida. Acreditamos que quem quiser pensar o papel e o lugar das populações urbanas excluídas na produção do espaço, de suas lógicas de degradação ambiental e humana, de segregação e configuração de formas perversas de inclusão social deverá, por um imperativo ético, criar meios e instrumentais para desvelar processos subjetivos/objetivos que sustentam a produção de subjetividades mutiladas pela subalternidade.

Terceira Parte

Onde o sujeito retorna como referência empírica, mas sempre humano.

Onde se busca compreender o humano que se degrada, mas que se quer ainda humano.

**Onde o que é humano, “porquanto é belo” e que se sabe limitado,
vive ainda e permanece como possibilidade de ainda ser.**

Onde a sustentabilidade que, para ser, deve dialogar com o que está ameaçado.

Abrem-se as cortinas: em cena o sujeito.

O Verbo é um símbolo e um prazer
que suga os homens e as cenas,
árvores, plantas, fábricas e chineses.
Depois a Coisa se torna o Verbo
e volta ser a Coisa,
mas deformada e entrelaçada num padrão fantástico.
O Verbo suga Cannery Row, digere-a e vomita-a.
A Row assume então o tremeluzir do verde mundo
e dos mares que refletem os céus.
Jonh Steinbeck
(198?, p. 20)

7.1 - O início de tudo, quando tudo começou e o incêndio que destruiu tudo.

O que se segue busca apresentar uma pequena história da Vila Emater II. O leitor deverá compor suas *imagens da Vila*. Que o leitor crie suas próprias imagens da Vila.

As informações que pude dispor, obtive através de conversas com alguns moradores durante minha circulação pela comunidade. Todos com quem conversei afirmaram já ter encontrado outros moradores instalados ou na base da encosta, que hoje constitui a Vila Emater I ou morando dentro do depósito de lixo. Não houve um “primeiro” morador. Nas memórias, não se sabe quem chegou primeiro, mas todos vieram aqui para trabalhar.

O depósito de lixo tem 35 anos, no início os trabalhadores construía seus barracos dentro do depósito, trabalhavam durante todos os dias e voltavam para suas casas. Os trabalhadores moravam em casas que ficavam nas proximidades do depósito, ou em bairros próximos ou no interior do estado. Os que moravam no interior, retornavam nos finais de semana ou a cada quinze ou trinta dias para suas famílias.

A subida da comunidade da base para o alto da encosta foi causada pelo incêndio que destruiu os barracos que contornavam o lado esquerdo da encosta. A primeira formação de barracos, que ocupava uma das vias de acesso ao depósito, fora destruída em pouco mais que quinze minutos. Segundo Santos e Oliveira (2002), no ano de 1996, nos meses de fevereiro e março ocorreram dois incêndios consecutivos provocadores por moradores.

Todos disseram que não conheciam o depósito, souberam dele através de amigos e parentes. Ou ainda por pessoas que haviam conhecido. A realidade de um lugar que oferecia trabalho, renda e alimento era atraente, vinham então conhecer esta realidade de provimento.

Aqui chegando, compravam, alugavam ou construíam seus barracos. O que os marcava de imediato eram as condições de trabalho e a quantidade de alimento e materiais para a revenda no comércio da reciclagem. Neste momento, conheceram os grandes atravessadores de hoje, só que na época eram “pobres” ou como mais tarde me diria Marli, chegavam aqui “puxando a cachorrinha!”. Era o começo de tudo.

Havia alimento e recursos para todos, os alimentos eram de boa qualidade: fardos de carne, frutas, cachos de banana, pacotes de arroz, feijão... Não havia a sujeira que há hoje, descrevem um tempo e um estado que contrasta com o presente. Era um tempo de fartura. Onde se sobrevivia sem grandes disputas, onde amizades foram forjadas em torno do lixo.

Todos se referem a este tempo como idílico, em suas lembranças não há sofrimento, tristeza ou degradação apenas, mas a descoberta do novo. O depósito é um lugar de trabalho e encontro com novos amigos e capaz de permitir suas sobrevivências. E em boas condições, pois sempre comparavam o passado com o momento presente em que nos encontrávamos.

Todos lembram das plantações de hortaliças e do córrego que ficava próximo e não era poluído. Falam, então, do Córrego do Pitanga que também recebe a carga de poluição do depósito. Cultivava-se nas proximidades e dentro do depósito. Montavam seus barracos até dentro dele, não fazendo menção aos odores, às moscas ou aos pequenos animais, como roedores.

Até o dia em que o incêndio destruiu os barracos. Num acidente, o fogo de um dos barracos se espalhou por todos. Como seguiam este caminho e contornavam a encosta subindo-a, o fogo tomou conta muito facilmente pela brisa vinda do mar. Descrevem com tristeza a destruição dos barracos ao mesmo tempo, que relacionam o que aconteceu ao começo de uma nova etapa em suas vidas: a subida para o alto da encosta e a origem da Vila Emater II.

No dia seguinte ao incêndio, representantes do Rotary Clube e logo em seguida de um grupo religioso, chegaram ao local oferecendo roupas, material para reconstruir seus barracos e comida, além de colchões e lençóis. O incêndio fora noticiado pelos meios de comunicação local, fazendo com que os olhares da cidade se voltassem para a comunidade.

De propriedade da COHAB, o terreno do alto da encosta não poderia ser ocupado. Mas me contam que alguém que cuidava da propriedade havia liberado parte da área para que ocupassem, evidentemente isto não constituía uma posição do poder público. Limparam a vegetação que cobria a área, instalaram-se e em pouco tempo, o número de barracos crescia. Foram logo denominados de “favelados”, o lugar ficou conhecido como a “Favela da COBEL ou do Lixão”.

Assim passaram a ser conhecidos, assim passaram a denominar-se.

As experiências vividas na comunidade, que o leitor verá objetivadas pelas Histórias de Vida que se seguem, promoveriam alterações na estrutura do lugar. A chegada de água, luz,

posto de saúde próximo à comunidade, a construção da pista de barro que margeia a Vila Emater II, as mudanças na forma de “explorar” os recursos do depósito, a presença dos atravessadores e a ação do poder público possibilitaria a construção de muitas histórias.

A denominação de Vila Emater II buscava lhes conferir a dignidade de comunidade, portanto compreendiam sua condição como de moradores de uma comunidade. Rejeitavam a denominação de favelados, requisitam então um outro status social. Não se permitiam mais chamar de favelados, eram os moradores da Vila Emater II.

O segundo incêndio, quando já estavam morando no alto da encosta, já denominados de Vila Emater II, não foi tão destruidor quanto o primeiro que me contaram. O segundo foi controlado pelos próprios moradores. Rapidamente, os gritos e a correria com água abrandariam o fogo. Não se viu a mesma destruição que o primeiro causara. Na segunda, me contam: a solidariedade com o outro em apuros garantiria a sobrevivência de todos.

Da origem da comunidade, convido o leitor para conhecer histórias particulares que se escreveram coletivamente.

7.2 - Fragmentos e personagens de um cotidiano: histórias de vida.

A história de vida é a reconstrução de uma trajetória pessoal. Mas não de uma trajetória que se faz sozinha, mas aos pares, na companhia de outros. Não de outros completamente diferentes de mim, mas de um outro que não sou eu. Mas que eu sei explicar porque é diferente e porque em certos momentos, posso me sentir tão igual, tão semelhante.

As histórias destes sujeitos têm como tônica a representação da dimensão cotidiana do trabalho de uma comunidade na reciclagem, vista através da significação daqueles que realizam o trabalho de coleta e seleção dos resíduos.

O que se segue não seria mais verdadeiro ou confiável se estivesse amparado por tabelas e gráficos recheados por números. O que se segue é a palavra de quem contribui para alterar os números, recompor as tabelas e redesenhar os gráficos do volume crescente dos recicláveis e do lucro fácil para a indústria e o comércio que deles se alimentam.

7.2.1 – A história de Laura, que jurou no pé da cruz que não voltaria.

A personagem...

*O nome é Laura*⁸, “hoje eu tô com 31 anos, tive três filhos. Um morreu, né? Minha mãe cria a mais velha que tá com 10 anos e eu crio um que tá com 7 anos. Tá no colégio”.

Minha mãe mora no interior, em Roteiro. Nasci em Roteiro e a maioria do pessoal tá todo aqui, porque Roteiro é uma cidade muito pequena. Morei em Roteiro nove anos, na verdade nasci em São Miguel e fui para Roteiro. Foram nove anos de fome.

Roteiro é uma cidade muito pequena e lá não tem recurso, pra começar. Nessa época, (nos meses de março e abril), pára tudo, o pessoal fica desempregado e corre pra onde tem emprego. *Foi o caso de Laura, como de outros moradores que nasceram ou vieram de Roteiro, correram para onde tinha o emprego: o Lixão de Maceió. Laura mora há 5 anos na Vila.*

A morte como lembrança.

⁸ Os trechos em itálico são palavras do pesquisador, que esclarecem ou comentam rapidamente certos momentos das histórias dos sujeitos ou, simplesmente, encurtam ou arrematam elementos destas trajetórias. O restante do texto, a maioria em apresentação normal, correspondem às falas dos sujeitos.

Já trabalhei no mangue, vivia de mangue. Trabalhei no campo, já cortei cana, já limpei mato, já fiz coisa que você num imagina. Não gostei de nenhum desses trabalhos. Nessa época não tinha marido, minha mãe não era aposentada, até hoje não é ainda. Minha mãe já não tinha com o quê (viver)... *Nem para ela! Menos ainda para ajudar Laura, então Laura foi para o mangue, para o corte da cana. Viria logo para Maceió.*

Passado um tempo arrumei outro parceiro, que morreu e meu filho também. Ganhava pouco, por vale e pagava aluguel e eu me achava assim... Sem jeito pra lá... Ía pro mangue trabalhar com as mulher, botar redinha, uns negócio de pegar caranguejo. Eu aprendi muita coisa, fiquei lá até vinte e três anos. Vim pra cá com vinte e sete anos.

Meu irmão me falou daqui (do lixão) e eu tinha curiosidade. Na época meu irmão deixava a família lá (em Roteiro) e depois trouxe a família.

Eu ficava curiosa, na época era barraco dentro do lixo mesmo. Quando ele ia pra lá levava alimento bom. Não tinha condição de jogar no mato coisa boa! O pessoal achava fardo de charque, feijão em pacotinho! Então eu achava que alguma pessoa tava saqueando algum carro. Depois que eu vim morar aqui, foi que eu vi que era verdade.

“Isso aqui, vai? Vai sim!” Aqui Laura, vai cada um por si!

Vindo para o lixão, Laura ficou na casa de sua comadre pois não tinha barraco.

Quando eu fui logo pro lixo trabalhar, eu perguntava: “_Isso aqui, vai?”, “Oh, menino: _Isso aqui, se vende? Ah, aqui isso não vende não!” Eu jogava fora, eles pegavam. O povo dizia: “_ Você junta o que for de vidro, esses negocinho.”

Meu filho, pense na bagaceira! Meti o pau a juntar vidro, foi tanto do vidro do remédio, ajuntei meio mundo de vidro, que mandaram! Quando foi no fim da semana, não apurei um real! Ajunta “carina”⁹... Ai o pessoal (dizia): “_Chinelo vai!”

Ajuntei tanta havaiana!

Que de nada serviria, pois a sandália Havaina não era feita da “carina”, material tão raro e tão valioso. Laura era enganada e mais tarde iria aprender.

Quando eu parei uns dois dias sem trabalhar e fui pro lixão observar o pessoal trabalhar... *Viu então, que tudo aquilo que diziam para ela jogar, que parecia não ter valor, era disputado e recolhido pelos catadores. O povo pegava o que eu jogava fora. O que ela jogava fora era o que poderia ser o seu lucro.*

Quando a gente tá no lixo a gente se separa, é cada um por si, você que se vire.

Ai eu via, quando eles jogavam e botava no saco. Ai foi quando eu vi, sabe... Que eu tava jogando meu lucro fora. Eu num via ninguém pegar vidro de remédio, havaiana, cinto, uns plástico veio que tinha... Eu dizia: “_Ai meu Deus do céu!” Ai eu ficava dizendo: “_Meu senhor Jesus!”.

Iche! Me dava uma agonia triste! Os trator em tempo de matar o povo e o povo tudo em cima. Quando chegava biscoito, o pessoal invadia e o trator em tempo do trator matar... E eu fiquei apavorada!

E eu não quis mais entrar no lixo, mas a situação apertou, um filho pequeno pa cuidar; tinha pouca idade, na época. Ai eu tive que cair no lixo e quando cai, num perdi pa quem

⁹ Carina é o nome dado que, na descrição de Laura, é um emborrachado utilizado na produção de solado de calçado. Laura foi enganada, e por não saber reconhecer a carina, recolheu apenas as sandálias Havaianas.

inventou o lixo! Até hoje não perco pa quem inventou o lixo! É mais fácil eu enganar alguém!
Que a gente aprende muita coisa no lixo, a gente vê isso não tem valor, mas tem!

O trabalho no lixo: agonia e medo.

Foi muita agonia pa conseguir trabalhar nesse lixo aí! Trabalhar no lixo é muito ruim. Você tem medo, tem nojo, tem medo do povo, tem nojo do povo, tem medo dos carro. Eu tinha medo de ser atropelada. A noite é mais perigoso, tem menos luz, o pessoal dorme, os carro machuca. Meu medo era esse: ficar enterrada naquele lixo!

Um dia, de dia, o trator tava cavando numa barreira e levou um o montante de lixo e quando ele veio, a “tromba”¹⁰ dele bateu em mim e eu caí dentro do sacolão do homem! Caí mesmo, de cabeça no saco do homem.

Quando Laura me conta o que viveu ri muito, “pra hoje tudo é graça”. Mesmo as coisas mais tristes vividas quando chegou aqui, são lembradas com risos.

Em Roteiro era mais triste, mais difícil. No Roteiro é assim pa você trabalhar você tem que ir a traz de “empeleiteira”. Aqui não! Aqui se você tiver cara e coragem pa trabalhar não precisa você tá levando carteira profissional, você tá levando sua identidade não precisa. Pa trabalhar tem que ter carteira, preencher não sei o quê... Tem que sair de madrugada de quatro horas em cima de um caminhão. Sabe se vai, mas num sabe se volta.

¹⁰ “A tromba” é a estrutura denteada que está à frente do trator e que, ao mover-se, revolve o lixo e o barro do chão.

Quando Laura foi presa... Até o cachorro foi junto!

O trabalho é o lixo, a gente não ta invadindo a privacidade de ninguém, só ta apenas buscando o nosso pão!

Não queriam ninguém trabalhando a noite e eu fui trabalhar com a minha comadre. Disseram que não podia trabalhar. “_Não pode trabalhar, mas a gente vai!”. Ela também foi presa.

A gente tava trabalhando normal, quando via a coleta, corria! E quando via o vigia, se escondia, parava. Os vigia fazia ronda. Disseram “O vigia!. Vamo correr!” Quando olhei pa traz, ele disse: “Não corre ninguém! Derrube os gancho, jogue os gancho no chão!”. Eu disse:” _Eu num trabalho com, gancho, eu trabalho com as mão”. Quem juntava plástico nessa época, não trabalhava com gancho. E nisso, ele acreditou. O gancho nem meu era.

Ai jogamos os ganchos e descemos, que o chefe dos vigias queria falar com a gente. Quando chegou lá, fomos presos num quarto. Tudo. Homem, mulher, menino, velho. Era um quarto de guardar os equipamento de trabalho deles. E era vinte e duas e trinta da noite... Um calor! Hoje eu passo por lá... E lembra que a mesma empresa que hoje apóia a cooperativa, no passado a prendeu naquele quarto.

Inventaro logo que as mulher tavam passando mal. “_Ó, meu bebê tá em casa chorando!” Outra dizia, “_Meu peito tá cheio de leite, se der alguma coisa, você vai pagar!” E eles (os vigia): “_Peraí, rapaz! Eu solto já vocês!” E até o cachorro da Prazeres foi no meio!

As mulheres se aperriaro e os nosso material deixamo no lixo. Nessa zuada, o pessoal dizia: “_Quero tomar banho, beber água, fazer ‘aquilo’!” Nessa confusão, a gente foi sair três horas da manhã, já o dia clareando. E quando cheguei no dito lugar, cadê o meu saco com as

coisa? Os outro catador, que ficou, roubaro! Os trombadinha que tinha, cheira cola pequenininho, pegaro meu saco, a lanterna!

E eu fiquei doida! Procurando! Ai, achei um cúmplice. Peguei ele pela beca, esfreguei ele logo no lixo! Já tava com raiva, já suja, já aperriada, já tinha perdido o material! Esfreguei ele logo no lixo pa ele dá conta do material!

E ele dizendo que num foi ele! Era um rapazote, uns doze, treze anos. Eu digo: “_Cadê o gancho, menino! Vai me da conta!” E ele: “_Não, não fui eu não. Foi o pinto!” Eu num quero nem saber. Pode ser pinto, galinha... quero nem saber! Ai juntou eu e um rapaz, o Grilo, e fomo atrás das coisa.

E achamos as coisa e a lanterna. E o gancho, eu num achei não. Ai o que roubou o gancho, ele botava material pro seu Manuel, eu fui e disse pro patrão dele “_Ta certo, depois eu vou levar dois saco de material desse”. Ele ficou com os gancho e eu levei o material.

É assim a minha vida...

Eu levei muitas carreiras e se eu for contar do início, vai ser umas trinta fitas dessas.

Laura foi aprendendo: esse não é o caminho!

Eu trabalhei quatro anos nesse lixão, eu não tenho nada; quer dizer, nada... Quer dizer uma coisa que me valorize do lixo, uma coisa quer dizer. Isso aqui eu comprei nova do lixo. Não ganhei do lixão, comprei na casa, numa loja em qualquer canto, não! Nunca tive isso, nunca tive. Tinha que começar a trabalhar na segunda e vender no sábado e comer no próprio sábado e isso aí era sucessivamente. Era dia, era de noite, levando carreira do vigia, de todo jeito. Era assim que a gente... que hoje em dia eles também levam a mesma situação que eu.

Aí eu fui aprendendo. Eu disse: esse não é o caminho, não. Viver correndo como se fosse ladrão, além de tá trabalhando, catando lixo procurando a própria bóia... não poder trabalhar à noite! Hoje eles mudaram a situação. Na época que eu trabalhava... não podia trabalhar, não podia. A gente corria... eu mesma fui presa lá embaixo, eu mesma fui presa. A própria empresa que hoje tá me dando apoio, os vigilante dela me prendeu.

É porque catador... A gente não respeitava a lei mesmo, não respeitava nenhuma. Porque eu mesmo não respeitava, porque catador não respeita ninguém mesmo. Eu vim considerar as pessoa e ter mais respeito por mim mesma depois que eu tô sendo a presidente da cooperativa, mas catador não tem respeito por ninguém.

O catador é só comer e só ganhar e comer e pronto eles já acreditaram, eles acham que a vida deles tem que ser assim, tem que trabalhar, dar o suor de graça e pronto viver assim. Eles não pensa no dia de amanhã não pensa no futuro dos filhos. Pensa que é ter os filho, pegar: “Ah, minha mulher vai ter um filho, mas amanhã a profissão é catar lixo”. Isso não é profissão de ninguém, catar lixo só ficou para urubu, como você vê aí, um montante de urubu.

Laura sabe que não foi a única a sofrer. Sabe que na vida se sofre junto.

A minha vida foi muito sofrida, só a minha não! Se você fizer uma pesquisa com o pessoal de Roteiro, eles vão dizer a mesma coisa.

Na época da safra os trabalhadores estão “empregados no corte da cana”, no lixão nunca falta trabalho. Aqui não! Num faz diferença! É ter coragem de trabalhar!

Aqui tem pessoas humilde, agora passando fome... Ninguém passa!

Se alguém disser que aqui nessa favela é rim de se ganhar o pão, eu desminto na hora! Só pa quem não gosta de trabalhar, quem véve de botequim em botequim. Aqui... fome não! Mas fora daqui eu passei necessidade. Fora daqui, fora daqui eu passei necessidade.

Só eu não! Quem veio de Roteiro sabe hoje como é a vida difícil lá. Eu num quero voltar pra lá mais não. Deus me livre! Volto nada, home! Eu num volto pra Roteiro mais. Eu jurei no pé da cruz! Nem volto trabalhar nesse lixão!

Aqui, a dor que se sente é na pele.!

Porque dói na pele você... porque você nunca trabalhou no lixo, mas se você trabalhasse, saísse do lixão e voltasse agora e olhasse a situação de que o povo passa aí, você lembraria de você. Vai dizer: “_Rapaz! Eu já trabalhei desse jeito! Meu Deus!”

Olhe, dói a gente ver o pessoal trabalhando aí dentro.

O trabalho no lixo como parte do passado, que contrasta com este presente.

Eu lembro, na época, que eu trabalhava era diferente. Era divertido mesmo, era um trabalho ruim, mas era divertido. Eu trabalhava mais, acho que era por causa das alegria também que eu tinha. A gente só trabalhava de turma, ia quatro cinco mulher, três homem, fazia o fogo, botava logo uns pedaço de coisa pa “sarrabuiar” à noite.

Laura diz que não esperava, de um dia, trabalhar no lixo.

Eu, que jogava o que não precisava mais, calçado pet... Jogar, eu não jogo mais!

O que Laura viveu a fez repensar o que era o lixo.

No presente, novos encontros: com novos parceiros que fazem Laura sentir alguma coisa que tá dentro de si mesma...

Será que Laura deixaria este trabalho por outro?

Eu poderia deixar se fosse uma outra turma de gente, mas essa turma hoje, pra mim, é uma família que eu adquiri. Eu num quero deixar eles e abandonar porque esses aí, foi os fundadores. Porque se fosse umas pessoas de fora e tivesse com uma renda maior que a minha, eu saía. Porque eu sabia que eles iam ficar com renda pa trabalhar, mas esses aí ta igual a mim.

O que nós temos, é só a força pa correr atrás, buscar parceiro e só... Mas esses aí, eu num deixo não! Eu disse a eles, eu só saio se um dia isso daqui afundar com nós tudo. Porque se afundar só com um ou com dois... A num ser que vocês não me quiserem mais. Fazer uma assembléia... Pra mim é uma família que eu construí.

A gente véve junto. Quando um não tem, pede pro outro. Quando um tem um problema, se abre com você, quando você pode resolver, você resolve. Aí, já chama outro pra ver se consegue resolver e assim a gente vai se habituando com eles. E quando hoje falta um, a gente sente alguma coisa que tá dentro da gente.

Porque eu mesmo sou assim: eu sou um pouco chata. Eu, quando acho que as coisa tá errada, eu falo na cara, aborreça quem aborrecer, mas eu falo. Quando eu brigo com um deles, que eu tô vendo que eles tão errado, aquilo dói em mim. Porque eu vou passar um carão neles, vou chamar eles atenção, eu num gosto de fazer isso. Principalmente gente mais velho do que eu, que tão trabalhando, mas eu tenho obrigação de fazer isso e eu num gosto de fazer isso.

Às vezes, quando eles faltam, assim um dia... Eu sinto uma falta dentro de mim, como se fosse alguma coisa que tivesse faltando. Sabe, uma peça pa encaixar, mas quando tá todo mundo junto, aí é festa. Aí só é festa pra mim, é uma família pra mim. Porque aqui, na minha

casa eu construo... Tenho uma família. Mas eu, saindo daqui e chegando (na cooperativa), eu tenho outra maior do que essa.

Outros encontros... Com a discriminação e com a expressão política!

Participo do Fórum (Lixo e Cidadania), gosto... Têm reuniões que é bom, mas tem umas que... é porque, é assim... muitas ongs, muitos presidentes de cada bairro... eu gosto quando eles falam do lixo.

Mas tem gente que discrimina o catador e eu não gosto. Eles não diz diretamente, assim que o catador é “aquilo”, mas pelas palavras que eles falam, a gente entende.

Eu fui pr’uma reunião uma vez, que não foi lá (no Fórum), que eu não vou citar o nome, porque ta gravando, teve um senhor lá que falou... eles discriminavam ... porque o catador chegava no ônibus fedendo, porque o catador não podia entrar no ônibus fedendo, porque o catador não lavava as mãos... Não! Eu disse: “_Não, não é porque o catador não toma um banho, não é porque o catador entre no ônibus fedendo que eu vou discriminar ele, não! Eu num sei se eles não toma banho porque não teve um sabonete, eu num posso discriminar ninguém, eu num sei se, se... Será que eles tomou banho e não passou o sabonete, será que é porque ele tinha? Eu num posso discriminar!”

Neste momento Laura disse que era uma catadora, o senhor que discriminava afastou-se dela. Viveu, juntamente com a comunidade uma outra experiência marcante de expressão política: a manifestação diante dos Martírios¹¹, o dia em que a Vila ficou vazia e todos foram para as ruas e para a Praça, “encenar” as condições de vida em que trabalhavam. Não

¹¹ “Os Martírios” tanto se refere à Praça (dos Martírios), quanto a Igreja (dos Martírios) e ao Palácio (dos Martírios) que se destacam como arquitetura no centro de Maceió. No caso específico, a peça foi encenada na Praça dos Martírios diante do Palácio do Governo e de costas para a Igreja Católica. que se destacam no centro de Maceió.

irei detalhar aqui este fato, o leitor encontrará uma descrição deste momento da história de vida de Laura juntamente com as lembranças de outras personagens que também viveram esta experiência.

A fundação da Cooperativa

A cooperativa foi fundada com vinte e dois cooperados, vinte e duas pessoas... No dia 1º de abril a gente assinou o convênio... No dia 1º que é o dia da mentira... Infelizmente o primeiro presidente, que veio a falecer... A cooperativa hoje é um passo muito grande que a gente deu porque todos nós éramos catador, eu também era catador... A gente saiu do lixo, todos nós éramos catador.

Todos nós saímos do lixão para formar uma cooperativa. Era muito difícil o trabalho lá em cima no lixão, muito difícil. A gente trabalhava e dava o suor da gente a troco de nada. Porque hoje 10 centavos não é nem um picolé. E é o que eles tão comprando o quilo da Pet a 10 centavos. A Pet para o atravessador é barata, agora para a fábrica onde a gente vende, não! A gente não vai deixar de vender a 42 centavos para vender aqui a 10 centavos.

Não foi possível manter o número de vinte e dois cooperados. Tava entrando pouca renda. Parte dos trabalhadores se retira da cooperativa e Laura sentiu as dificuldades de dirigi-la. Compara a cooperativa a uma criança.

Porque é recente ainda, vai fazer um ano, né! Já fez um ano e a criança quando tá com um ano, tá engatinhando né? Então, a gente tá engatinhando, tá seguindo os passos buscando mais... Mais, é ... Como é que se diz... Buscando mais catadores, mais membros, tentando trazer mais renda. E o pessoal voltaro, muitos se afastaro... A gente chegou a ter apenas 11 pessoa na

cooperativa. Hoje nós temos 18. Tá voltando já o pessoal que se afastou por motivo de dificuldade.

Porque a gente, logo no início, passou dificuldade. Passou meses e meses sem receber nada, uns recebia 30 reais, outros recebia 25 e isso pra quem tem família, quatro cinco pessoas dentro de uma casa, não dava. *Para ela esta foi a razão maior do afastamento.* Eu acredito que se afastou... Mas eles ainda continua sendo cooperado, ainda continua sendo cooperado que, no papel, eles são cooperado, eles saíro para ganhar o alimento, né?

Toda semana aí eles vende, eles catam e vendem e na cooperativa a gente só tava vendendo mensal. Entra 25, 30 reais reais pra cada pessoa era pouco. Hoje não, hoje eles tão voltando. A gente tá recebendo 130 quinzenal, né?! Já é muita coisa pra quem recebia 20, já é muita coisa. Tamo trabalhando, né!

Fomos buscar outras parceria, já temos uma parceria com a SLUM, temos uma parceria com... tá nos apoiando agora o Lions Clube, tá nos apoiando o Eco Park, é ... o Colégio São Lucas também faz parte.

A gente tem o carro três vezes por semana, Segunda, Quarta e Sexta feira que foi no convênio doado o carro/caminhão, o espaço pra gente trabalhar, uma prensa. *A cooperativa funciona em um galpão no terreno da SLUM, logo após o portão principal que dá acesso ao depósito.* A gente faz a coleta seletiva e a gente ainda pega do aterro. A coleta seletiva... no Farol, Jatiúca, Stella Maris, Aldebarã. A gente não tem área para trabalhar o orgânico, que rende mais.

De catadora a empresária! O poder da Assembléia.

Está há cinco meses na presidência da cooperativa, chegou até aqui por uma decisão coletiva. Aprendeu que decisão coletiva é soberana.

Na verdade, eu mesmo não queria ocupar não, mas a gente fez uma assembléia... Né? E assembléia fala mais alto. O pessoal confia no meu trabalho. “_Olha, gente tem mais gente fora mim. Vocês querem quem?” A única pessoa que eles quiseram foi eu.

Eu falei com a Sônia, coordenadora da SLUM, aí ela disse: “Não, Laura, eles é que sabe se eles quiseram você, não tem como escapar”. Aí eu disse: “Não, tudo bem! Eu aceito!” Pra mim foi um passo grande, porque eu era catadora, hoje eu sou... Tomando conta de uma empresa, hoje sou empresária, hoje, hoje pra mim é um passo grande porque ser catadora, sair do lixo e ser hoje empresária... Aí pra mim já é um passo grande.

Um passo que tinha de dar a gente já deu, Foi conseguir um espaço. Agora é a gente arrecadar... Catar os catador, trabalhando pra tirar eles do lixão, só que eles é... São pessoas que não entende o que é lixo ainda. Eles pensam que lixo é aquilo que usou e jogou fora, mas o lixo tem... É ouro, o lixo hoje é ouro porque, praticamente, o mundo tá gerado de lixão, tá coberto de lixão. E os rico teve...

“Os rico” também vende papelão: sabem quanto vale o lixo! Mas não vamos dizer quem são “os rico”, para não prejudicá-los...

A gente foi num estabelecimento, que eu não vou citar o nome porque tá gravando, pra não prejudicar... A gente foi lá falar da coleta seletiva, o próprio dono tava vendendo o papelão, o próprio dono de empresa tava vendendo o papelão. Aí hoje, pra eles alí, o papelão é nada, é só vender o quilo do papelão por oito centavos. O único preço é esse, mas não é. Eles não sabem, eles não entendem de comércio, pra eles é só assando e comendo, a do pobre é essa. Aí, quando a gente fala sobre cooperativa. “Ah! Que cooperativa... Isso daí não vai pra frente, não”. Porque quem tá com fome não espera pra amanhã. Eu digo”: “_Não gente, ói...”

Mas sabe Laura: “_Essa é a vida.” Parece que é uma vida que não muda... Que a Vila vive sem dinâmica, mas não é assim. Laura sabe explicar o que há na Vila.

Existem “os cooperados” e “os catadores” na Vila Emater II.

Eles é que ficaram diferenciado com a gente. Eles acham que a gente, porque a gente tá na cooperativa, a gente ia esquecer eles não... Dar mais valor, não somos mais catador. Não, eu sou uma catadora! Mesmo se àquela cooperativa não der certo hoje... Com fé em Deus, é de dá certo! Eles pensam que a gente esquecendo eles... *Porque a gente tá naquela cooperativa. Dizem os catadores: “_Ah! Agora são tudo rico! Tão tudo empresário, não quer saber de ninguém mais, não!”*

Mas não é a assim, não. Eles não sabem eles, que a gente tem batalhado pra tirar eles daquele sufoco. As vezes tem reunião, faz uma reunião, faz uma palestra, chama eles pra conversar... Bota carro de som, chama repórter, chama tudo, vai lá pro lixo conversar com eles, mas nem aí! O negócio é só comer, comer, comer, comer, só comer. Só vendendo e comendo... Eles pensam que o mundo deles é esse... É o mundo deles... O mundo deles é assim. Só que o meu é muito diferente. Eu cansei de ficar no tronco, cansei.

E lembra então de Beto, que foi um catador e é um ex-cooperado.

Como os outros chegam à Vila. Como é a Vila agora.

Eles vêm sem nada, compra o barraco de alguém quando arruma o dinheiro suficiente. Lembra que teve barraco que já foi vendido por 800 reais. Antigamente não era tão perigoso, não tinha muita droga como agora. *Quem olha o horizonte de cima da encosta enxerga a beleza do mar.* É uma área boa, a vista da área é boa. Mas tem muita droga, em todo canto

existe isso, mas a gente não pode deixar os filhos à vontade, a gente não tem segurança, nem de polícia nem de casa.

Esse é o terceiro ou quarto cadastramento pela Secretaria de Habitação (do município). Cada dia chega mais gente, tendo mais droga mais, prostituição menos segurança. Se acabar o lixo pior vai ficar a favela e o pessoal vão se revoltar. Vão começar a roubar, vou começar a estuprar. Uma área perigosa dessa! Diz com isto, que esta face da Vila (uma área perigosa) não poderia ser deixada ao abandono.

Lembra do que aconteceu neste ano com a comunidade do Sítio São Jorge (bairro próximo à Vila), que teve seu posto de saúde fechado pela ação dos traficantes da área.

E a gente vai continuar sempre ali, sempre com medo de viver. Eu mesmo tenho medo de deitar e não acordar de manhã. Eu não tenho medo disso... Assim... Matar de faca, porque eu não procuro. Mas qualquer pessoa pode comprar um litro de gasolina e tocar fogo no meu barraco. Como uma mulher que tinha lá em cima, que dava pa tocar fogo nos barraco. Que tocou fogo em cinco barraco a cinco ou seis meses atrás.

Ela queimou o barraco da minha cunhada. Ela fez de maldade, de ruim. Foi um muro que protegeu e não chegou ao meu barraco. Graças a Deus eu moro mais distante ainda. Mas se Deus me deu o caminho, eu vou seguir o que Deus me deu.

Se os moradores não tivessem controlado o fogo, hoje não existia mais favela.

Dero parte... Queixa e levaram ela pra delegacia, mas soltaram e disseram que ela era doida. Se ela ficasse a gente ia matá-la. Eu matava ela. Não pensou nas crianças e na própria filha e na mãe dela. Já morrer a mãe dela. Acho que ela pensou que não devia ficar. Nunca vi doido desse jeito, de tirar a vida do próximo.

É um lugar sofrido aquilo ali (a Vila).

Fala, então, das pessoas que são representantes do poder público e que fazem assistência e que atuam nos programas de intervenção: o que me dói nessa parte social é isso, que onde a gente chega o pessoal quer rebaixar.

Até em ônibus, se a gente falar... Ninguém vai falar que trabalha no lixo.

Eu não gosto quando falam isso. Ninguém pede pra nascer pobre e eu não gosto quando a pessoa vem dizer que a gente não presta.

Deus é o homem da prata, não fez ninguém pra catar lixo.

No final de ano aumenta a quantidade de pessoas no lixo, é uma mina de ouro.

O cotidiano na cooperativa e as relações com os atravessadores: onde se acirram diferenças.

O objetivo da cooperativa não é comprar material. Seria receber os recursos através de um programa de coleta seletiva. Mas não é o que acontece, os catadores do depósito também vendem para a cooperativa, os catadores da cooperativa também sobem ao depósito para catar e comprar o lixo.

O cotidiano de Laura na cooperativa também é de riscos: fui ameaçada de morte. Fala de um grande atravessador da área e diz: esse mermo me ameaçou. Embora saiba que outros desejem a mesma coisa, mas esse teve coragem de dizer. Eu já ando como medo.

Então me fala, com um sorriso nos lábios e uma expressão de medo: Já basta o outro (presidente) que mataram. Eu tô deixando os atravessadores fazerem o que quiserem, que eles botem o preço que quiserem.

Certa vez, eles disseram: ninguém vai comprar mais! Vamos deixar todo pa cooperativa ! Fez uma greve lá em cima para não comprar material de todo o pessoal. A gente não tinha dinheiro para pagar o pessoal.

Os atravessadores decidiram não comprar dos catadores do depósito para pressionar e fragilizar a cooperativa. Acirraram-se as diferenças entre catadores e cooperados.

A gente não pode dar o passo maior que a perna.

Laura sabe que a produção da cooperativa é monitorada de longe pelos atravessadores, vigiam o crescimento e o lucro que se calcula pelas saídas de cargas nos caminhões.

Aqui não pode sair uma carga como na semana passada. Quando foi pesada, o atravessador desceu para confirmar se a carga tinha saído daqui. A gente passa 15 dias para fazer uma carga que eles fazem por semana. *Para Laura, os atravessadores agem no local com autorização da prefeitura, mas não da SLUM.* Eles (da SLUM) não sabem. Acho que a prefeitura dá esse apoio, mas não para manipularem. S'eu tivesse coragem de denunciar...

Mas sabe o culpado de tudo isso, Elto? É o culpado de tudo isso... São eles (os catadores). Eu também... Eu era assim, mas eu pensei diferente. Eu cansei de trabalhar, eu trabalhei quatro anos de catação. Eu trabalhava de dia, na hora do movimento de 10 horas, terminava a 1 da tarde pegava de 9, 10 da noite até 3 da manhã. Como uma doida! Trabalhando de graça! *E relaciona para mim todos os atravessadores para quem trabalhou.*

Entre todos, destaca um: como o pior dos piores. Ele é ruim, mas que dá uma de pessoa boa.

O atravessador chega na cooperativa para sondar, por quanto estão vendendo o material. Fica jogando o pessoal em cima da gente.

Como forma de intensificar a concorrência, os atravessadores tomam atitudes inesperadas. A primeira medida foi aumentar o valor do material lá em cima. A cooperativa não pôde concorrer com os atravessadores.

Então Laura tenta reagir: a gente faz reunião, chama eles aqui pra baixo. A gente leva o nome de ladrona, mas graças a Deus eu não tenho essa consciência pesada.

Todo mundo foi rejeitado lá em cima. *E dizem os catadores que trabalham no depósito: olhe tem uma cooperativa lá embaixo! Elas acho que nunca vão despertar. Porque e assanhando e comendo. Eu chorei de desgosto. Chego pra eles e digo: sai desse inferno e vem pra cá, pro céu. Lá em cima não tem futuro. Vocês vão se acidentiar e a SLUM não dá remédio.*

Laura sabe que seu lugar na presidência da cooperativa implica em tentar estabelecer relações com os catadores para conquistar novos cooperados. Conta-me que está pensando em fazer uma reunião com eles. A possibilidade de fazer uma reunião com os outros catadores a faz sentir medo. Então Laura tem a idéia de fazer a reunião quando a Sônia (da SLUM) poderia entregar os coletes para identificar os catadores no trabalho do depósito. Laura deposita confiança em Sônia.

Mas, o catador é difícil. Pra o catador o lixo nunca sai daí. Eles nem se importam. O cooperado acredita (que vai sair) A gente tá acreditando. E eu tô torcendo que saia.

Pode ser que a cooperativa caminhe.

Quando eu vou lá em cima, o pessoal já tem a nossa fama.

De patroa de chamam. Eu num gosto.

7.2.2 – A história de João, que conta os dias “pros home” chegar e poder acalmar o coração.

A personagem...

O nome é João, tenho vinte e um. Eu sou um menino trabalhador, tenho que sustentar a família, sou o homem da casa. Está morando na Vila há mais de 10 anos.

É só andar... Não tenho nada para fazer mais: da minha casa para o meu trabalho, do meu trabalho para minha casa. Minha mãe não me deixa sair porque neste dias, o mundo anda muito perdido.

É um menino trabalhador, nascido em Maceió, que não faz muito, além de andar pela Vila, trabalhar no depósito de lixo, cuidar de sua família, auxiliar o treinador de futebol e pensar no futuro das crianças que vê por aí.

Relembrando o passado, encontrando o tema da infância.

Lembra quando caiu do trator dentro do depósito de lixo; estava em cima, escorregou dele, foi arrastado pelo chão. Tinha dezoito anos e ficou um ano e quinze dias sem sair de casa. Fala que a única coisa que tem desse lixo é esta cicatriz do joelho. Diz que

não gosta de mostrar, mas me deixa ver. Na época, o médico disse que não tinha jeito mais. Hoje jogo futebol, mas não posso correr muito. Quem sabe, um dia, melhora ou piora diz, referindo-se ao que me contou; à marca da cicatriz que o lixo lhe deu, não só no joelho, quem sabe na vida inteira.

Quando era criança lembra de ir a igreja (católica) que era bom e lá brincava, lembra da festinha com o Padre Tito (um dos religiosos que presta assistência na comunidade), que é um padre bom. Hoje, a gente fica aí e faz brincadeira antes de ir para o colégio. Aí, é próximo da igreja. De vez em quando, gosto de escutar a palavra de Deus. Já fui crente, deixei porque o pastor me mandava cortar o cabelo. Mas eu tinha uma promessa. Diz que não alcançou a graça.

Na minha infância eu sabia... Quando eu tinha os meus doze anos, fazia primeira série eu sabia ler... Sabia um pouco ler. Eu morava na Grota do Cigano e ficava longe para ir para o Marroquim... Ficava longe e eu tinha medo de ir. *Morava com sua mãe, que logo veio para um*

barraco na base da encosta, que hoje já está povoada por casas, chama-se Vila Emater I. Nesta época, não era assim.

Minha mãe morava lá embaixo e terminei me acostumando. Eu ia me embora, mas já estavam invadindo isso aqui. Passei um mês aqui. Gostei daqui e não saí mais. Quando eu vim pra qui, tinha quinze anos e tô trabalhando no lixo há 11 anos. *Faz as contas e me mostra a quanto tempo mora na Vila.*

A infância dos outros, o tempo presente de todos: João é também aquele que cuida, é “um cabeça”.

No dia em que nos encontramos disse que passou a noite em casa, quando amanheceu o dia ficou me aguardando chegar e pensou até que eu não viria. Foi jogar bola com os meninos da Vila, atividade que atua auxiliando o trabalho de um professor voluntário. Pra ter alguma coisa na vida, a gente quer que eles tenham alguma coisa na vida né?! Os grande e os pequeno... Pras criança ter uma vida melhor, quem sabe Deus um dia não olha pra gente e faz alguma coisa pra gente aqui. O professor quer só os molequinho pra jogar no SESI. A gente quer ter uma vida melhor. A gente quer fazer um time aqui e assim a gente vai... Para que o trabalho com o time possa se constituir em um negócio que lucre pra gente, não pros de fora”.

Na casa moram cinco pessoas, *meu irmão, eu, minha irmã, com a minha cunhada faz cinco, com as criança faz nove.* O irmão mora no Benedito Bentes, bairro distante, de onde vem para trabalhar no depósito. João sempre o ajuda, *pra ele não se perder. Pra ele é duro, porque quando os menino chora... Se roubar vai preso, se pegar no alheio é pior ainda. Quando ele vem de lá pra cá eu já tô pronto.* Pronto para ajudar, pois afinal, ele é o “cabeça”...

Só quem trabalha no lixo é eu e meu irmão, a minha mãe trabalha no Tenório (grande atravessador da área), a mulher do meu irmão fica em casa cuidando das coisa. O máximo que diz ganhar é cinqüenta reais por semana. Nem sempre é possível fazer este “ganho” a cada semana; no dia em que nos encontramos não receberia dinheiro pois se fosse vender iria ter apenas doze reais. Explica-me como aplica o dinheiro no sustento da casa: *Dou vinte a minha mãe, fico com quinze e quinze pra feira. Ela bota mais vinte, faz vinte e cinco e vai pra feira. E assim vai*, diria.

O trabalho na reciclagem: a descrição do cotidiano.

Quando não está fazendo nada, pego o gancho e vou para o lixo e completa: não sei o que tá me esperando aqui pa frente, então fico mais em casa, aqui na saída da Vila... Eu sou um menino que vou para Jacarecica e fico brincando no vídeo-game”.

Nos finais de semana vai à casa de seus irmãos. À noite vai a escola e de lá, algumas vezes ainda vai ao trabalho no depósito. De segunda a quarta pode trabalhar também à noite, na quinta e sexta costuma trabalhar apenas pelo dia e reserva o sábado para preparar o material, que é selecionar e classificar para a venda o resultado do trabalho no depósito. E assim ter dinheiro no sábado, mas no sábado em que nos encontramos, não tinha recebido dinheiro, iria pedir emprestado a um conhecido seu.

Todo mundo trabalha alegre, faz festa, bate nas latas mas falta aqui uma coisa boa para a gente se divertir... Um parque. Quando o pessoal sai, para procurar a brincadeira mais perto, arruma briga. Corre de lá para cá. *Na brincadeira mais perto, que fica no bairro de Jacarecica*, os caba fica tudo olhando para gente. Eu mesmo fico com medo, com muito medo.

Quanto mais cedo, é melhor para ir pro lixo, indo tarde não! O trabalho se inicia pelo dia as 9 horas quando começa o enxame da coleta. Quando chega lá, olha prum lado, olha pro

outro, não vê nada, volta. Não ver nada é na verdade ver muita gente disputando os recursos que são jogados no depósito.

Do trabalho na reciclagem ao trabalho incerto até o futuro profissional ou... Quando João se tornar o homem mais feliz do mundo!

Falam que em dois, três meses o lixo aí vai sair. Uma gerente da Cobel diz que vai sair, que falta dois meses. Outros diz que falta três. Eu já fico pensando que eu sou um rapaz novo e outros diz: *“E eu vou roubar! Roubar eu não vou. Matar... Coloco meu documento no bolso e vou andar, eu vou arrumar alguma coisa pra mim. Tenho coragem de pegar no que dos outros, tenho não!”*

Não se sabe exatamente por quanto tempo o depósito permanecerá em atividade, João faz sua descrição da capacidade do depósito que se esgota: *o outro lado do lixo já encheu, o lixo já encheu*. O lixo é um fenômeno que intriga e seduz. Recebe a descrição, é submetido ao seu entendimento. *Aí (no depósito, o fogo) nunca acaba não! É como minha mãe diz: “Isso aí é um botijão de gás. Se explodir, morre todo mundo. De vez em quando eu fico alerta. Quinta feira quando os menino tava trabalhando tocaram fogo no chão.*

O *“chão que pega fogo”* exala gás, que resulta da decomposição da matéria orgânica que foi depositada na profundidade do solo permitindo assim que seja possível atear *“fogo no chão”* e preparar refeições. É comum encontrar os trabalhadores cozinhando sua comida dentro do depósito, sem que seja necessário se dirigir à Vila. João é um deles.

Às vezes chega para sua mãe e diz: *“Mãe não vou trabalhar, não! Nestas horas tem muita gente no lixo... Tem noite que parece que “você vê um bocado de vagalume. Hoje em dia*

os outro vai muito rápido demais”. Houve um tempo, “antes”, que o lixo era melhor, tinha para todos. Hoje há disputa.

“Pronto acabou o lixo! Eu tinha que fazer alguma coisa. Minha professora disse: “Oh João! Não perda a cabeça. Dê Graças a Deus que o lixo vai sair”. Segundo conta, receberia uma bolsa de cinquenta reais, mas pergunta-se: “_ A gente vai se vestir de quê? E por uma parte vai ser bom o lixo sair, porque o lixo ofende a gente”. Nem sempre é possível almoçar no lugar, o odor forte, as moscas que se refugiam nas casas quando chove... A professora “mora perto da linha do trem, vindo de lá pra cá. Ela diz que vai arrumar um emprego para ele.

Acredita que se estivesse estudando teria uma vida melhor, estaria trabalhando. Diz que as drogas que circulam na Vila só levam a coisa errada. Tenho vinte e um anos anos... Eu sei que já bebi... Quero curtir minha vida, quero arrumar um trabalho bom, uma família boa, andar com meus irmãos, minha família. Eu perdi dois dias de aula, eu fiquei arrependido. Nestes dois dias que eu perdi, não sei nem o que se passou por lá.

Eu fiquei com uma mulé e eu disse: _Não, não dá mais, não! Não botei ela pra fora, saiu porque quis. Saiu daqui embuchada, mas eu dei um barraco a ela. Ela diz pra mim que o filho não é meu. Mas o intriga, pois só quem saiu com ela só foi eu. Eu não abandonei, porque eu não gosto de abandonar. Ela saiu e eu disse que se quiser, volte! O que eu queria mesmo é ter um filho, só. Se ela quiser dá meu filho: ‘Tome!’ Pra mim... Dando o que eu preciso, pra mim, eu acho que se eu tiver um filho... Eu vou ser um homem mais feliz do mundo.

Porque nem sempre dá para “bater lata”, as vezes é preciso receber a maresia.

Eu acordo as cinco e trabalho até as seis. Quando tô aperriado da cabeça, querendo dez real, que nem agora... o que chegar lá eu pego. Como bolo, pão, Danone (iogurte), banana, laranja... Quando falta negócio de almoço, comida... Eu fico um pouco aperriado... As vezes quando não tem nada tomo um gole d'água e tiro direto. Levo uma garrafa d'água (para o trabalho no depósito) e compro fiado aqui na venda. A gente mora perto do lixo, mais passa relento.

Nesta vida, primeiro se sustentam as crianças, depois os adultos.

As histórias de quem “passa relento” se entrelaçam, lembra de um colega seu que comeu um biscoito com veneno de rato. Vou levado ao hospital e poderia ter morrido, quando retornou disse que não comeria mais do lixo, mas tornou a fazê-lo.

Quando falta comida *cada um tem que se jogar, menos as criança*. Reafirma: *Eu sou o cabeça da casa e tenho que trabalhar pra dá comida a todos. Mas sempre chega o “tempo ruim” e não tem nada (...) falo com meu patrão, que é um homem bom. Tempo bom é quando tá todo mundo com a barriguinha cheia, alegre. Tristeza jamais, só alegria pa gente e o ruim, é quando todo mundo endoida da cabeça e faz coisa... Tem hora que eu penso em fazer coisa errada... Coisa errada não combina comigo: usar droga, matar por causa de um real, dois... usar droga. Isso aí, pra mim, tá tudo errado”. Quando eu tô na minha fase boa eu ajudo a todo mundo, se não tem, arruma. Já vou alí e peço ao patrão.*

Tem hora que eu fico muito revoltado. Um rapaz como eu, trabalho muito... Ou melhora ou piora numa vez. Se piorasse eu num fazia nada. A primeira coisa que eu iria fazer... Eu num queria quebrar a cara. Acredita que até um trabalho de varrição de ruas faria, para ajudar minha família e esticar minha barriga.

Sempre que pode, vai a praia. *Compro um picolé, vou pra Jacarecica e compro um biscoito e procuro as coisa bem baratinha. Compro um negócio doce que dê cede e bebo água.* Nestas horas se sente bem, mas fica “brabo” quando as criança faz raiva. *Minha mãe ajeita, eles bagunça. Essa minha irmã já é assanhada e fica me assanhando e digo: “_Mãe eu vou dar umas voltinhas”. Vou pra praia e fico recebendo a maresia. Ali eu tô tomando um ar fresco, água não tem poluição. Aí, chego com meu coração limpo, não venho com maldade.*

Chego em casa e almoço e pronto, durmo. Fico pensando o que que será d’eu, de mim, as vezes e penso o que vai ser d’eu daqui pa frente. Vou ser um bandido? Diz que se tivesse condições, ajudaria quem precisasse; faz referência a uma mulher que viu chorando no Boletim (programa televisivo que noticia atos de violência e criminalidade cometido contra e por pessoas da periferia, na maioria dos casos), mas como sou pobre, não tenho nada, o que tenho não posso dividir.

O caminho certo, o caminho errado ou... Esta favela é um oito, é um jogo!

Conta que um menino de treze anos pediu um real a ele, não recebeu e ficou com raiva. Negociou então com ele: ofereceu-lhe comida... *Aqui tem muitos perdidos (...), tem deles que me chama. Quanto mais distância melhor, tô me livrando de muita coisa. Acho que se eu fosse errado... Têm (jovens) de dezessete, dezoito anos morrendo à toa. Eu assisto televisão, eu assisto o Boletim.* O Boletim é um programa de TV que retrata uma face da criminalidade e violência onde os atores e as vítimas são moradores da periferia de Maceió e dos interiores mais próximos à capital. *Mostra coisa que a gente não sabia... ou o caminho certo.* Comenta sempre com a mãe o que assiste pela TV.

Essa favela é um oito, um número oito. O senhor entra e sai no mesmo lugar, passa pelo mesmo lugar, de onde saiu... Onde tudo não presta. Ali ninguém espera nada. Vai esperar o quê? Os zome quando fizer o arrastão? Ou quando os caba endoidar de vez e matar uns os outros. Porque aqui é assim: quando usar muita droga ou beber muito ou fazer muita coisa errada, aí olha pa cara do cabra e diz: “_O que é que você tá olhando?” Você quer o quê? E me pergunta: E morreu por causa de quê?”

A favela é um jogo, um quebra cabeça. Porque a pessoa quando quer uma coisa... vai fazer alguma coisa errada ou faz ou não faz. Muitos fica indeciso. Eu quero fazer tal coisa com fulano, mas não posso porque tem o outro fulano. Se você morasse aqui você ia saber como é. Como é que é deixar uma coisa num canto, depois olhar e não vê-la mais lá. Sempre tem um cabeça da favela que vai lá e pega! Os zome, uma hora, tem que chegar junto, cutucando! Em todo canto sempre tem que ter o cabeça.

Nela (na favela) vai tudo ao contrário, a pessoa quer ir pum canto e não vai, tem que fazer arrudeio, mas a pessoa quer ir prum canto num vai. Eu percebi o jeito de todo mundo andar, de falar, gosto de estudar o povo. Uns errado, uns certo. Eu gosto de prestar mais atenção nos povo que tá com maldade. Eu e minha mãe... A gente gosta de conversar. Eu assento ali, ela assenta ali. Me indica os lugares em que repartem suas impressões e como percebeu que a favela é um oito, onde tudo vai ao contrário, tudo é um arrudeio.

Uma coisa que nunca tinha aqui agora tem: vigia. Agora tem vigia, sossega mais a gente. A idéia foi da gente, da comunidade mesmo. Ele só vigia mais noite. Tem os apito: “Piii! Piii!” No sábado todo mundo chega com um real, dois, um e cinquenta e assim a gente tem mais confiança! Porque a gente não pode andar oito hora, não tem ninguém no meio da noite. O muito que ficar gente no meio da rua é até dez horas. No final de semana não tem vigia, cada

qual olha a sua casa. Ele é o meu padrinho. Mora aqui mesmo. E repete com o tom de quem revela algo: a favela é um oito, vá nessa rua direto e sai nesta mesma esquina.

Ou ainda... Como é que se acalma um coração?

As histórias de violência e crimes que assiste na TV diz que não tem lá (*em outros bairros da cidade*) como aqui, na Vila Emater II. Mas instantes depois, fala de pessoas que roubam e trazem o roubo para dentro da comunidade. Detalha valor de peças roubadas, diz que sabe quem praticou os roubos, critica-os por tê-los cometido pois atinge toda a comunidade. Completa: *Vão roubar fora! Se roubar por aqui, suja aqui, sobra pra qui.*

Quando a polícia chega aqui, ela chega logo dando baculejo em todo mundo. Não corre ninguém, se correr vai ser um cacete que só Deus tem pena. Desse madeira ali. Indicando-me um local afastado da rua principal da Vila onde moradores suspeitos ou que, segundo o julgamento dos policiais, são surrados pelos próprios agentes. Na frente não faz nada... Mas chega ali, o cacete dobra. Se eu for fazer uma coisa errada, vai me prejudicar. Eu acho muito certo. Se fosse por mim, ela batia aqui todo dia, todo dia. Todo dia os zome tava aqui.

É bom, porque acalma a comunidade, a gente se sente mais seguro. A gente veve aqui no meio de um bocado... Muitos é bom e muitos num presta. O que não presta faz medo, então a gente se sente mais seguro. O coração relaxa mais, fica mais relaxado. Se a gente fosse umas pessoa que não gostasse... o que acontecesse aqui ninguém telefonava pa polícia, não é?!

Então os zome, dando uma baculejada¹², andando, aqui assim... Seria mais seguro. Tem gente pensando que é polícia... Polícia é que tá com farda. Mas muitos na comunidade, armados com “revólver na cintura”, estabelecem outros poderes. Diz que calcula os dias para a polícia aparecer; há segundo me conta, uma frequência de “baculejada” na comunidade. Eles andam baculejando todas as favelas da cidade, já era para eles terem vindo esta semana em que nos falamos. Quando fica um mês sem vir, a gente telefona para que eles façam uma ronda.

Eles andam em todos canto mas o zome persegue mais as favela. A favela é um jogo pra quem sabe. Um jogo pra quem sabe. Ali tem droga e revólver, tem faca, tem todo tipo de maldade, a favela tem tudo que não presta. Essa favela (a Vila Emater II), o caba vê ela assim, aí ninguém sabe o que é que tá esperando. É esperar só IML (o Instituto Médico Legal) ou os zome.

Agora, o bom mesmo, é eles sempre dá uma chegadinha. Tá bom de dá uma voltinha por aqui. E começa a relacionar bairros que estão sempre vinculados a criminalidade: eles (‘os zome’) vêm do Benedito, (...) daquela ponta de lá (me indica) do Vergel, por aqui (com a mão faz um trajeto no ar), do Eustáquio Gomes... Aqui também mora gente e já era para eles dá uma voltinha. Saber como é que tá o tempo. Quando vem buscar alguém importante vem tudo mascarado, que já deve ter feito muita coisa errada. Aí, acha outra pessoa, aí o que eles encontram paga por aquele...

Eu acho maravilhoso quando ela (a polícia) dá uma varrida, porque sossega a gente. Por uma parte não... Porque do jeito que a favela tava, a única pessoa que pode ajeitar a favela é a polícia.

¹² “Baculejada” é o ato de revista executado pelos policiais. Com firmeza, as vezes com violência, os policiais tocam os corpos dos suspeitos para verificar se não guardam armas embaixo de suas roupas. É comum também ouvir a expressão “baculejo”.

Quando suar frio faz parte da vida toda e eu tenho uma apostila e dali consigo alguma coisa!

João sabe que precisa saber mais do que sabe, que a aprendizagem é uma continuidade. Mas a escola em que está é para aprender a ler e fazer conta, ele precisa de mais. Quer conhecer outros que possam ser diferente; a escola, em breve, não poderá lhe oferecer mais, talvez a tolerância e o respeito porque têm a mesma origem. As atividades de lá o fascinam. *Ali tem muito... Ali... Que faz 'joanagrafia' (serigrafia), pintar, jogar.*

A escola é para aprender, não pa pessoa aprender a vida toda. (A professora) quer me botar numa outra escola e na segunda série. Eu quero aprender mais alguma coisa, espero que ela consiga uma vaga na outra escola. Aí eu quero aprender mais alguma coisa, a minha vaga fica para outra pessoa. Quero conhecer pessoa nova, (saber qual) é a errada, qual é a certa. Então, ela me transferindo para outra escola, vou conhecendo pessoas mais educada do que eu.

Mas sair deste lugar e caminhar nem que seja até Jacarecica, bairro em que está próximo a Vila Emater II, tem lá seus dissabores. Quem é vizinho da “favela”, não se sente seguro e olha com medo para seus moradores. Em Jacarecica, estão os moradores da *Casa-Grande, os rico.*

Pensou em pedir para ir para Jacarecica, *mas porque é muito esquisito pra mim (não daria certo). Os outro da Casa-Grande aí, tem medo...* João sabe o que os da Casa-Grande pensam dos da Vila Emater, *como sendo tudo mau.* Então não quer ir caminhar toda noite por Jacarecica e frequentar sua escola. Gostaria de ser transferido para o Orfanato (que é o Lar São Domingos), que diz conhecer a diretora da instituição e que esta já lhe oferecera uma vaga. Me fala das possibilidades de profissionalização que poderia experimentar.

A Casa Grande é as casa do outro lado, dos rico. Pra ele é tudo... Eu num quero estudar no meio de rico, quero ficar na minha classinha média, lá embaixo. Eu acho que no Lar São Domingos tem pessoa pobre; muitos da Grotta do Cigano, não é rico, é todo mundo pobre. Onde tem pobre, tem que ter todo mundo. Eu tô no caminho, se eu pular fora eu vou errar e escorregar. Se eu perder esta oportunidade, eu vou endoidar. Um dia eu consigo o que eu quero.

No Orfanato encontraria outros como ele, mas capazes de lhe ensinar bola (jogar bola)... muitas coisas. Uma coisa que eu queria muito aprender: a desenhar. Qualquer coisa, mostrar pro outro... Que eu tenho talento. Quem sabe um dia, eu não consigo". Mas para isso tem que estudar, diz. E se eu conseguir o que eu quero e tentar arrumar um emprego, eu sou o homem mais feliz do mundo.

Agora ele sabe... Porque ficou só para aprender o que é seguir sozinho. Mas não vamos esquecer, João não é de abandonar...

Quando não tem ninguém dentro de casa pego a apostila. Tenho uma apostila, ligo o som bem baixinho e dali eu consigo alguma coisa. Eu não sabia escrever meu nome direito. Quando eu escrevo meu nome de caneta, eu erro meu nome; eu fico me tremendo, mas já estudei. Agora eu sei escrever meu nome.

Que nem pra tirar minha identidade eu fiquei nervoso. Eu suei muito, eu nunca tinha entrado... Eu suei um pouquinho porque tava nervoso no meio de tanta gente grandão; eu melei meu dedo, fiquei tão brabo. Um rapaz dali levou a gente para tirar os documento: a identidade, a profissional...

E assim eu vou me desdobrando.

7.2.3 – A história de Marli, que com a sua verdade não sente medo e vai para qualquer lugar.

A personagem...

O nome é Marli, tem 32 anos, nascida em Correntes, Pernambuco e lá morava com seus pais.

Quando eu cheguei aqui em Maceió fui trabalhar de garçomete, morei na Vila Brejal antes daqui. Cheguei aqui aos dezessete anos.

Hoje vive um segundo casamento, o primeiro marido é o pai de suas duas filhas mais velhas. Separada dele veio com sua ajuda morar na Vila Emater II. Convivendo com os catadores, sem nunca ter entrado no depósito de lixo, participou da fundação da cooperativa.

O pai das minhas filhas trabalhava na Cobel de jardineiro e ele comprou este terreno para eu morar com elas; saiu de lá, morava com sua sogra. Terminaram o casamento, ele lhe traiu. Já faz sete anos que mora aqui, viu passar o tempo e pouco mudar, embora diga que aprendeu muito...

Viver junto dos catadores, conhecê-los em sua necessidade de organização e... Apaixonar-se por um deles!

A idéia da associação foi do Amaro. Lembra dele, que foi o primeiro presidente da cooperativa e de sua morte. Jamais esqueceu como ele era um homem bom, que se dava bem com todos.

Os moradores gostaram da idéia, “eles participaram, mas a partir do momento em que a associação começou a cobrar um real, começaram a reclamar e saíram dela. *Como poderia então continuar se os moradores não pagavam? Para ela foi isto que fez a associação não*

funcionar. Quando o povo tá doente chama a polícia ou o corpo de bombeiro. O bombeiro só vem quando a mulher é gestante, a polícia só vem quando é grave! Polícia só vem quando for faca! Para ela, a associação deveria ser capaz de oferecer assistência para a comunidade.

A associação existe, mas só caminha se a comunidade ajudar a associação. A associação se reúne, mas é perdido, os moradores não querem participar. Na associação são oito pessoas: eu e mais sete. Não querem compromisso de andar, por isso não tem mais gente. A última reunião foi o mês passado, é uma por mês. O pé de uma associação são os moradores, mas eles tem que pagar. Como é que vai continuar a associação? A associação tem que ter força, uma andorinha só não faz verão!

Eu dependia do pai dela e andando com um dos moradores, em função da associação, começaram a namorar e ficaram juntos.

O pavor do lixo e o primeiro dia de trabalho na cooperativa e ainda... “Nós” temos uma empresa e temos orgulho disso!

O pai delas me mantinha, para que eu não passasse necessidade. Não queria que nenhuma botasse os pés aí fora, eu também. *Mas uma vez sua filha e as colegas, foram para o lixo!*

Lembra que saiu procurando sua filha pelo depósito e encontrou-a junto aos pais da outra garota. Aí disseram que ela tava no lixo, eu fiquei apavorada! Peguei o cinturão e fui atrás dela. Tinha medo até de colocar o pé no lixo, eu ficava apavorada... Eu dei-lhe uma pisa de cinturão nela e fiquei doidinha! Cheguei em casa e dei um banho de sabão em pó nela. Por isso que eu nunca cheguei a ir para o lixo, para a cooperativa sim.

Aí tinha a Comadre Flávia que tomava conta do depósito, eu entrei e fiquei na cooperativa. Eu gostava quando vinha aqueles (sacos com os resíduos) da rua, mas quando vinha do lixão não. Da rua é limpinho!

No primeiro dia de trabalho o Amaro era vivo. Nós entramos na cooperativa e todo mundo pegavam as mãos e rezamos: pedindo a Deus força, coragem e união. Agradecemos a Deus pela força... O José e o Amaro lutaram muito.

Nós temos uma empresa, nós temos o orgulho de dizer: nós temos uma empresa! Estamos afastada e também tivemos tristeza porque, com pouco tempo, perdemos o Amaro e o José imediatamente abandonou a cooperativa. O pessoal do CEASB falou muito quando o José saiu da cooperativa. Ele brigou com o rico brigou pelas nossas crianças... Filho de catador tinha de ter valor! Conseguiu a bolsa do PETI. A bolsa do PETI era para filho de catador, que aqui não tinha.

O dinheiro pouco fez a gente sair da cooperativa. A cooperativa tá andando, mas tá andando muito fraca. Falta muita coleta.

“Ele chegou puxando a cachorrinha” ou quem faz o atravessador grande é o catador!

Se os catadores daí se reunissem e passassem o material todo para a cooperativa a coisa era outra! Descesse para a cooperativa e dissesse: Vamos catar no lixo e vamos ser cooperados a coisa era outra! Cada uma pessoa ia ganhar uns quatrocentos por semana ou quinhentos, por mês.

Quem faz os compradores grandes, pra cima, é o catador! O Juliano veio pra qui puxando a cachorrinha e hoje tá rico, podre, empresário. Quem bota os outros pra cima é o catador! Porque lixo é dinheiro, lixo é dinheiro vivo. Quem não sabe que lixo é dinheiro? Lixo é dinheiro vivo! Para grande atravessador não carece nem botar o pé aí, tem que fazer isso!

Do que a gente vive? A gente também vive do amor pelo companheiro...

Pra mim as coisa mudaro pouco, porque eu... Minha convivência com o marido mudou um pouquinho. O pai dela (referindo-se a sua filha mais velha), era muito mulherengo, mas o pai dela tinha alguma coisa mais que o José. Mas você sabe, eu... a gente vive... não vive só por isso, a gente vive do amor. Se você tem um companheiro e não gostar, né?! Aí eu fiquei com diferença de renda, caí... Caiu com a diferença de renda *entre os dois companheiros, vivendo agora com menos dinheiro do que antes.*

José não tem emprego, é um catador de lixo mas no meu sossego, na minha vivência, de viver bem, de não sofrer... Mudou! Pra mim só mudou isso. Meus filhos aumentaro, mais em vez de ter duas...tenho quatro! Tive mais... Morreu o menino homem meu... Eu tive quatro filho com o José.

Eu entrei na cooperativa eu tava grávida. Aí, toda meio dia, de onze eu vinha almoçar em casa. Aí, quando eu desci a ladeira, escorreguei e caí sentada e adoeci. Tive o menino vivo, de cinco meses, saudável. Mas não se criava porque faltava o organismo dele, não tinha o organismo completo. Aí, voltei e quando tava grávida de novo, saí da cooperativa, com medo de perder e também mode a renda... *“Mode a renda” quer dizer o pequeno rendimento que se conquista trabalhando na cooperativa. Como se pudesse nos dizer agora: “_Mode a renda que é pequena e não compensa trabalhar na cooperativa”.*

Sua filha mais velha já caiu e ficou vários idas sem andar, caiu “o coró” (a pele do corpo) de sua pele. Digo que também andei por esta ladeira, ela se espanta. Mas completo que nunca caí! Ela sorri, rimos juntos!

Ele pergunta: “_Onde é a boca da maconha?”, mas eu digo: “_Aqui tem pessoa de bem!”

O tempo passou e ficou diferente, porque não tinha a droga que tem hoje tinha menos gente, mais pessoa de bem. Agora os barraco aumentaro, a favela aumentou e a maior parte são tudinho gente que usa droga aqui. Tem criança de onze que usa droga”. Usa-se: maconha, cola (cola de sapateiro) e loló.

Aqui não tem hora, não! Usa meio dia em ponto... eu acho absurdo no meio de tantas pessoa de bem, existe isso aqui e a polícia não pode acabar porque eles não tem uma visão. Não sabe... só se a pessoa chegar e dizer: É aqui fulano, fulano! Mas nós, morador, que somo pessoa de bem, nós não pode fazer isso. Nós tá arriscando a vida não, é não?

A rádio patrulha chega aqui e pergunta onde é que tem a boca da maconha aqui, onde é que tá a droga. Nós diz que não sabe... Uma vez parou o policial e disse: _ Moça, moça, como que nós pa pegar a boca da maconha? Marli respondeu: _Oh moço! Nós somos pessoa de bem, mas nós não diz. Sabe porque? Vocês não vão livrar as nossa vida depois que ele é solto. Porque cadeia não existe. Bandido mata hoje, amanhã tá solto. Vocês que são policial, bote mola e procure que acha!

Aqui, me conta, o problema é que muitas meninas de doze anos estão engravidando e perdidas na droga. Acontece isso: o mundo cão acontece nessa favela. Eu peço todo dia a Deus que ajude meu marido, que em um ano, dois, possa comprar um terreno lá fora. Tenho uma moça de doze anos. Ela é moça feita e essa com onze, mais criança, e eu disse ao pai dela que tomasse conta. Dessa (a mais nova de onze anos) eu não tenho medo.

Como pretende sair do lugar e quando estiver morando em sua casa, quer que sua filha retorne, porque neste momento poderá protegê-la. Porque eu vejo as menina novinha, vive

com pessoa errada e termina também no erro também Eu converso todo dia com ela e digo a ela que não quero elas namorando aqui, vão namorar na casa do pai delas.

Elas estudam, mais tão sem ir porque eu tô de resguardo e elas é que fazem as coisa e eu, por enquanto, não posso pegar em peso.

Então é isso: daqui um ano não penso em sair daqui, penso em comprar um terreno e ir pagando o terreno e construir e morar no Jacintinho. A violência lá... tem muito marginal, mas tem muita delegacia lá perto. Aqui o povo mata pela uma dose, por um cigarro. Os domingo é mais violento, dia de semana não. Tempo de carnaval já fico com o coração na mão. O carnaval foi bem, furaro um menino só alí.

Que o futuro não me traga desgosto, que pelo menos parte de minha história se repita...

O meu futuro eu, espero... peço muito a Deus. Primeiramente a Deus: me dê força e coragem para criar minhas filhas e não me de o desgosto. Não me dê o desgosto que muitas dão as mãe. Que minhas filha estude para ser uma pessoa de bem, para ter um bom emprego. *Teme que lhes aconteça de tornarem-se empregadas domésticas, que estudando possam garantir o pão e o dinheiro.* Eu tive minha quarta série bem estudada e com essa quarta série tive um emprego de garçõnete. Não é um emprego bom, mas também não é uma forma de dizer 'piniqueira'¹³. Como garçõnete você trabalha uma hora, outra horário tá em casa.

E, se caso elas não chegar nesse ponto, mas pelo menos arrume uma pessoa de bem pa casar, que nem eu arrumei. O pai delas foi uma pessoa de bem, ele foi ruim na covardia de ser mulherengo mas o pai delas foi um bom dono de casa, foi um bom homem. O pai delas não

¹³ As empregadas domésticas são popularmente conhecidas como "piniqueiras". Há um sentido pejorativo nisto, que as desqualifica.

andava nas droga, nunca usou droga, não sabia o que era um forró, nem o que é dança. O pai era do trabalho pa casa. Mas foi um bom pai, é um bom pai.

Eu espero elas, que se elas não quer estudar pa ser alguma coisa na vida, se envolva com um homem. Mas se envolva com uma pessoa de bem, que nem eu me envolvi, eu envolvi com o pai delas e se envolva com uma idade alta. Eu me envolvi com o pai delas com idade de dezoito, dezenove e tive filho vinte ano.

Pa não se envolver criança, porque tem muitas mulher assim, que com quinze anos, já tendo filho. Com dezesseis... Isso não é idade pa uma mulher estragar-se. Ela ter um filho é com dezoito, dezenove anos. Idade alta, não é idade baixa, porque a mulher... ela se estraga muito, ela não tem útero de formar... O útero de um criança com outra criança se acaba rapidinho. A criança se acaba rapidinho, sempre digo as minha filha que se envolva com um caba que preste.

Pense uma mãe... Eu tenho ela, Deus o livre ela. Eu saiba que a minha filha tá envolvida com um cara. Ela só tem doze anos, daqui a treze anos ela tá grávida de um cara que não tem nem futuro. Veja o desgosto no futuro pr'uma mãe, não é? No meu futuro, eu penso isso... Elas me dando um bom gosto e eu, uma casa pa morar.

Sobre a capacidade de argumentar numa reunião forte... “Eu só boto pa ganhar!”

Dignidade... Porque a pessoa que é pobre... Eu sou pobre, mas tenho minha dignidade. Depois que a pessoa pobre perder a dignidade... Que nem uma vez eu... Uma vez cortaro a bolsa escola dela, eu botei a Cristina na televisão, denunciei a Cristina pa secretaria.

A minha filha estuda na Cruz Vermelha, almoça, faz tudo lá, depois que larga da escola. Fizeram ela comer e depois passar pano, porque ela não passou aí a cozinheira disculhambou ela de palavra, agrediu ela com palavra. Chamou ela de puta, prostituta.

Aí, eu cheguei numa reunião forte que tinha o Conselho tutelar, Gilson da Unicef e juize... Aí a representante da Cruz Vermelha estava. Aí cada mãe tinha que falar, aí eu pedi a palavra e disse que minha filha foi agredida. Disse: Dr. Miguel, minha filha foi agredida na Cruz Vermelha com palavrão. A cozinheira que eu saiba... A monitora que eu saiba Mônica (a representante da Cruz Vermelha) você tem monitora para limpar o chão, suas monitora ganham pa isso: pa limpar o chão e os aluno comer. Elas pa limpar, não é pa pegar as criança e mandar passa pano! Alguém chegou a perguntar: Onde foi que se viu isso? E eles calado, os juize. E eu dizendo...

Então eu fui reclamar, a Mônica achou que eu estava errada e eu disse: Se eu for procurar a justiça porque ela abriu a boca e chamou minha filha de prostituta? Minha filha, oi, é criança. Aí eu disse, lá no ar para todo mundo ouvir: Dr. Miguel, é porque as minha filha é pobre, é porque elas mora no lixão?!. Não é assim que se trata elas não, porque elas são pobre, não! Eu sou pobre. Vocês só podia maltratar as minha filha se eu perdesse a minha dignidade, eu num perdi, sou pobre mas não perdi ela não ainda.

Foi aí que a Mônica foi pa fora...

E a Cristina... E eu olhei para a Cristina: Você não tem direito de dizer que vai cortar a bolsa de aluno nenhum ali não. Que você disse, que a minha filha chegou em casa dizendo que se a minha filha não quiser participar da jornada ampliada você fala logo que vai cortar a bolsa ou você quer que eu traga a televisão pra cá, pra sua secretaria, pra sua sala para você dizer no ar que vai cortar a bolsa?

Aí, o Lucas se levantou, da Unicef, e disse: Cristina, onde foi que você já viu cortar a bolsa do PETI, pa filho de catador? Ela respondeu: Eu não disse isso, eu não disse! Eu pedi a palavra de novo: Olhe Dr., ela tá se defendendo aí e ela vai dizer ela não vai dizer... ela só vai

dizer no dia em que disser de novo com a minha filha e eu levar a televisão e a minha filha vai falar. Tá com uns quatro, cinco meses isso.

Nessas reuniões forte, aprendeu a ouvir e participar. Na reunião do Fórum Lixo e Cidadania, aconteceu a cena descrita anteriormente. Ela estava sozinha, sem o seu marido e com segurança declarou: Estou aqui falando como mãe, o que lhe era suficiente. É ótima, a reunião do Fórum, é a hora da verdade, é cartas na mesa. Eu gosto de toda reunião do Fórum, se eu pudesse, eu ía em toda reunião.

A dignidade é um direito humano e a certeza e a razão também pertencem ao pobre.

Dignidade que eu digo, assim quando eu falo assim: eu sou pobre, mas não perdi a minha dignidade é porque tem gente que é pobre mas não conhece os direito que eles tem. Os direito humanos que eles tem, nós somos pobre, mas temos direito. Nós temos direito igual o rico tem, nós não temo dinheiro mas aonde o rico entrar a gente entra. A mesma certeza que o rico tem nós tem. Eu não posso chegar ali porque sou pobre. Eu não posso entrar numa delegacia e prestar uma queixa porque fulano é rico, ele vai ganhar e eu sou pobre, eu vou perder. Não se ele estiver com a razão e com a verdade, ele ganha!

Tem mãe que a Cristina maltratou e elas têm medo de denunciar porque ela é rica pois eu não tenho não. Ela é rica... Ela é rica! Eu disse logo: E porque você tem uma casa para morar, porque você tem um emprego bom e eu não tenho. Mas eu não perdi a minha dignidade, eu tenho os direitos humanos!

Recentemente o dinheiro da bolsa do PETI atrasou por dois meses, Marli comunicou-se com a Cristina e uma Assistente Social veio até ela esclarecer sobre o atraso. Marli exigiu que

o dinheiro fosse liberado, caso contrário ela iria denunciar na imprensa. O dinheiro das bolsas foi imediatamente liberado.

Nessas horas Marli não tem medo.

Não tenho nada! Tô com a minha verdade, eu só tinha medo se eu fosse com mentira. Mas com a minha a verdade não. Eu, com a minha verdade, eu vou em qualquer lugar. Só não vou com mentira, só boto pa ganhar, pa perder eu não boto, não! Eu sou assim.

O Fórum é muito importante, ele defende as nossa criança, defende os catador de lixo, diz o direito que nós temos. Foi aonde eu aprendi muita coisa, depois que entrei nessa associação eu aprendi a viver. Na associação nós ía dar entrevista na raida (*no rádio*), no ar... Quando preciso falar da associação eu falo, boto a boca no trombone! Amadureci mais porque eu não sabia o valor que eu tinha. Eu acho maravilhosa a reunião do Fórum. Por causa disso eu vou quando eu posso.

O Congresso (de Catadores) foi importante porque quando chegaram formaram a cooperativa.

A cooperativa ainda existe, tamo afastado, mas qualquer hora quando a cooperativa mudar de vida nós tamo dentro.

A cooperativa ainda é minha, tô afastada mas posso voltar.

7.2.4 – A história de Beto, que agora sabe como é o mundo!

A personagem...

O nome é Beto, nascido em Colônia de Leopoldina, no dia 25 de março. Fui criado sem pai, só com mãe. Tenho trinta anos. Tenho quatro filhos.

Tive muita dificuldade na minha vida, meus irmãos maior não se interessavam, como eu hoje me interesse. Porque se a pessoa pequena não tem inteligência para nada, não sabe como é o mundo.

Se eu tivesse a experiência que eu tenho agora, eu hoje não vivia assim... Morando num lugar desse aqui, passando necessidade ainda. Mas as dificuldade que hoje enfrento, como dono da minha casa, eu me sinto que eu era antes como... (uma) criança comendo as custas da minha mãe... As dificuldade que eu sinto hoje, como dono da minha casa... me sinto: sou rico milionário! *Mora na Vila há 7 anos.*

Foi levando... Até que chega a hora: vai migrando em busca de trabalho!

Ai com 7 anos eu já fui cortar cana, fui levando dia a dia e até que fui crescendo. Quando eu tava com 14 anos, aí comecei a namorar, meu irmão mais velho me deu uma pisa na frente da minha namorada. Aí, eu me abusei e saí de casa. Você deu a última pisa n'eu! Foi essa!

Aí saí... Fui pa uma fazenda, falei com um administrador e ele me deu uma casa para morar, terra pa plantar e inda mais o serviço que tinha de corte de cana p'eu trabalhar, p'eu ganhar algum troco. Saí de casa, fiquei sozinho. Aí, quando foi com quinze, dias o administrador da fazenda que meu irmão morava botou eles pa fora e pediu a casa. *Sua família fica sem nada, mas Beto fala com o administrador e lhes consegue casa para morar, terra pa plantar e inda mais o serviço de corte de cana...*

Aí, depois eles foro simbora pa outra fazenda e eu fiquei lá. Aí, quando foi um dia, eu fui lá. Vou na casa da minha mãe! Eles já tinham vindo simbora da fazenda, pa Colônia de Leopoldina.

Aí pronto! Tá abandonado!

Já fazia uns quinze anos, eu não sabia nem onde era Colônia de Leopoldina.

Aí, eles tinham ido simhora... Pronto! Agora minha família me abandonou! E eu fiquei sozinho no mundo... Mas tem nada não, eu vou ficar por aqui mesmo.

Ai me ajuntei...Fiquei na casa de um caba lá. Eu conheci um rapaz lá e fiquei lá mais ele, na casa dele. Ele tinha dois filho. Comecei trabalhando mais ele, a mulher, os filho. Aí, a gente foi morar em São Bento. Aí ele tirava, subia no pé de côco, aí a gente pescava. Alternava a extração com a pesca na praia. Aí, foi tempo que o cara (um outro administrador), botou ele para fora do serviço de tirar côco. A gente ficou só pescando. Pegava o peixe e trocava por alimento. A gente foi levando, levando... Mas menino quando é novo, sempre gosta de arengar... Peguei uma briga mais o filho dele e disse: _Vou pa Colônia agora!

Aí, cheguei lá em São Luís. Lá fiquei morando embaixo da ponte. Aí, pô! Ele veio embora também... Que esse já tinha morando embaixo dessa mesma ponte que eu tava. Aí, chegou dois cara que ele conhecia e os cara era ladrão. Disse: _Não vamos ficar aqui não e esses cara não é de confiança, não!

Aí, a gente veio simhora pra usina da Santo Antônio, na entrada da Flexeira.

Com uns quinze dias que a gente tava lá, passou um pãozeiro. Quando a gente foi comprar pão, era meu irmão! Que já vinha de Colônia e tava vendendo pão na Barra de Santo Antônio e tava em São Luíz

Ai ele disse: _Mãe tá em Colônia e se tu quiser ir pa Colônia... Aí, fiquei lá. Trabalhando, cortando cana. E parou a moagem. não tinha mais serviço e ficamo lá, sem trabalhar... E um padre fez um horta para as pessoa que não tinha serviço e os menino que vivia

na rua. Aí arrumei uma vaga e fiquei lá trabalhando. Aí, passei bem um ano trabalhando. Aí, não suportava mais passar tanta necessidade...

Eu tinha já vinte ano, dezenove ano... Aí, eu vim embora po Jaraguá. Era 1994. Tinha uma írmã minha que morava lá. Passei bem um ano lá. Fui de novo para o interior. Porto Calvo, nas fazenda, cortando cana. Fui a Matriz. Foi tempo que conheci essa mulé minha. Aí, eu fiquei com ela lá.

“O caba sozinho, não dá não!”

Vou embora, vou pá Maceió, aqui não dá não! Os cara ganha pouco. Ganha muito mal para pagar o aluguel, fica passando fome.

Eu não conhecia ainda aqui a história do lixão. Eu já tinha vindo, passado assim... mas não tinha vindo assim... Pa ficar trabalhando... Pa... Pa me acostumar. Já tinha vindo a passeio olhar como era o povo trabalhando. Tinha ido embora de novo.

Aí, fui de novo po Jaraguá. Aí, quando cheguei lá ficou eu e outro cara lá, num barraco. Aí depois nós se desintendemos e digo: _Eu vou mimbora!

Aí, o meu cunhado era meu cumpade. Aí, disse assim: _Eu tô lá na Cobel, se tu quiser ir pa lá... O barraquinho lá é pequeno, mas de dia nós passa no serviço trabalhando, mas de noite da pá gente se ajeitar lá! Aí, eu disse: _Pronto! Vamos fazer assim, pra semana eu vou lá

Aí esperei... Passou a semana... Aí quando foi na sexta feira, passou na televisão a favela queimando. Aí, disse: _Eita pôxa! Eu ía morar lá. Agora queimou.

Isso foi em 1996.

Ele via todo mundo que morava na favela aparecer, chegar e ele não chegava... Será que queimou o barraco dele e ele morreu queimado? Aí, quando foi de noite... Eles chegaram. Disse que tava esperando um pessoal para fazer um levantamento e descobri quem foi que botou fogo na favela. Queimou uns barraco lá, mas o da gente queimou não!. Disse seu cunhado.

Ôxe foi sorte minha! Aí, eu vim pra cá. Foi na Sexta, no Sábado... E no domingo eu vim pá cá. Aí, fiquei no barraco dele mais ele. Quando foi na quarta-feira outro caba foi e botou fogo no restinho de barraco. Aí chamaram o bombeiro e queimou tudo! Aí, dessa vez eu já tava aqui, já. Tinha queimado tudo. Aqui em cima tinha muito terreno. Como as casas da base da encosta tinham sido destruídas, os moradores decidiram subir e ocupar o terreno no alto. *Beto pensou*, agora em vez d'eu ficar na casa dos outro, vou fazer um barraco pa eu também! Aí um morador disse: Mas não pode, não! Só vai fazer o tanto de barraco que tinha!

Eu fiz o barraco! Eu digo: _Não, só um! Qualquer coisa eu fico por aqui mesmo... Qualquer eu digo que tinha um barraco lá embaixo! Aí, eu fiquei morando aqui, trabalhando no lixo.

E no dia a dia... rapaz, o caba sozinho não dá não! Vou arrumar uma mulher! Já tinha conhecido ela né?! E ela vivia lá na Matriz e eu fui atrás dela e trouxe ela e me juntei com ela até hoje! Daqui fui tocando o barco, vai fazer sete anos depois que pegou fogo.

Comecei catando lá, trabalhando no lixão. Catando e depois eu via os cara comprando lá e eu aprendi também como e comecei a meditar... comecei comprando. Aí, hoje eu as vezes cato também, mas mais eu compro do que cato. Inté aqui, a gente tamo aqui ainda! Aí, foi tempo... Foi crescendo... Chegando mais gente... E a gente tudo desorganizado e os povo chamava Favela do Lixão!

No início era trinta e seis barraco, no último cadastro tem duzentos e cinco.

E aí foi tempo: *tempo de mudanças!*

Aí, depois eu fui também trazendo a minha família pra cá, também. Que vivia no interior, passando dificuldade, também. Aí, eu digo: _A gente tem que se organizar também! Aqui não tem escola, não tem energia, não tem água, não tem nada! Aí, a gente começou a se organizar. Vamos fazer uma associação! Aí, eu chamei meu irmão: _Vamos fazer uma associação, bora! Como é que nós vai fazer?

A gente começou tentando... Nós não tinha experiência. Quando o povo adoecia, a gente, como era os mais velho aqui... O povo percurava a gente. Aí, não tinha pista, nem luz, nem nada! Era... muitos taxistas não queria vir com medo. Nós vai fazer uma idéia. Inventou as carteirinha para cobrar 1 real por mês. E assim juntar recursos financeiros para a manutenção da associação e garantir assistência de transportes para as necessidades da comunidade. *A associação foi organizada em 1997.* Aí, os povo de fora começou a achar que a gente queria ganhar dinheiro. Aí, tinha a Selma, aí de Jacarecica, de uma outra associação que começaro também a fazer as carteirinha.

No relato de Beto a idéia da associação se confunde com a fundação da cooperativa. Foi a partir de diversos encontros entre os moradores e personagens externos como ongs e órgãos dos poder público, que se fomentam as “idéias” de que fala Beto. Neste momento, os olhares sociais se voltam para a “Favela do Lixão”, as televisões locais produzem matérias jornalísticas e grupos políticos e pessoas isoladas surgem em seu cotidiano.

Eles, da outra associação, tomaram a frente. Também não tinha água... Tinha um rapaz que vendia água para a comunidade. O rapaz cobrava 1 real pelo tonel de água. Aí, botamo

a CASAL no caba (*ou seja, o denunciaram*) e a água ficou sendo paga só um real por mês. A CASAL tomou conta do poço. Aí, o pessoal não pagava a conta e a Casal cortou a água.

Aí, era época de política e arrumamos um candidato para pagar a conta. O Joaquim pagou e a água ficou de graça. Depois os próprio morador não tinha interesse de ajudar a gente. Agora mesmo a gente deixou de mão um pouquinho. Aí, a gente vai ver se consegue pelo menos se essas casas são construídas.

A Selma vem todo ano político, por interesse. Ela vem atrás de voto. Ela indicou as pessoas, falou mal da gente. Aí, os pessoal achou que era verdade. Quando a gente inventava um negócio e ela tomava a frente, fazia como se fosse dela. O interesse dela era arranjar voto. Muitos aqui tem raiva dela, mas outros gostam dela.

Esse negócio da água mesmo foi ela que lutou muito para que fosse só cobrado 1 real. Pra que nada fosse pago, foi eu e o José que conseguimos. Ela tinha interesse mas ajudava também! Muita gente ficou dizendo que era o José que comia o dinheiro da água, mas ela usava o dinheiro para transportar no próprio carro, financiando a gasolina, as pessoas que precisavam de assistência. A maioria ficou pro lado da gente, mas a maioria meio cabreiro...

Agora mesmo quando a gente disse que ia sair da associação, os morador disseram que a gente não tinha que fazer isso, que a gente já vinha há muito tempo na luta e não deixasse. A gente ficava ligado mais nesse negócio para a ajudar a todos. A gente disse: _Pronto! A gente começou a lutar para a cooperativa, o pessoal ficou com trairaje! E também... Deixei! E disse: _Agora, pronto! Vou trabalhar pra mim!

A saída da cooperativa: a (re)entrada no mercado da reciclagem.

Ao participar da organização da vida comunitária, Beto e seu amigo José experimentaram situações onde o conflito de interesses era sempre evidente. Quando José fez uma viagem, ausentando-se da cooperativa de que agora fazia parte, ao retornar à Vila, todo o grupo havia decidido por sua expulsão. Para Beto, era “traíraje”. Aqueles a quem chama de companheiros estavam sendo enganados e voltavam-se contra seu amigo. Aí, o pessoal disse que se ele ficasse na cooperativa, “os companheiro”, o pessoal todo saía.

Aí, agora a gente tá se dedicando mais ao trabalho da gente. Que é o trabalho na compra do material que os catadores selecionam do depósito.

A cooperativa, eu creio, está sendo dirigida pela SLUM. A raiva deles... é que o José não aceitava tudo que eles diziam! Quando o José viajou foram lá, combinaram com o pessoal, pros companheiro da gente dizer que o José não podia ficar. Se o pessoal saísse e só ficasse o José, eles tinham o poder de tomar o galpão, a prensa. A raiva... era do jeito que eles queria e não precisava dizer como a gente deveria fazer.

Se a gente fez o curso de capacitação, o que é cooperativismo... Fundemo com tanto prazer, com tanta fé... A função da cooperativa é conscientizar os catador para catar o material, levar para a cooperativa, reciclar ele e vender com o preço da fabrica para o catador. Só que, na prática, a cooperativa funcionava como atravessador. A cooperativa, nem com a gente lá dentro, nunca funcionou como cooperativa! A cooperativa funcionava como um atravessador. A cooperativa era para conscientizar o catador.

Enumera então os erros cometidos: ela deveria ter sido fundada com a “contra-parte”, que segundo me conta era já ter em mãos mil e quinhentos reais de fundos gerados pela

contribuição dos cooperados. Onde cada um deveria contribuir com cinquenta reais, que ninguém pagou.

Na assinatura do convênio, a SLUM só forneceu o caminhão por três dias da semana... E aí, eles pegaro e aceitaro e começou o primeiro erro. O segundo erro foi comprar material, o terceiro foi a desunião no grupo mesmo.

Com poucas coletas efetuadas pelo carro destinado a abastecer a cooperativa, não conseguiam fazer as cargas para encher os caminhões para vender para a indústria. Os cooperados começaram a sair.

Ainda aguentei lá uns três meses, falei que ía mandar o material pa lá. Como eu tava me desgostando... Eu fui, me abusei e saí... O pessoal da cooperativa disse que eu roubei. *Soube disso no centro da cidade, quando trabalhadores conversavam no ponto de venda de um comprador.*

Não dá mais pa ficar aqui e pronto! Vou ficar comprando e vendendo pro cara.

Antes ganhava 110 por semana, hoje ganho mais e não me preocupo tanto.

Antes a gente trabalhava mais à noite e durante o dia se ocupava mais com as coisa dos outo. Aí, agora, gente vai ver como vai fazer pa tocar associação da gente. Legalizar associação e lutar pelo conjunto como foi prometido em 1996, quando a favela incendiou. *No de Orçamento Cidadão, como a primeira obra de 1997 ia ser feito o conjunto da Vila Emater II. Até hoje não saiu esse conjunto. Diz que precisa estruturar a associação para lutar pelas casas.*

Eu já tive a idéia de reivindicar o terreno e cada um fazia suas casa aos pouco.

Eu mesmo, pelo tempo que já passou... a sete anos a gente sendo enrolado. Era pedir, implorar que ela dividisse o terreno. Seria esse mesmo terreno. Inventaro de botar a gente por trás

do Baldomero ou em Guaxuma¹⁴, onde não entra nem mosquito. Lá fica longe de tudo, do trabalho, do comércio. A gente brigou pa ficar. Esse terreno é da Cohab e não tá liberado e tamo aqui esperando, lutando pa ser resolvido.

A gente com associação conseguiu também a escolinha que funcionava na associação. A professora é irmã do Padre Tito. A escola tá sendo na igreja, é de jovens e adultos, já tá com cinco meses que funciona. Tem pouca gente, eu mesmo tenho dificuldade.

Como surge o catador de lixo.

O catador pa mim é uma pessoa que antes, no interior, o caba dava uma casa po caba morar, dava terra pa plantar, roça... Dava a lavoura, que é a cana po caba cortá e ganhar dinheiro pa comprar outras coisa...

O mesmo caba, o fazendeiro proprietário das terras, é o mesmo que derruba as casa pa ninguém morar, não dá mais terra pa ninguém plantar. O fazendeiro só quer plantar cana e prefere trabalhar com as pessoas que mora na rua, na cidade. Porque na cidade ele se desobriga de financiar o aluguel da casa, a água, a luz... Aí, os povo que morava nas fazenda correu tudo pa rua! Chega na rua tem o que: água, luz, aluguel de casa pa pagar... Aí, vai cortar cana... O que ganha?

Passa então imaginar quanto ganha hoje um cortador de cana. Tá com sete anos que eu deixei de cortar cana. Vamos supor que um tonelada de cana pa ele cortar e amarrar, seja quatro reais. Ele vai fazer o que? Vamos supor que faça umas duas toneladas por dia.

¹⁴ “O Baldomero” é na verdade nome de um presídio de segurança máxima (vizinho da UFAL) que fica distante do depósito, no bairro do Tabuleiro dos Martins; passa também a nomear um outro lugar para onde poderiam ser removidos; outras populações já moram lá. “Guaxuma” é um outro bairro com uma praia de mesmo nome, próximo ao depósito, mas, assim como “o Baldomero”, mais distante do centro da cidade.

Aí começou a passar fome! Como eu mesmo! Cheguei ao ponto de pedir pa comer, porque o ganho de corte de cana não dava. Quando chegava de noite, tinha que ir pedir pa comer, o dinheiro era para pagar água, luz e aluguel... Aí o pessoal vinha e começou a ver que o lixo gerava dinheiro. Aí deu nisso!

Para Beto, existe o catador porque os fazendeiro derruba as casas que um dia lhe deu.

Com o Congresso de Catadores, Beto vê surgir o catador profissional.

O congresso foi no ano de 2001, teve lá em Brasília, o Primeiro Encontro Nacional dos Catadores. Fui eu, José, Amaro, Lúcio, Juca e Miriam. Lá foi bom, a gente conheceu experiências de como funcionava uma cooperativa, tinha gente de outros estados, aprendemos que o objetivo é conscientizar o catador.

Soube que em outros estados os catadores faziam a coleta seletiva e o trabalho na reciclagem gerava outras atividades produtivas: serraria, artesanato, oficina de renda, costura. Além da reciclagem, pode-se ter muita coisa. Soube que em outros lugares já existe o modelo de aterro sanitário em funcionamento.

Quando a gente comentou a nossa situação eles disseram que a gente tava muito desorganizado e eles incentivavam que gente botasse as idéia em prática.

Nesse congresso que teve lá em Brasília, fomos buscar a categoria profissional do catador. O catador ser um profissional e foi aprovado lá no Congresso. Hoje o catador é um trabalhador igualmente aos outros. No congresso, o catador ia ser um profissional. O povo deveria ver o catador como um motorista, como uma profissão, mesmo.

Eu mesmo não quero trabalhar empregado! Eu preferia tá catando, porque o catador ganha pouco, mas se ele disser assim, ninguém vai chegar na casa dele: _Desocupe a casa por que

não pagou o aluguel! Nem vai dizer, como se fosse fazendeiro: Você vai fazer tal serviço e se não for, desocupe a casa!

O catador hoje é livre pa trabalhar o dia e hora que quiser. Eu tô despreocupado. Eu sendo catador também não queria trabalhar pa patrão. O caba trabalhando, mesmo que seja empregado, ganhando bem, ele tá sujeito a levar um gato.

A gente faz o que quer, ninguém manda na gente! Achei bom! É arriscado, mas ninguém tá obrigando a gente.

Ter experimentado o que pode ser a autonomia para decidir o horário para trabalhar segundo sua necessidade, faz Beto recusar que alguém possa intervir em sua vida. Lembra que um rapaz que trabalhava na cooperativa certa vez precisava faltar ao trabalhar para consertar a porta de sua casa. Foi, então pedir ao Amaro que o deixasse dispensasse, não conseguiu a dispensa. Lembra que ele disse: _ Pois eu não venho mais não! Que eu nunca fui escravo de ninguém, não!

A condição do catador para o poder público, gradativamente, foi conhecida e declarada pelos próprios catadores nas reuniões que participavam. Para Beto, aqueles representavam o governo e que estavam presentes nestas reuniões ouviam o que os catadores diziam e percebiam quem eram os catadores. E quando voltavam, diziam para os outros, quem eram os catadores.

No tempo do Reinaldo (*Reinaldo Falcão, que dirigiu a SLUM anteriormente*) a gente era tratado como animal. Odiavam quando passavam por a gente. Eles empatavam quando a gente vinha com as vasilhas d'água.

Deixava os vigia tomando conta e eles tomavam o gancho e a lanterna e trancava lá embaixo trancado. Nas reuniões ele começaram a entender que e a gente vive aqui obrigado, por

necessidade. Eu acho que o tratamento mudou por isso, eles ouvia gente dizer como era tratado aqui aí quando o que tava lá representando (o poder) passava pro outro, o tratamento com os catadores mudava!

Depois que a gente começou a história da associação, explicando o que significava o catador, que o catador não era vagabundo, mal elemento... Que era apenas um trabalhador que vivia sofrendo no interior e por conta de viver passando necessidade, sabia de um lixão que dava renda a todo mundo. Aí eles começaram a abrir mão e entender que a gente vive aqui não é porque quer e nem pa estar com safadeza. Vive aqui obrigado, porque necessita mesmo de trabalho.

Agora tão querendo mudar de novo. As mesmas coisa que o outro fazia tão querendo fazer de novo, mas também tão tentando estabelecer uma maior organização no interior do depósito. Tão querendo montar um esquema bem organizado: botar farda! Isso eu acho certo, porque já mataro gente aqui, já derubar o muro! Eu espero que façam um trabalho, mas que faça de acordo com a gente que vive o dia a dia lá dentro!

A autonomia do sujeito e de um grupo ou o diálogo do Beto com a Rosa!

Aí na sede (da associação), a gente fazia um forrozinho pa animar! Mas fomos denunciados! A gente fez o forró pa divertir o pessoal.

Foram denunciados e o delegado da região mandou que o José fosse falar com ele e explicar-se, pois recebera denúncias. Beto soube que a Rosa, dirigente da SLUM, fora autora da denúncia, então decidiu ir até ela. O diálogo adiante foi relatado por Beto.

Quando foi recebido, aí a Rosa disse: _Não! Antes de vocês vir fazer o forró, vocês têm que pedir a gente pa fazer o forró!

Beto falou: _Vocês são o dono do lixo, mas a gente manda na nossa casa! Aí continuamo a fazer o forró. Uma coisa que num tinha nada ver com vocês!

Ela disse: _Na casa da gente, quem manda é a gente! A gente foi sim denunciar vocês! (A casa que Rosa se refere é o depósito, pois é gerido pela SLUM).

Beto: _Deveria ter conversado para ver se a gente se entendia, sem precisar dar parte da gente.

A Rosa: _Antes de vocês ir fazer, vieram pedir a gente pa fazer?

Beto respondeu: _A senhora disse que na casa de vocês quem manda é vocês, mas na casa da gente quem manda é a gente! Nenhum de vocês, nenhum nunca foro lá pegar uma colé de cimento e colocar na parede. Porque o terreno é da gente, a madeira, a telha é da gente. A única coisa que foi doada é os bloco, que foi doado pelos pessoal da igreja mas não foi vocês que doaro. Mas se vocês tão mais precisado, a gente compra os bloco e devolve a vocês. Se tão mais precisado!

Tá com três semanas que a gente não faz o forró, conta-me. O lucro do forró iria pa associação. Para continuar o forró, querem melhorar a condição física da sede. Instalar a porta, consertar o prédio.

No final: o futuro...

No final, acabou pra mim. Se fundasse outra cooperativa, com outras pessoas novas, com um pensamento só... deveria ser só os catadores fora do espaço da SLUM. Se fosse aqui no espaço da gente mesmo, eles não tinham força de... Se eles não tivessem doado nada, se outra entidade quisesse doar o material que eles tinham doado...

Acredita que teria força para lutar pelo transporte e pela coleta seletiva. Quando a carga chega no galpão, é mais lixo que o próprio material. Até o frete que a SLUM paga pelo caminhão era mais vantagem dar para comprar o material.

Meus planos é ter uma casa melhor. Quero se daqui pro fim do ano, posso comprar uma “Pampa” (carro pequeno, com carroceria para transporte de pequenas cargas). A previsão é que o lixo feche. Vá pro lado da Barra de São Miguel, Marechal... Eu via dizer na reunião do Fórum com o Reinaldo Falcão e o que fala a Rosa Tenório na televisão.

Se o lixo fechar e se não tiver acesso pa catador eu vou andar por aí comprando na rua, no interior, nas fazenda. A minha tendência é trabalhar com material reciclado, sucata. Negociando, comprando e vendendo. Quero me prevenir logo, porque da onde se espera, o coelho sai. Tá com uns seis meses que trabalho direto. Trabalho de domingo a domingo. A tendência deles é o catador não ter acesso para catar nada.

O Reinaldo Falcão tinha uma idéia até boa. A idéia dele... Mas eu acho que não vai funcionar assim ... Era o lixo chegar e o pessoal catar o material. Pode até funcionar, por que agora eles tão na cooperativa, eles dão assistência. Pode funcionar, mas só com o pessoal da cooperativa. Vem aqueles lixo mais melhor, derrama, o pessoal cata o material e o rejeito é levado pelos caminhões para o aterro sanitário.

O processo descrito por Beto corresponde ao modelo de trabalho que define o projeto da cooperativa que, curiosamente, ele atribui a Reinaldo Falcão.

Era uma idéia boa se viesse todo o lixo e desse para todo mundo trabalhar, ficava até melhor. De todo jeito se fizer assim, não ia prejudicar nem os catador. Os catador não tão preparo, porque eles não tem experiência. O ganho do catador é muito pouco. São muitos catadores trabalhando, tem uns quinhentos de dia, uns trezentos de noite. Segunda a sábado chega coleta direto. Tem catador tem de todo canto, Colônia... Tem muita gente mesmo é de Roteiro,

São Miguel, Porto Calvo. Crianças tem... Depois da bolsa escola diminuiu... tem muita gente idoso.

Eu conversando com o menino (um jovem da comunidade), ele disse: *É melhor você ficar estudando, que você aprende mais alguma coisa. Eu só fiz a matrícula. Que seja bom, não é?! A pessoa passa o dia trabalhando, tem preocupação em casa, chega lá com a cabeça fervendo. Muita gente diz: “Ficar se preocupando, é melhor tá dormindo!”* Aí, não vai!

Quando eu vim pra qui, eu não pensava de morar aqui não. Por azar dos outro e sorte minha, com três dias queimou a favela e fiz meu barraco.

No final, o futuro de Beto...

7.3 - A memória de uma cena pública: afeto e política diante dos Martírios.

Qual seria a razão de recompor aqui as lembranças de uma manifestação que se deu lá em 2001?

Posso afirmar que, nenhuma outra atividade além do trabalho na reciclagem, foi capaz de envolver tanta gente em torno de uma questão: expor as condições de vida na Vila Emater II e reivindicar moradia digna. Nenhuma outra atividade, de 2001 até hoje, expôs publicamente a capacidade de organização deste grupo. De lá para cá, a dispersão e a

fragmentação política e social pode até ter se cristalizado, mas a necessidade de retornar as ruas já se anuncia. Já me dizem que irão protestar.

A descrição da cena pública a seguir está baseada nas lembranças de quatro moradores da comunidade. Conversei com Marli, Rita, Miriam e Marcos e aqui recomponho uma fragmento da história da comunidade, através das lembranças destes quatro moradores que participaram da manifestação.

Um momento de sua história em que, segundo dizem, a Vila Emater II ficou vazia e todos foram para o comércio, dizer para a sociedade como viviam..

Contrastando com o estereotipo do catador que está alienado, os catadores vão as ruas mostrar a política que estrutura o cotidiano...

A gente fez uma manifestação pra gente conseguir as nossas casas. Na época, a gente tava fazendo um curso de teatro... A gente fez o lixão, fez o pessoal catando no lixão, fez o urubu.

Eles circularam pelo centro da cidade, cantando uma canção feita para a ocasião.

A gente quis mostrar a prefeita como era, como era a convivência no trabalho. Mas depois que a peça terminou, a gente entrou no Palácio.

Na memória:

O carro andando e eu cantando. Eu fiquei no carro de som, que eu tava cantando.

Algumas pessoas que assistiam gostavam, outras diziam que era uma palhaçada.

Eu fui o urubu, logo depois eu me tornei a prefeita.

Foi muita gente, muita gente... O pessoal daqui todo! A Vila ficou quase zero.

Pra mim foi engraçado, eu nunca pintei a cara com maquiagem. Fiz o papel do urubu, segundo foi a prefeita...Cabelo louro! O melhor foi fazer o da prefeita! Eu enchi mesmo o saco da prefeita!

Para Laura: Foi duas peças numa só.

Uma que mostrava a catação no lixão e outra, o encontro com a prefeita.

As Personagens e as Máquinas, e seus Atores:

o urubu, RITA

a prefeita, RITA

o assessor da prefeita, LUIS

a secretária da prefeita, MIRIAM

o secretário de habitação, PAULO

o catador que morre, LUCAS

a catadora bêbada, MIRIAM

o ônibus, TODOS

o trator, AMARO

o barulho da coleta, LUCAS

o barulho da caçamba, PAULO

Mas antes de relembrarmos a manifestação com os nossos sujeitos, uma cena que antecede à chegada a Praça dos Martírios e o encontro com a prefeita.

A VIAGEM DE ONIBUS

A primeira cena da peça descreve a partida dos catadores da Vila aos Martírios.

Aí, depois teve o ônibus e a gente não tinha dinheiro para pagar o ônibus e o cobrador queria receber.

_A gente não tem dinheiro, mas o senhor quer receber de material?A gente paga com apara, latinha e também nós tem essa ‘carina’, que era o valor de um real e ele dizia:

_Passe!

Aí, cai um braço, que era uma pessoa que fazia.

Um braço de um ator que impedia a passagem dos catadores ou quando estes pagavam, liberava para que seguissem.

Aí quando a gente dava o material, ele levantava os braço.

Foi assim, do jeito que eu tô contando aqui.

Aí quando o ônibus parava, todo mundo se dividia e ia tomar sua posição. Fazer seu papel.

Primeira Peça:

A CATAÇÃO NO LIXÃO

Levamos saco com latinha e fizemos o lixão.

A primeira cena descrevia o trabalho na catação, apresentava os personagens e as máquinas envolvidos no processo produtivo.

A caçamba, a coleta, o trator, o barulho das máquinas. A presença do urubu e o trabalho do catador.

No exercício do trabalho, a presença da catadora bêbada, vivida por Miriam que sente medo e foge do caminhão que a persegue e tenta matá-la.

Em certo momento, a coleta vem e atropela um catador, vivido por Paulo e todos assistem a sua morte.

Aí o filho da Miriam, o Lucas, numa cantinela fúnebre, lamenta a morte do catador que é acompanhada pelos catadores. Na canção diz: “Minha mãe, quando eu morrer...”

Segunda Peça:

NA PREFEITURA, O ENCONTRO COM A PREFEITA.

Após a cena da catação, tomam suas posições.

A prefeita tinha dois aparelhos de telefone celular.

Vinha o representante dos catadores.

A gente chegava e a prefeita dizia:

_Fale com a minha Secretária! Fale com o Secretário de Habitação!

Isso tudo aí, foi feito no teatro.

A Secretária dizia: _Tome um chá!

Mas o chá da gente foi um chá de cadeira!

Os catadores respondiam:

_Ah não! Eu tô cheio desse chá!

Olhe! Um babado forte!

Era o Luis, o Assessor da Prefeita, ele é quem passava para o Secretário de Habitação. A gente falava bem alto.

Como condição para ter acesso a prefeita, alguém entre os catadores dizia:

_Seu rei mandou dizer que desse três pulinho com três cambalhota, ainda pular pra traz, carregar alguém no braço pra poder chegar ate a Prefeita, poder falar com a Prefeita.

Rita me conta:

_Eu ficava lá com dois telefones, com dois celulares quando a pessoa chegava até a mim, não dizia nada nem dava atenção.

Quando chegava o pessoal até mim eu fazia como a Prefeita faz:

_Alô, sim!

O pessoal falando comigo e eu não tava nem ligando.

Pra falar com a Prefeita a gente botava um muro, que era uma pessoa.

Até que diante da Prefeita, o catador diz:

_Senhora Prefeita eu vim pra reivindicar as nossa casa que a senhora fez aquele abaixo assinado lá, mandou fazer aquele abaixo assinado.

_Ah, sim! Olhe a gente... No dia primeiro de abril eu vou mandar fazer. Eu sei, eu tô lembrada de vocês! Vocês não são aquele pessoal da Favela do Lixão? Aguarde ai!

Manda então os catadores aguardar enquanto ela atende outro telefone.

_Sim!

E ela tirava o pessoal de tempo...

_Aguarda ai!

Volta-se para os catadores e diz:

_Sim, eu vou mandar dia primeiro, eu vou mandar o Secretário de Habitação com o pessoal fazer o novo cadastramento de vocês.

Neste instante, sai de cena a Prefeita e os catadores vão atrás dela.

Conta-me Laura:

_E eu passava pro secretário de habitação e aí ele fazia aquele meio mundo de enrolada, ai dizia que tava faltando verba.

“O FIM DA PEÇA”

O pessoal cantando...

No final da peça, os catadores retratam o segundo incêndio na comunidade, quando parte dos barracos foram queimados, alguém dizia:

_Cumpade Amaro! Tire os menino de dentro de casa!

Sou lembrado por todos que me contaram estas histórias:

_Foi lá, em frente o Palácio. Em frente mesmo.

Aí terminamo a peça cada um disse uma coisa pa atingir a Prefeita:

_Cadê as nossa casa!

Eu mesmo disse assim:

_Prefeita se eu tivesse trabalho

não pediria a ninguém

só que o nosso sustento depende de gancho e sacco

eu compraria mansão

e não aqueles barraco.

E cada um ia dizendo o seu.

A apresentação em frente aos Martírios se encerra com a retomada da canção. A canção feita para a ocasião, pelos catadores:

Nós somos da Vila Emater II

nossa família precisamos de um lar

não deixemos pra depois

nosso direito de mostrar

Todo cidadão precisa

e o outro dizia, quando me explicam que havia um coro:

_ Do que?

De um lugar para morar!

Então não somos diferentes

Essa vitória teremos que ganhar!

Senhores nós estamos aqui

então não somos diferentes

essa vitória nós temos que ganhar!

E todos, com quem conversei para rever a memória destas cenas, me dizem:

_Mas é assim a vida do catador.

Ao final da apresentação entram no Palácio dos Martírios o José, o Amaro, o Padre Tito que os acompanhava, e na conversa com o secretário de habitação ficou acordado que na semana seguinte um novo cadastramento seria realizado. O que de fato aconteceu e estabeleceram um prazo de três meses para iniciar a construção. Embora as casas, razão maior da manifestação, jamais tenham sido construídas.

8

Para compreender...

“(...) Refiro-me à relação entre intelecto e afeto.
A sua separação enquanto objetos de estudo é
uma das principais deficiências da Psicologia tradicional,
uma vez que esta apresenta o processo de pensamento
como um reflexo autónomo
de ‘pensamentos que pensam a si próprios’,
dissociados da plenitude da vida,
das necessidades e dos interesses pessoais,
das inclinações e dos impulsos
daquele que pensa”.
L. S. Vygotsky
(1989, p. 6)

8.1 – Análise das histórias de vida.

Na leitura das Histórias de Vida buscando unidades temáticas para desenvolver a análise, pode perceber a presença constante de dois elementos de significação que se relacionavam tanto em oposição quanto em confluência: o *eu* e o *outro*.

Na análise das trajetórias, o *eu* ao encontrar o *outro* vive um estado de tensão que é recuperada e revivida quando o sujeito relata sua história de vida.

Uma tensão que se objetiva mobilizando afetos, que fazem mediação no modo como configuram suas identidades, que ultrapassa em muito o trabalho na reciclagem enquanto única atividade do cotidiano que participa da constituição de suas subjetividades. Outros elementos de significação surgem, outras categorias se agregam em núcleos. Portanto, outros elementos de significação participam da produção de suas subjetividades.

Os encontros aqui referidos que permitem a emergência da tensão entre o *eu* e o *outro* trazem uma carga *afetiva*. Trajetórias de vida são significadas e carregam um colorido afetivo que guarda relações com o cotidiano.

A partir daí, pude observar que a relação entre estes pólos, ao sustentar relações de trocas sociais, estaria promovendo a produção de novos sentidos subjetivos. Mas não prescindindo dos fatos da vida cotidiana; estavam justamente emergindo em função de eventos e experiências do contexto das vidas deste sujeitos.

Instaura-se o *espaço intersubjetivo* onde as *significações* são permitidas pela tensão operada nesta relação. Espaço de trocas simbólicas, espaço de produção de significações, encontro entre subjetividades, encontro entre sujeitos. Lugar para a processualidade que não prescinde nem do sujeito nem do contexto.

Duas dimensões, desta forma, se apresentam como constituidoras da produção destes novos sentidos: *as dimensões da vida privada e da vida pública*, ou o que há *dentro da casa e dentro da Vila como lugar de reclusão* e o que há *fora da casa*, tudo o que acontece e se sabe fora da Vila, pelas ruas da Cidade. Que se combinam e constituem o substrato destas trajetórias de vida. Embora em certos momentos, estejam situadas em oposição e ambigüidade.

Os movimentos do sujeito no cotidiano, a tensão operada entre o *eu* e o *outro*, ora situam-se no espaço da Vila Emater II, ora transpõem seus limites. Surge um eixo de argumentação comum aos sujeitos que, nos termos de Bosi (1994) denomina-se de “comunidade de destino”. É o que nos revelam as histórias. É o que nos dizem os sujeitos.

Querem expressar-se, cuidam do presente, se distanciam do passado, aguardam o futuro com prontidão. Sabem que a fronteira entre Vila e *cidade* é difícil de ser transposta, mas

elaboram estratégias que se orientam através de novos encontros e do desconforto e sofrimento por experimentá-los. Nestes novos encontros sempre há *um outro* e nestes contatos, se vê emergir novas dimensões da vida cotidiana, produzindo novas significações. Surgem, então, a potencialidade para a ação e o impedimento ao ato.

O sujeito retorna à cena como projeto.

8.1.1 - A História de Vida de Laura.

Laura experimentou várias atividades produtivas, de nenhuma delas gostou. Quando me diz isto, ainda completa: “já fiz coisa que você num imagina”. Parece que eu não posso imaginar que a mulher que encontrei naquele instante na Vila não poderia ter uma história anterior, pregressa.

O **passado** de Laura é marcado pela **pobreza** e pela **morte**: me diz o quanto era difícil à condição de vida no interior do Estado, o quanto foi sofrido assistir a morte do marido e filho.

“O lixão” lhe é apresentado por seu irmão que lhe falava dele ao retornar sempre ao interior, Laura se intrigava com isto. Sentia curiosidade. “Um lixão” capaz de prover o alimento não poderia ser real. “Depois que eu vim morar aqui, foi que eu vi que era verdade”. Uma realidade oposta a que o sujeito vive é então vista como concreta, não fazia parte das *histórias de um viajante*.

Ao chegar aqui, Laura deve aprender a trabalhar. Nada fácil. “Quando a gente tá no lixo, a gente se separa, é cada um por si. Você que se vire”. Instaura-se um “salve-se quem puder” e o sujeito não é amparado por ninguém. Laura é **enganada** num primeiro momento, mas

logo em seguida vai como observadora, descobrir o modo correto de trabalhar: observar como o outro trabalha e percebe, então, que era enganada. O *outro* – catador aqui é aquele que esconde o jogo, que se favorece do seu amadorismo. “No lixo” é “cada um por si”, diferentemente das relações que estabelecerá, mais tarde, na cooperativa.

A ação do outro e das máquinas causam-lhe pavor. As primeiras cenas a fazem afastar-se do trabalho, mas retorna para ele para sustentar o filho que trouxe consigo. **O eu convive com um *outro* que a enganava e com máquinas que ameaçavam a todos.**

Mas o sujeito não tem escolha: “Aí, eu tive que cair no lixo e quando caí, num perdi pa quem inventou o lixo! Até hoje não perco pa quem inventou o lixo! É mais fácil eu enganar alguém! Que a gente aprende muita coisa no lixo, a gente vê isso não tem valor, mas tem!”

A aprendizagem no lixo se associa à **agonia**, o povo e as máquinas despertam-lhe **medo e nojo**. O **medo** e a **morte** se combinam e o sujeito teme por sua vida. “Meu medo era esse: ficar enterrada naquele lixo!”.

O **passado** contado agora não a faz sentir o que viveu, antes é permeado pelo **riso**, porque “pra hoje tudo é graça”. Mesmo a **tristeza** que sentiu quando chegou ao trabalho no lixo, é **lembrada com risos**. No passado havia a incerteza, na chegada ao lixão o sujeito encontrou o provimento e o trabalho; mesmo que em condições insalubres.

A desobediência às normas foi uma constante no passado, mas uma desobediência necessária e justificável. O sujeito afirma seu direito de explorar os recursos do depósito: no trabalho com o lixo, “a gente não tá invadindo a privacidade de ninguém, só tá apenas buscando o nosso pão!” O **presente**, agora vivido na cooperativa e o **futuro** que se aguarda, exigem o planejamento e a obediência às normas e regras de trabalho.

A trajetória de vida de Laura acompanha as mudanças nas relações que a SLUM estabeleceu ao longo do tempo com os catadores. Laura acompanhou e viveu as mudanças e as declara do lugar que hoje ocupa na cooperativa.

Na mesma medida que se refere ao passado vivido, que em outros momentos afirma como não tendo retorno, me diz: “Era assim que a gente... Que hoje em dia eles também levam a mesma situação que eu”. Laura relembra o passado e vê no presente os catadores reproduzindo o modelo que rejeita.

Mas não é apenas de trabalho que Laura fala, refere-se também ao que o lixo pode proporcionar para aquele que trabalha com ele. O lixo não permite o sujeito escapar das amarras da satisfação das necessidades básicas, ele também não se integra ao mercado consumidor. Ao mesmo tempo, Laura afirma que o lixo não tem a capacidade de “valorizar o sujeito”. Faltava ao lixo “uma coisa que a valorizasse”. Valor pessoal e capacidade de consumir se combinam.

O tempo vai passando e Laura vai aprendendo que não dá para “viver correndo como se fosse um ladrão” e “disse: esse não é o caminho, não”. Afirma então a rejeição pelo comportamento do passado, quando não respeitava as leis, não respeitava ninguém, não respeitava a si mesma. Ao entrar na cooperativa e tornar-se presidente, Laura passa a “considerar as pessoas” e uma outra dimensão da temporalidade é integrada a sua trajetória: **o futuro** surge como lugar para que o presente se altere com benefícios.

Laura observa os *outros* - catadores trabalhando sem pensar no futuro e cobra deles a prontidão e cuidado com as novas gerações. Observando o outro, Laura constata: “O catador é só comer e só ganhar e comer e pronto eles já acreditaram. Eles acham que a vida deles tem que ser assim, tem que trabalhar, dar o suor de graça e pronto. Viver assim, eles não pensa no dia de

amanhã, não pensa no futuro dos filhos (...)” e “Isso não é profissão de ninguém, catar lixo só ficou para urubu; como você vê aí, um montante de urubu”.

Mas Laura arremata que não foi a única a sofrer, como que me esclarecendo que sua história não é a única marcada pelo sofrimento: “A minha vida foi muito sofrida, só a minha, não! Se você fizer uma pesquisa com o pessoal de Roteiro, eles vão dizer a mesma coisa”.

O eu sabe que sofreu, mas sabe que mesmo distante e com um comportamento no presente reprovável, **o outro também viveu seu sofrimento. O eu encarrega-se de declarar pelo outro, que a vida sofrida é de todos. O eu e o outro estão aqui interligados no passado, antes da chegada ao depósito e quando de seu encontro na Vila.**

Ao atuar junto aos catadores na capacitação para o cooperativismo e ações de organização da vida comunitária, Laura participa da fundação da cooperativa.

Ocupar o lugar de presidente da cooperativa, ou seja, ter passado de catadora à empresária, a faz sentir **medo**. O lugar que ocupa no presente a deixa intranquã. Faz referência ao fato de que o primeiro e o segundo presidentes da cooperativa saíram de cena em situações negativas.

Ocupar a presidência da cooperativa implica em sentir **medo** e saber lidar com os riscos e os aborrecimentos do cotidiano. Recebeu sutis ameaças de **morte** de um atravessador, anda com medo. Lembra então do *outro* - presidente que mataram: **a morte retorna diante do eu como possibilidade cotidiana e concreta.**

A ação do atravessador não se limita a dominar o mercado, mas saber intervir nas relações frágeis entre catadores e cooperados: alteram preços de compra, suspendem compra de produtos, até “greve” fizeram! Os impactos das ações dos atravessadores se refletem em maior **rejeição** dos cooperados pelos catadores: “Todo mundo foi rejeitado lá em cima”. O que faz

Laura concluir: “Acho que nunca vão despertar. Porque é ‘assanhando e comendo’. Eu chorei de desgosto”. A “greve dos atravessadores” acirrou as diferenças entre catadores e cooperados.

Assertiva vai até eles e diz: “Sai desse inferno e vem pra cá, pro céu. Lá em cima não tem futuro”. **Certos encontros entre eu e outro acirram diferenças de identidade que acentuam distâncias entre os moradores.** O “céu e o inferno” são dimensões distintas e Laura quer retirá-los do “inferno”.

Ao referir-se à necessidade de fazer uma reunião com os catadores, Laura diz que tem **medo**. É o medo de encontrar não os catadores em meio ao lixo, mas os *outros* que representam o passado e insistem em permanecer nele.

A permanência dos atravessadores no depósito deve ser consentida pelo poder público municipal, mas não pela SLUM. “A prefeitura” e a SLUM não mantêm, para Laura, relações de poder e interesses mútuos. Entre a SLUM e Laura há a mediação de uma funcionária em quem ela deposita confiança e assim, vê a SLUM como apoiadora da cooperativa, dos cooperados e catadores.

Laura dissocia a SLUM da gestão municipal. **Personaliza as instituições** e suas relações com a SLUM e a Prefeita: a SLUM se faz representar por Sônia e a gestão municipal pela Prefeita, em quem não confia. A ligação afetiva (a confiança) estabelecida entre Laura e Sônia faz o sujeito dissociar a SLUM como instituição do poder público municipal. Responsabiliza, então, a Prefeita, mas não reconhece a participação da SLUM na manutenção deste estado de coisas.

O lugar em que mora a faz sentir **medo**, mas quando me diz isto não se refere ao lugar como “Vila Emater II”, mas o lugar que a faz sentir medo aqui é a “favela”. **Favela e medo** estão associados. A favela contém o medo, o uso de drogas e a criminalidade.

No discurso de Laura o *outro* – catador, o seu igual, é marcado por diferentes significações: é “um cabeção que se aborrece no cotidiano da cooperativa e sai dela”; é pouco confiável e perverso como a senhora que incendiou dois barracos; está incapacitado para aprender, “o catador que trabalha no depósito, que vive ‘assando e comendo’ ”.

No entanto, aquele que está na cooperativa é o *outro* - catador capaz de ultrapassar o cotidiano e projetar-se num futuro em que o modelo de gestão dos resíduos deve considerar o emprego do aterro sanitário e o lugar do catador no processo de reciclagem dos resíduos. Laura diz reconhecer isto nos cooperados. Para ela, os cooperados estão na cooperativa porque sabem que eles estarão inseridos novo modelo de gestão, quando ele for empregado. Neste momento, “o lixo” sairá desta área para que possam receber mais coleta, conseqüentemente terem acesso privilegiado aos resíduos em relação aos atravessadores. Laura como os cooperados, investem seu futuro na cooperativa.

“O lixo” recebe várias significações: “é um passado que não tem futuro”, o que quer dizer que está ultrapassado e Laura afirma isto ao rejeitar tanto a catação no interior do depósito, quanto à presença dos atravessadores que participam da manutenção deste modelo.

Existem duas razões para que Laura não se permita retornar ao comportamento do **passado**: ele se relaciona ao sofrimento vivido em Roteiro e ao trabalho no lixão. Em Roteiro passou “necessidade”, no lixão vivia “assando e comendo”. O sujeito questiona o modelo de trabalho que explora a capacidade do trabalhador de gerar riquezas.

Segundo Laura, ninguém voltaria para o interior. Mas curiosamente, em relação ao lixão, diz: “Eu lembro, na época, que eu trabalhava era diferente. Era divertido mesmo, era um trabalho ruim, mas era divertido. Eu trabalhava mais, acho que era por causa das alegria também que eu tinha. A gente só trabalhava de turma, ia quatro cinco mulher, três homem, fazia o fogo, botava logo uns pedaço de coisa pa “sarrabuiar” à noite”. O **passado** contém também **novos**

encontros com outros sujeitos, onde até **a alegria** em meio ao **trabalho ruim** era possível de ser **vivida e repartida**.

Os encontros do **passado** estão marcados na trajetória de vida de Laura, mas os encontros renovados com os *outros* no cotidiano da cooperativa recebem um novo significado: **a aliança** entre o *eu* e o *outro* em torno de um projeto comum que a faz permanecer ligada a cada um que conheceu na “empresa”.

Fala-nos então: “Eu poderia deixar se fosse uma outra turma de gente, mas essa turma hoje, pra mim, é uma família que eu adquiri. Eu num quero deixar eles e abandonar porque esses aí foi os fundadores. Porque se fosse umas pessoas de fora e tivesse com uma renda maior que do que a minha, eu saía. Porque eu sabia que eles iam ficar com renda pa trabalhar, mas esses aí ta igual a mim”. E assim, “**estão iguais a Laura**” e isto parece conter a possibilidade de enquanto iguais, em renda e trajetória de vida, permanecerem juntos e crescerem juntos.

A algo que os une e ata esta aliança: “O que nós temos, é só a força pa correr atrás, buscar parceiro e só... Mas esses aí, eu num deixo não! Eu disse a eles, eu só saio se um dia isso daqui afundar com nós tudo. Porque se afundar só com um ou com dois... a num ser que vocês não me quiserem mais.”

Os encontros em torno do trabalho na cooperativa permitiram que o *outro* experimentasse outras qualidades nas relações intersubjetivas travadas neste novo momento de sua vida: “A gente véve junto. Quando um não tem, pede pro outro. Quando um tem um problema, se abre com você, quando você pode resolver, você resolve. Aí, já chama outro pra ver se consegue resolver e assim a gente vai se habituando com eles. E quando hoje falta um, a gente sente alguma coisa que tá dentro da gente”. **O cuidado, a preocupação com o outro e o lugar da cooperativa na história de vida de Laura estão instituídos.**

O *eu* percebe que o **encontro** com o *outro* **internalizou** em si o que ainda neste momento de nossa conversa não tem nome, mas sabe que esta lá porque é **sentido**. O **“inominável”** neste momento **já é uma realidade do sujeito em relação e partir da relação estabelecida com o seu igual**. O igual em renda e em desejos de um futuro melhor.

Mas o “inominável” ganha os contornos de uma “coisa” conhecida em sua vida: a família ou uma peça que falta no conjunto, que faz falta, que faz Laura **sentir falta**. E nos diz: “As vezes, quando eles faltam, assim um dia... Eu sinto uma falta dentro de mim, como se fosse alguma coisa que tivesse faltando. Sabe, um peça pa encaixar, mas quando tá todo mundo junto, aí é festa. Aí só é festa pra mim, é uma família pra mim. Porque aqui, na minha casa eu construo... Tenho uma família. Mas eu, saindo daqui e chegando (na cooperativa), eu tenho outra maior do que essa”.

Viver outros encontros de diversas qualidades e com objetivos bastante específicos fizeram Laura aprender a expressar-se: “Participo do Fórum (Lixo e Cidadania), gosto... Têm reuniões que é bom, mas tem umas que... É porque, é assim... Muitas ongs, muitos presidentes de cada bairro... Eu gosto quando eles falam do lixo. Mas tem gente que discrimina o catador e eu não gosto. Eles não diz diretamente, assim que o catador é “aquilo”, mas pelas palavras que eles falam, a gente entende”.

E afirma: “(...) o que me dói nessa parte social é isso: que onde a gente chega, o pessoal quer rebaixar, não gosto quando falam isso (...)” . “Ninguém pede pra nascer pobre e eu não gosto quando o pessoal vem dizer que a gente não presta. Deus é o homem da prata, não fez ninguém pra catar lixo”.

Neste momento, **o eu afirma sua origem para demarcar sua identidade que não se quer distante e isolada do contexto em que se constituiu**: afirma-se catadora, sem destacar em seu discurso que é a cooperada. Afirma-se catadora porque há entre o *eu* e o *outro* um elemento

comum que os faz iguais, sem distinções. **O eu afirma-se igual ao outro para defender-se da discriminação que atinge a todos.** Se antes Laura equiparava o catador ao urubu que vive para e revolvendo o lixo, agora desloca este outro para a identificação com si mesma, defendendo-o e, portanto, defendendo a si mesma.

Portanto, unidos pelo qualificativo “catador”, mas que não é “substantivo” para reduzir o sujeito à atividade que desenvolve e que determine e imponha sua desqualificação enquanto sujeito humano.

Saíram juntos do lixo e juntos fundaram a cooperativa, que Laura entende como sendo uma empresa que ele agora dirige na qualidade de presidente eleita por assembléia. Porque “assembléia fala mais alto” e Laura acatou a decisão do grupo e a confiança que lhe foi dirigida. A reunião dos iguais, instituída pelo encontro dos envolvidos com o projeto, pelo uso do poder confere ao sujeito uma nova identidade: a de empresária.

Mas no interior da comunidade instaura-se uma **separação** que se objetiva pelas provocações no cotidiano da Vila: existem os catadores e aqueles “que ficaram ricos”, os cooperados. Laura nos diz: “Eles acham que a gente porque... A gente esqueceu eles”. Que não iria “dar mais valor, não somos mais catador. Não, eu sou uma catadora! Mesmo se aquela cooperativa não der certo hoje... Com fé em Deus, é de dá certo! Eles pensam que a gente esquecendo eles... Porque a gente tá naquela cooperativa. Ah! Agora são tudo rico! Tão tudo empresário, não quer saber de ninguém mais, não! Mas não é a assim, não. Eles não sabem eles, que a gente tem batalhado pra tirar eles que a daquele sufoco”.

Os que estão na cooperativa manejam suas identidades no mesmo cotidiano onde o trabalho dos catadores no depósito parece não permitir outras significações para além da reprodução e sobrevivência apenas. Laura sabe que os cooperados podem ser considerados

catadores, mas o sistema de trabalho através da cooperativa demarca uma diferença e neste sentido, não são mais como aqueles catadores do depósito.

A distância entre cooperados e catadores no depósito é referida por Laura como evidente, onde o *outro* – catador vive em “um outro mundo”, portanto numa outra realidade oposta a que vive Laura. O mundo do “assar para comer e do tronco”, ficou para traz. É ambíguo o modo como Laura enxerga os catadores: devem libertar-se do “tronco”, mas parecem definitivamente presos ao “assar e comer”.

Quando se refere ao Beto, Laura ainda o compreende como um cooperado, mesmo tendo ele saído da cooperativa. Na tentativa de compreender o *outro*, que aqui é o Beto, o *eu* busca a razão que determinou sua decisão, então encontra **“os aborrecimentos”** do cotidiano. Neste ponto, sabe que todos são iguais, até a mim inclui entre aqueles que têm “seus aborrecimentos”. **O *eu* reconhece que o *outro* tem seus limites, não o julga, antes busca compreendê-lo.**

O lugar é também descrito como “uma área boa, com uma boa vista do mar”. **No passado**, a Vila não era tão **perigosa** quanto agora, **hoje falta segurança**, antigamente não era tão perigoso não tinha muita **droga**, mas hoje cada vez chega mais gente que faz aumentar a droga e a **prostituição** e ter menos segurança. O medo se instala, o *eu* declara que vê o *outro* com desconfiança. O *outro* atenta contra a integridade do *eu*. Há *um outro* que não merece sua confiança. E assim, Laura arremata: “E a gente vai continuar sempre ali, sempre com medo de viver. (...) Eu mesmo tenho medo de deitar e não acordar de manhã, eu não tenho medo disso... Assim matar de faca, porque eu não procuro, mas qualquer pessoa pode comprar um litro de gasolina e tocar fogo no meu barraco”.

O *outro* pode enlouquecer e “doido”, atenta contra a própria vida. Laura não o perdoa por ser capaz de atingir até os da sua família. Laura, que nos ofereceu o retrato das distâncias

entre os cooperados e catadores, agora nos diz **das diferenças entre os que têm um projeto de vida e aqueles que não têm razão para viver, que enlouqueceram em vida**. O outro compreendido como “doido” não é perdoado por Laura, ela não pode aceitar que ele “queira tirar a vida do próximo”. O lugar descrito é o palco onde tantos lutam por sobreviver em meio ao medo. O eu e o outro não estão distantes antes, vivem juntos o medo. E conclui Laura: “É um lugar sofrido, aquilo ali”.

O *outro* se multiplica em *outros* - genéricos quando diz que: “o pessoal vai se revoltar se acabar o lixo e pior vai ficar a favela. Vão se revoltar, vão começar a roubar, vou começar a estuprar... Uma área perigosa dessa!”. Laura sabe que recentemente o bairro de São Jorge, que é vizinho do depósito de lixo, sofreu a ação dos traficantes de drogas da área, tendo eles sido capazes de fechar um posto de saúde, impedindo assim o trabalho dos profissionais e o acesso da população local. Então acredita que algo semelhante pode acontecer.

Laura foi até a Praça dos Martírios declarar a condição de trabalho dos catadores, como viviam na Vila e reivindicar suas casas. **O eu, na companhia dos outros, experimentou algo inédito. O eu vê o nascimento de um eu coletivo, só que diante do poder público, que torna-se seu opositor. O eu sai da reclusão da Vila para a abertura da Praça.** Unem-se *eu* e *outro* da Vila para atingir o *outro* - poder público, representado pela prefeita.

A separação entre cooperados e catadores é a distância entre o passado e o futuro que se encontram representados na história de vida de Laura. O *eu* não consegue perceber saídas para enterrar o passado e deve conviver com sua permanência e manutenção no cotidiano da vida comunitária. **Então vê o outro externo à cooperativa como representante deste tempo que deveria estar, para todos, encerrado.** Enterrar o passado implica em fechar-se para o *outro*, mas Laura insiste em tentar trazê-lo à cooperativa.

O **passado** é um tempo de sofrimento, permanece no sofrimento quem pratica o passado, quem vive dele. Portanto, viver do lixo é praticar o passado, reproduzir um modelo inadequado de trabalho. Neste sentido, não se enquadra no **presente** que deveria ser compartilhado por todos no espaço da cooperativa; portanto espaço onde se gesta a prontidão para o **futuro**.

Dependente do *outro* e em relação com o *outro*, o *eu* depara-se com a dimensão da **vida pública**. Mas adentrar neste espaço traz **sofrimento** pelas marcas visíveis das diferenças sociais. O *eu* sabe que deve sair às ruas com os *outros*, juntos podem dizer como é o cotidiano vivido por todos.

A identidade constituída ultrapassa sua relação com o trabalho na reciclagem: a formação coletiva de grupos de convivência, na implantação da cooperativa e na elaboração da “peça teatral”, fez o sujeito significar o encontro com o *outro* na mobilização comunitária como positivo e necessário ao fortalecimento do *eu*. É a gestação de um *eu coletivo*, embora se constituindo num cotidiano de fragmentação, onde se afirma que a natureza do trabalho não deve permitir a desqualificação subjetiva de quem o pratica.

Vive, portanto, a divisão interna na comunidade entre catadores e cooperados como fonte de **desgosto**; deveriam estar unidos, mas não estão. Sua relação com o *outro* é definida pela ambigüidade com que o *eu* a enxerga: é seu igual se inserido na cooperativa ou, correspondendo ao seu **passado** na exploração do trabalho no depósito.

O sujeito é um projeto que quer realizar-se através da cooperativa, juntamente com todos os *outros* que a compõem. A reciclagem é uma atividade que se reveste do profissionalismo que pode permitir a continuidade do grupo. Portanto, é investida de potencialidade para o futuro; um futuro de todos que poderá levá-los aos “céus”.

O espaço da cooperativa poderia ser compreendido como um espaço de viver a **vida pública**, mas é também lugar para a intimidade de uma “nova família” que constituiu e se vê

como parte integrante. **Portanto, é lugar para sentimentos do privado, para “o cuidado com o outro”, para viver os afetos em convivência com o *outro*. *Eu* e *outro* estão ligados pelos laços de uma “família artificial” forjada na dimensão da vida pública da Vila, mas carregada pelos afetos da vida privada em família.**

A fronteira entre público e privado é tênue, é ambígua sua apresentação. Poderíamos supor que o espaço da cooperativa deveria ser o instante para, no desenvolvimento coletivo do trabalho, ser pertencente à vida pública, mas as relações de intimidade (que poderiam ser do mundo privado) e a afetividade lá se reconstruíram e se estabeleceram. Forja-se uma “outra família”.

De dentro da cooperativa, assiste os que estão fora e envolvidos no trabalho cotidiano da catação do lixo no interior do depósito. De dentro da cooperativa, neste espaço privado, o *eu* busca meios de acessar os *outros* que estão imersos num trabalho cotidiano inadequado que estimula e perpetua a exploração dos atravessadores.

Público e privado são dimensões que se confundem. Parte da confusão e descrença do *eu* diante da capacidade do *outro* de superar as amarras da exploração parece advir desta interconexão. **O *eu* não transita mais pelo passado que se perpetua no cotidiano da Vila, antes se refugia no interior da cooperativa.** A cooperativa é o lugar seguro em meio aos riscos e ao medo tão presentes no cotidiano.

É difícil para o *eu* sair do interior da cooperativa, do lugar seguro e da experiência do privado que acredita, fortalece a si mesmo. Estar em relação com os seus iguais e olhar para fora implica em reviver um passado que está para si mesma, superado. O *eu* se enfraquece pelo medo sentido e pelas ameaças constantes a sua integridade e ao sucesso de seu maior projeto, a cooperativa. O *eu* busca fortalecer-se confiando em seus companheiros de cooperativa e nas

alianças que começa a forjar com outros agentes da reciclagem e com a SLUM. O *eu* experimenta além do medo, a confiança no *outro*.

8.1.2 - A História de Vida de João.

Define-se como um menino bom que cuida dos outros, autodenomina-se “um cabeça”, só que na sua família; diferentemente daquele *outro* que, na criminalidade, é apontado como “o cabeça do lugar”. Afirma-se como “o cabeça” da família que cuida de todos. É “o cabeça” que apóia seu irmão para que este não perca a cabeça, diferentemente do “cabeça do lugar”, que domina pela criminalidade o cotidiano da Vila.

Instaura **o cuidado** como uma medida de sobrevivência e continuidade para sua família. Não de sobrevivência biológica apenas, mas o “perder a cabeça” pode significar romper com as convenções sociais e normas legais de convivência e comportamento ou, em outros termos, a própria entrada na criminalidade, como é o caso do “cabeça do lugar”. Então **o eu cuida para que o *outro* não perca a cabeça.**

Da infância, guarda a lembrança do **acidente** quando caiu do trator, a limitação no corpo que, com suas **cicatrices** registram as condições degradantes do trabalho na catação. Surge também o **medo** da violência que sentia quando morava na Grota do Cigano.

A temporalidade que emerge de sua história tem dois momentos: “o tempo bom” e “o tempo ruim”, relacionados à unidade e segurança da família e ao equilíbrio de João. João observa: “Eu sou o cabeça da casa e tenho que trabalhar pra dá comida a todos. Mas sempre chega o “tempo ruim” e “não tem nada (...) falo com meu patrão, que é um homem bom. Tempo bom é quando tá todo mundo com a barriguinha cheia, alegre. Tristeza jamais, só alegria pa gente e o ruim, é quando todo mundo endoida da cabeça e faz coisa...”

“O tempo bom” e o “tempo ruim” compõem os momentos, dão colorido e anunciam a “tristeza” e a “alegria”. E assim, João titubeia: Tem hora que eu penso em fazer coisa errada... coisa errada não combina comigo: usar droga, matar por causa de um real, dois... Usar droga. Isso aí, pra mim, tá tudo errado”. Quando eu tô na minha fase boa eu ajudo a todo mundo, se não tem, “arruma”. Já vou alí e peço ao patrão”. Mas a “coisa errada” que surge no “tempo ruim” não combina com “o cabeça” que cuida de todos. O eu vive o sofrimento que se instala no outro e em si mesmo. Vivem juntos o sofrimento, que João me conta agora.

O sujeito não faz referência ao trabalho com o lixo numa perspectiva de **futuro**, não se refere à cooperativa como alternativa de trabalho com o lixo. O futuro não contém nem a cooperativa, nem a catação.

A presença dos atravessadores não recebe significação negativa, no entanto refere-se ao “seu patrão” que lhe paga e empresta-lhe dinheiro, quando tem necessidade.

O atravessador, que aqui é o seu patrão, surge como aquele que dá o provimento e o amparo econômico. **O outro aqui é aquele que permite a manutenção de sua sobrevivência biológica**, que sustenta o equilíbrio entre os membros de sua família.

Seu **futuro** profissional está fora da comunidade ou num possível trabalho de varrição de ruas ou na profissionalização no Lar São Domingos. Portanto, o futuro não se relaciona com o trabalho na reciclagem. Hoje está aprendendo a ler, mas já iniciava a alfabetização na infância quando morava na Grota do Cigano com sua mãe, mas tinha medo de ir a escola pela distância de sua casa.

Deposita na sua professora (um *outro* que o ensina), uma possibilidade de conseguir um emprego fora do lugar. **O outro aqui é aquele que ampara**, que dá o suporte, mas que deve lhe permitir sair do lugar.

Reconhece a sua condição de morador de favela como causadora de sua apartação e sente o olhar discriminatório das pessoas da Casa Grande. O *outro* aqui é aquele que o discrimina. As oportunidades que o *outro* possui, como a escola, não podem ser acessadas por João. Então deve procurar os seus iguais, mas não agora e aqui na Vila.

O **encontro** com o *outro* é dominado pelo **medo**. Nos diz: “Quando o pessoal sai, para procurar a brincadeira mais perto, arruma briga. Corre de lá para cá”. Na brincadeira mais perto, que fica no bairro de Jacarecica, “os caba fica tudo olhando para gente. Eu mesmo fico com medo, com muito medo.”

Quando cessa o trabalho, João necessita de lazer. Sente falta da “brincadeira” que está fora da Vila. Falta a diversão depois que se encerra o trabalho: “Todo mundo trabalha alegre, faz festa, bate nas latas” mas “falta aqui uma coisa boa para a gente se divertir... Um parque”.

*Sair da Vila implica em vivenciar o **medo que está no caminho** até Jacarecica, bairro mais próximo que pode oferecer-lhe o que falta. Sair implica em encontrar o outro que o julga pelo lugar de origem (a favela), então prefere manter-se recluso e esperar o momento para encontrar seus iguais.*

É quando nos diz: “Eu num quero estudar no meio de rico, quero ficar na minha classinha média, lá embaixo. Eu acho que no Lar São Domingos tem pessoa pobre; muitos da Grota do Cigano, não é rico, é todo mundo pobre. Onde tem pobre, tem que ter todo mundo. Eu tô no caminho, se eu pular fora eu vou errar e escorregar. Se eu perder esta oportunidade, eu vou endoidar. Um dia eu consigo o que eu quero”.

Escolhe então permanecer onde está e aguardar a hora de sair da Vila, sabendo que “está no caminho certo e não deve pular fora para não endoidar”.

Vê sua entrada em uma nova escola como um novo ciclo de aprendizagens. Onde conviveria com os seus iguais, os da “sua classinha média bem baixinha”. **O outro aqui não é o seu diferente, mas o seu igual com quem poderá aprender.** Deposita no encontro com o outro a possibilidade de novas aprendizagens. Sabe que será nas novas relações que travar na nova escola que irá aprender mais e mudar de vida.

Teme a violência do lugar e das pessoas ruins do lugar, por isto sente um **medo que é cotidiano**, quando nos diz: “Não sei o que tá me esperando aqui pa frente, então fico mais em casa, aqui na saída da Vila... Eu sou um menino que vou para Jacarecica e fico brincando no vídeo-game”.

*O lugar tem seus mistérios, segredos: é um “oito” que se configura na disposição das ruas e configuração da geografia da Vila; está ameaçado por uma possível explosão do lixo; contém **tudo de ruim**; mas é passível de observação e estudo. É o que faz João. Estuda o lugar para aprender a jogar com ele.*

A calma do lugar tem seu limite: “Essa favela é um oito, um número oito. O senhor entra e sai no mesmo lugar, passa pelo mesmo lugar, de onde saiu... onde tudo não presta. Alí ninguém espera nada. Vai esperar o quê? Os zome, quando fizer o arrastão? Ou quando os caba endoidar de vez e matar uns os outros. Porque aqui é assim: quando usar muita droga ou beber muito ou fazer muita coisa errada, aí olha pa cara do cabra e diz: _O que é que você tá olhando? Você quer o quê?” .

*Neste lugar, o outro pode **endoidar**. Então pensa: “Tem hora que eu fico muito revoltado. Um rapaz como eu, trabalho muito... Ou melhora ou piora numa vez. Se piorasse, eu num fazia nada”. Mas completa dizendo que nada de errado faria. Procuraria um emprego, mesmo um de varrição de ruas. O eu observa o “jogo da favela” e os seus habitantes, entre estes*

*aquele que tem “maldade”. **Supõe a iminência de um momento em que podem endoidar.** Tenta compreendê-los e quer permanecer íntegro.*

*“O observador” relata-me os riscos que corre, a juventude que se degrada e como se dedicar a reconhecer quem está com “maldade”. Ocupa-se em observar o outro que está com **maldade** na companhia segura de sua mãe.*

*Aprecia e valoriza a presença da polícia no cotidiano da comunidade, sentindo-se seguro. A segurança só pode ser proporcionada pelo **outro externo** que é a polícia. Não que a comunidade não possa solucionar seus próprios problemas, lembra do vigia que garante a segurança durante a semana. Mas a ordem só pode ser restabelecida pela polícia. “Se fosse por mim, ela batia aqui todo dia, todo dia. Todo dia os zome tava aqui.” A ação da polícia acalma a comunidade, traz segurança. **O coração relaxa**, sossega a todos.*

“O baculejo”, mesmo dirigido a todos, mesmo resultando em violência, com certa ambigüidade é aceito e significado como positivo.

Quando triste, vai receber a maresia e volta para casa sem **maldade, com o coração limpo**. Para ele, o ambiente do mar, a praia onde recebe a maresia, o faz voltar **limpo**. Lá não há poluição, porque a água do mar não é poluída.

O sujeito, com **maldade no coração**, afasta-se do lugar em que mora para fazer-se **limpo** e retornar. O mar lhe oferece a maresia. A natureza que não é poluída, limpa o seu coração. O sujeito retorna para o cotidiano e sua família, agora refeito. Sua ida à praia é sempre solitária. **O eu está só, mas sabe que deve purificar-se para voltar ao convívio dos outros.**

Ao retornar para Vila, reflete a sua condição: “O quê que será d’eu, de mim, as vezes e penso o que vai ser d’eu daqui pa frente. Vou ser um bandido?” Mas a criminalidade

não é ameaça dirigida apenas a ele, a necessidade também é sentida por outros. Assiste ao programa de televisão e lá encontra outros iguais a ele: “Mas como sou pobre, não tenho nada, o que tenho não posso dividir”.

Tem um grupo de crianças que acompanha junto com o treinador para que eles tenham um futuro melhor, não em benefício de *outros* que queiram aproveitar-se de seu talento, mas em benefício deles próprios. O futuro aqui é o futebol e a possibilidade de uma contratação pelo SESI; logo o futuro dos pequenos também está fora da Vila e não se relaciona com o trabalho com lixo. **O eu preocupa-se para que o outro, em seu tempo de infância, planeje seu futuro e não seja explorado por um outro externo à comunidade.**

O outro com que se liga na Vila é o outro-criança, a quem investe seu tempo para que este tenha um futuro melhor; onde, o futebol substitui o trabalho na reciclagem como profissão. Assim como o seu futuro, o futuro do outro com quem se relaciona está fora da Vila, está fora de seu cotidiano. João prepara-se para sair e prepara o outro para que também saia da Vila.

O governo, como o *outro* que o ajudaria, é questionado em sua atitude de auxílio com João. Mesmo a Bolsa Escola não é uma alternativa viável para a manutenção da sobrevivência, por que o sujeito quer mais do que comer. Logo, necessita se inserir em um processo produtivo que lhe permita ultrapassar a mera sobrevivência biológica e satisfazer outras necessidades.

Vive um conflito que o empurra para à criminalidade e como diz, nesta “favela a gente quer ir para um canto e é empurrado para outro”. Sabe que as limitações e as necessidades do cotidiano com suas possíveis soluções implicam em **riscos**. Sabe que é fácil desviar-se dos caminhos certos. Então, tenta equilibrar-se no trabalho, no cuidado com os outros, no provimento da família e investe nas possibilidades de sair da Vila e nos estudos.

A (in)certeza da saída do lixão o faz supor caminhos que não quer trilhar: “Falam que em dois, três meses o lixo aí vai sair. Uma gerente da COBEL diz que vai sair, que falta dois meses. Outros diz que falta três. Eu já fico pensando que eu sou um rapaz novo e diz: _E eu vou roubar! Roubar eu não vou. Matar... Coloco meu documento no bolso e vou andar, eu vou arrumar alguma coisa pra mim. Tenho coragem de pegar no que dos outros, tenho não!”

“O cabeça” quer ser o homem mais feliz do mundo: quer um emprego e também um filho. São as duas coisas que ele precisa.

Na nova escola e nas novas **relações intersubjetivas** vivenciará outras aprendizagens. No **presente**, investe o tempo que lhe sobra para estudar e aprender “a ler”, preparando-se para o futuro.

O *eu* investe em si mesmo como um projeto que aguarda realização. Lembra quando foi tirar sua identidade e tremeu ao escrever seu nome. Suou. Estava diante de “tanta gente grandão”... Começava a se desdobrar como sujeito. **O outro aqui é maior que o eu.**

O *eu* observa o *outro* no cotidiano da Vila, o que lhe acontece, que riscos corre, como age. O *eu* observa o *outro* com **um ensaio de si mesmo**, como que se resguardando e testando saídas possíveis para a crise que é de todos. O sujeito aguarda o momento de sair do lugar ao afirmar que as oportunidades são sempre externas ao cotidiano vivido na degradação.

O **presente** é a dimensão onde o **futuro** é fecundado, embora as possibilidades imediatas de sua realização sejam parcas. O encontro com o *outro*, enquanto seu igual, surge como potencializador de novas aprendizagens. A intersubjetividade é elemento que pode favorecer o *eu* que quer tornar-se, no futuro, melhor do que o que hoje se apresenta. O **encontro**

com o *outro* igual é significado como **uma necessidade**, pois sabe que tem *este outro* a mesma trajetória que a sua; assim, não vivenciará o **sofrimento pelo preconceito e apartação social**.

A identidade constituída pelo trabalho cotidiano não se define pelo “trabalho com o lixo”. O sujeito quer mais: a identidade que se almeja, de um sujeito que quer realizar-se, é a do “homem mais feliz do mundo” e voltado à expressão de suas capacidades e que quer satisfazer suas necessidades, além da sobrevivência biológica. A identidade está para além do trabalho, está para o futuro, está para a **felicidade** que se deseja.

O espaço do **privado** é para onde o sujeito direciona seus maiores investimentos pessoais. É o lugar para a preservação de si mesmo e de seus iguais. É para onde retorna sempre e de onde **observa** o cotidiano da Vila. O privado é o isolamento, onde vive os limites da Vila como limites para o desenvolvimento do *eu*.

A **vida pública** oferece, no presente, encontros que lhe causam sofrimento; onde vive o preconceito e refugia-se no interior da casa e da Vila como recurso para sua preservação pessoal, afinal é “o cabeça de sua família.”. **O olhar do *outro* diz que não é bem vindo em todos os lugares. Sabe que está apartado pelo *outro*.**

A **vida pública** ainda não foi realizada como lugar para o encontro com o *outro* que pode reconhecer como igual e com quem poderá aprender. A vida pública está para o futuro. Um futuro com novas relações intersubjetivas aguardadas como capazes de prover o que lhe falta agora.

O *público* e o *privado* estão cindidos agora, o futuro poderá reatar o que a vida no presente se encarrega de separar. A existência do eu se caracteriza pelo desejo de encontro com um outro ideal e pelo afastamento de um outro real, maior que ele, que o ameaça quando transpõe os limites da Vila.

8.1.3 - A História de Vida de Marli.

O sujeito politiza-se e apaixonou-se: vive no cotidiano da Vila o encontro com a **política** e o reencontro com a **paixão** por um “companheiro”. Antes da chegada à Vila era a vida para o trabalho, conheceu seu primeiro marido e cuidou de suas filhas. Política e paixão se combinam em sua história.

O fim do casamento a leva ao lugar que contém o lixo que lhe causa **pavor**. Viu o tempo passar e o lugar pouco mudar, mas aprendeu muito. Cuida dos iguais mais próximos: do segundo marido e filhos, mas dispensa maior atenção às filhas mais velhas.

Participa da associação, mas sabe que sua realidade depende da ação conjunta com os moradores. Como condição para o fortalecimento da associação, esclarece: “O pé de uma associação são os moradores, mas eles têm que pagar. Como é que vai continuar a associação? A associação tem que ter força, uma andorinha só não faz verão!”.

Aprendeu “muito” nestes anos e reconhece que os *outros* da Vila é que poderão fazer a associação forte. Sabe que a associação depende dos *outros*, que não pode figurar apenas com ações assistencialistas, mas com força política. **O outro aqui, embora o igual da Vila, está distante do eu.** Os outros são aqueles que chegam a associação para atendimentos pontuais de suas necessidades mais imediatas.

O lixo surge como uma parte do cotidiano com a qual não se relacionava, afastava-se do trabalho com o lixo, da repulsa que lhe causava. Mas, certo dia, sua filha foi até ele. Neste instante, na tentativa de recuperar sua filha, viveu o **pavor** e o **medo** ao ter contato com ele. Seu contato com o lixo foi motivado pela necessidade de buscar sua filha sentindo o pavor e o medo.

Em um pólo, **o lixo associado ao pavor, ao medo e ao (des)encontro com sua filha e no outro extremo, a cooperativa como lugar em que chega pelo convite de sua comadre.** A cooperativa oferecia outra perspectiva de trabalho na reciclagem: o lixo que chegava à cooperativa era limpo, a condição de trabalho era outra. Não há pavor ou medo, há satisfação que contrasta com o depósito. O tipo de lixo com que trabalhava na cooperativa era “limpinho!”.

A sua entrada na cooperativa ficou marcada pelo primeiro dia de trabalho, onde todos “rezam a Deus pedindo força, coragem e união”. Onde pedem o que necessitam e já agradecem pelo que já possuem. O ato conjunto marcará a aliança de um grupo que mais tarde iria partir-se, mas que guarda laços históricos.

A trajetória de Marli é marcada por encontros, desencontros e rupturas. Se as “coisas mudaram pouco”, Marli mudou muito, operou mudanças em sua vida. Da partida da casa de seus pais, à família que constituiu, da separação ao novo companheiro. Sabe e me conta que não se mantém casada com um companheiro por ele ter dinheiro. Vive-se também por **amor**. Mesmo que, com “diferenças de renda”, se caia.

Marli assiste às mudanças no lugar pelo prisma de quem vê a juventude dos filhos e das outras crianças sendo ameaçada. Diz que aqueles que chegaram hoje à Vila são, em sua maioria, usuários de drogas. Antes do crescimento da Vila havia mais “gente de bem”. A “Vila” também é a “favela”, também tem “gente de bem”.

Mas para a polícia ver a gente de bem e distingui-la dos *outros* é necessário “ter uma visão”. A polícia poderia fazê-lo, mas esbarra no risco que cada “gente de bem” tem de dizer onde está a “boca da maconha”.

O sujeito não acredita na capacidade da polícia de protegê-lo, mas não deixa de reconhecer sua legitimidade em promover segurança no lugar. Aponta o impedimento que cada um “de bem” tem de reagir à violência do lugar.

O “mundo cão” é aqui, onde o eu assiste como expectador e atua dentro de limites que reconheça como seguro.

O eu assiste o outro se deteriorando e sabe que aqueles que estão mais próximos não estão imunes. Como não aponta possibilidades de mudanças no lugar, quer retirar suas filhas daqui, quer sair daqui.

A gravidez na adolescência é incompatível com a “idade baixa” em que se encontram as meninas. A mulher deve saber cuidar-se, saber quando deve ter um filho. Então olha para sua filha e no lugar em vivem, sente **medo** pelo que possa acontecer a ela, temendo que possa ver repetir o que acontece às outras meninas: que “vivem com pessoa errada e terminam no erro”.

Uma **temporalidade** se estabelece na história contada por Marli: um tempo que se dá em função do *outro*. **O eu vê o tempo passar e espera que se desenvolva em função do outro que deve ser cuidado.** O tempo não é cronológico apenas, o tempo tem significado para o sujeito. Instaura-se o cuidado com o outro: o outro que é filho, mas o outro que é juventude presente no lugar. O **presente** é um momento de ameaças ao outro.

O seu **passado** fica para traz quando parte de sua casa e separa-se de seu marido. O seu **presente** é aqui na Vila, sua história na associação e o trabalho vivido na cooperativa, o cotidiano de medo e riscos, o cuidado com os seus filhos. O **futuro** é ainda o tempo da incerteza, do que não aconteceu. Os conselhos no presente devem vingar para que suas filhas não lhe dêem **desgosto** no futuro.

O futuro contém a escolarização e o trabalho, para se garantir “o pão, o dinheiro” e a autonomia que são próprias do trabalhador que cumpre seu horário e retorna a sua casa. É o que nos diz: “E, se caso elas não chegar nesse ponto, mas pelo menos arrume uma pessoa de bem pa casar, que nem eu arrumei”. O **futuro** é um tempo também para a **repetição**, as que deram certo. Que, ao menos, casem com um bom homem com foi o seu pai. Mas casar-se como estratégia para

suprir a incapacidade ou o insucesso em ser “alguma coisa na vida”, na possibilidade de não quererem estudar e terem sua profissão.

A mulher que se envolve com o homem deve fazê-lo na “idade alta” para não se estragar. Marli elabora então recomendações: ter um filho aos vinte e um anos e não aos quinze anos como acontece às meninas da Vila. Uma mulher para ter um filho deve ter o “útero formado”. Engravidar cedo é ver um “útero de criança carregar uma outra criança”. Para Marli, a criança, que assim engravida “se acaba rapidinho”.

O eu assiste a tudo e coloca-se no lugar das outras mães. O eu sabe o que o outro vive, mas não quer sentir o desgosto que ele sente agora. Especula o futuro de suas filhas, me fazendo pensar no futuro das meninas da Vila. No **desgosto** que sentem as mães, no desgosto que poderá sentir se sua filha se envolver com um cara que não tem futuro. O futuro é um tema constante na história de vida de Marli, sempre há o “futuro em relação as suas filhas e aos jovens do lugar”.

Os valores que Marli agora conhece foram conhecidos, quando ela ultrapassou o trabalho na reciclagem, foram experimentados no campo da política, da argumentação que se aprende quando saiu dos limites da Vila. Aprende então que pobreza e dignidade não são incompatíveis, ser pobre não implica em ser indigno.

O sujeito aprende que deve procurar os espaços do poder (“as reuniões fortes”) para declarar, de posse da verdade e da razão, que não perdeu sua dignidade. A dignidade eleva o estatuto do sujeito para além de sua origem sócio-econômica, há algo da ordem dos valores que está implicado na base da argumentação: ele defende-se justamente porque se sabe portador da verdade e da razão.

O eu descobre que porta valores e pode usá-los ao seu favor e na defesa daqueles que necessitam de sua palavra. Não sente medo aqui, sente-se livre para fazer valer o que

possui de valoroso em si. Ao enumerar todos os que estavam presentes na reunião forte o eu anuncia quem é e a que veio; ocupa um lugar no meio de tantos representantes de esferas do poder e da assistência e ocupa distinguindo-se entre os demais: é pobre, defende suas filhas, mas não perdeu sua dignidade.

Faz então valer a dignidade diante do *outro* que ocupa uma posição social privilegiada, tendo a verdade e razão como bases para defender-se e reivindicar seus direitos. O sujeito considera-se capaz de participar das “reuniões fortes”, diferentemente das outras mães que temem o poder que porta o outro. Portar a verdade e razão a deixam segura para argumentar, não importando sua condição sócio-econômica.

O sujeito, então, pede a palavra e declara o que viveu. Nestes encontros entre tantos diferentes, as cartas estão expostas à mesa. O poder da argumentação e o simples fato que se fala a verdade constituem sua segurança, dando a certeza que terá sucesso em suas reivindicações. **O sujeito acredita que estes elementos são suficientes para que seja reconhecido em seus direitos.**

O espaço em que se encontram tantos sujeitos é o momento para a denúncia, para que o sujeitos experimentem novas aprendizagens, para que seja reconhecido em seus direitos, para fazer valer sua dignidade. **O espaço definido para que as reuniões fortes aconteçam permite o uso da palavra, a palavra se nutre de valores.**

Com a palavra reclama a posse dos direitos e os direitos não são devidos aqueles que possuem maior poder econômico. É o que nos diz: “A mesma certeza que o rico tem nós tem. Eu não posso chegar alí porque sou pobre. Eu não posso entrar numa delegacia e prestar uma queixa porque fulano é rico, ele vai ganhar e eu sou pobre, eu vou perder. Não se ele estiver com a razão e com a verdade, ele ganha!”. No campo dos direitos (humanos) todos são iguais.

O **medo** só deve ser sentido se o sujeito não estiver falando a **verdade**. Diz então: “Não tenho nada! Tô com a minha verdade, eu só tinha medo se eu fosse com mentira. Mas com a minha a verdade, não. Eu, com a minha verdade, eu vou em qualquer lugar. Só não vou com mentira, só boto pa ganhar, pa perder eu não boto, não! Eu sou assim”. O sujeito é assim: mesmo não sendo possuidor de bens materiais e poder econômico, sabe-se portador de dignidade.

As instituições criadas por catadores ou que os têm como participantes são sempre significadas positivamente: O Fórum Lixo e Cidadania é compreendido como lugar para o conhecimento e a defesa de direitos, assim como a associação. Com a associação diz que “aprendeu a viver” e pôde a madurecer, porque não sabia o valor que tinha. O Congresso de catadores realizado em Brasília foi importante, pois a partir dele os catadores fundaram a cooperativa. A cooperativa surge então como a empresa da qual também se sente dona.

A identidade se redimensiona. O *eu vive o encontro com o outro como um momento para fazer política*. A paixão na origem do encontro com seu novo marido a coloca diante da política que se faz junto, aos pares. O *eu* delimita sua identidade sabendo-se digo, descobre o valor que não tinha antes.

O *outro*, mesmo que sócio-economicamente favorecido, é igualado pelo *eu* no campo da expressão política e da defesa de direitos. A dignidade que porta o *eu* é da mesma qualidade que tem o *outro*. É, portanto, universal, extensiva a todos os seres humanos, pobres ou ricos.

O **privado** e o **público** se combinam, a **paixão** encontrada no cotidiano é vivida no interior da casa e gera filhos.

O **público** traz a **política** como atividade experimentada no cotidiano e aos pares. O público é o lugar em que se expressam as necessidades mais fundamentais. É também o lugar em que o sujeito reclama por dignidade, exige direitos e afirma uma igualdade jurídico-política que

descarta as formas de discriminação social e permite a vivência da justiça para os portadores da verdade e da razão, quando defendem seus interesses legítimos. O *eu* sabe-se portador de um elemento que o insere na comunidade humana.

O **privado** é o lugar de onde enxerga o *outro* degradar-se. O que vê fora ameaça o que está dentro: o *eu* sofre ao ver que suas filhas podem ser alvo dos mesmos destinos que as outras meninas do lugar.

Do **público** ao **privado**, o *eu* ata-se ao *outro* – próximo da Vila. O que poderia ser um conceito abstrato e sem aplicabilidade concreta, a dignidade e a preservação do *eu* surgem como elementos vivos e dinâmicos no cotidiano.

8.1.4 - A História de Vida de Beto.

Beto deixa de ser aquele que peregrina e encontra o lugar para enraizar sua capacidade de produzir, a Vila surge como o lugar que irá refazer sua vida e desenvolver novos laços afetivos.

Viver o hoje é relembrar o que pode ter sentido sua mãe quando às custas dela vivia no interior. O **presente** em que nos encontramos é o instante em que rememora o que viveu. Acredita que se antes tivesse a experiência que tem agora, sua trajetória de vida seria outra. O sujeito prepara-se para me contar sua história como que me apresentando uma outra possível trajetória que não a que eu iria conhecer.

O **passado** é relembrado através da convivência com a família na miséria, da “pisa” que levou do irmão mais velho e da humilhação que sentiu diante de sua namorada. O abuso sentido e o juramento que esta seria “a última pisa”. O passado é o tempo em que é abandonado por sua família, que fica “sozinho no mundo”. Aqui, há a violência do irmão que o humilhou e o adolescente sem autonomia que ensaiava o que poderia ser um comportamento adulto.

E sozinho continua trabalhando. Tentando estabelecer-se em diversas atividades e encontrando outros personagens em sua peregrinação, chega a reencontrar sua família, mas decide partir de tanta miséria. **O eu sabe que deve partir e abandona quando, antes, fora abandonado pelo outro.**

Em sua trajetória conhece sua esposa e toma conhecimento do lixão através de seu cunhado. Sua instalação no lugar se dá quando do segundo incêndio que atingiu a Vila. Aproveitando que novos barracos seriam construídos, Beto vem morar aqui. Mas sozinho não dá para ficar e Beto traz sua esposa para morar com ele. Busca então construir laços de família, recompor o que perdeu no passado. **O eu não pode estar sozinho, experimentou o abandono e não quer estar só.**

Com outros catadores viveu a instalação da associação, tornou-se referência na comunidade para a assistência e o atendimento das necessidades do grupo. “Fizeram uma idéia”: cobraram um real de cada morador associado.

A instituição da associação despertou os olhares externos de outros grupos políticos. Com a fundação da cooperativa, compreendeu a ação da SLUM e sua aproximação com os catadores como danosa e ameaçando a autonomia do grupo. Seu amigo José foi afastado da presidência da cooperativa, concluiu que houve “**trairaje**”. Afastou-se da cooperativa e foi dedicar-se ao comércio da reciclagem. Tornou-se mais um pequeno atravessador.

Assistiu a divisão na comunidade de catadores, rejeitou a proximidade da SLUM. Parte dos moradores dizia para que não deixasse a associação, pois ele e José “estavam mais tempo na luta”. Mas a luta travada para todos foi deixada de lado: A gente ficava ligado mais nesse negócio para a ajudar a todos. A gente disse: _Pronto! (...) Deixei! E disse: _Agora, pronto! Vou trabalhar pra mim!”. **O eu compreendeu que os outros, que eram seus iguais “companheiros”, o traíram. Então, decide afastar-se deles.**

Para o *eu*, é como se o tempo do coletivo entre os catadores estivesse encerrado, embora com certa ambigüidade afirme que retornará às atividades da associação. Diz que pode voltar à cooperativa, desde que, com outros cooperados e sem a intervenção da SLUM.

O sujeito experimenta o conflito de interesses em torno do lixo, participa dele. Surge a luta por moradia e melhores condições de vida.

Sabe que a origem do catador que está trabalhando no lixão se dá por sua partida do campo, do trabalho com a cana. Mas o dono das terras prefere gastar pouco com mão de obra. O catador é aquele que não tem emprego e vai para as cidades em busca de trabalho. E nos diz: “Aí o pessoal vinha e começou a ver que o lixo gerava dinheiro. Aí deu nisso!”. Deu no que vemos hoje: o trabalho do catador que descobriu que o lixo gera dinheiro.

A relação que se estabelece entre o catador e o depósito é bastante diferente da que se estabelecia entre o trabalhador rural e o fazendeiro proprietário da terra. No Lixão não há dono, mas o recurso que lá está deve ser extraído. No interior do Estado, além da não propriedade do recurso, portanto da terra, o trabalhador ainda tinha que pagar luz, água e aluguel. Não havendo a propriedade da terra, o sujeito se vê a mercê do poder do fazendeiro. A terra e o trabalhador da terra são objetos nas mãos do fazendeiro, ele os manipula segundo seus interesses e o sujeito se vê diante de um outro que pode mais do que ele. **O *eu* está colocado como objeto diante do outro.**

Aqui no “lixão” o trabalhador faz seu horário de trabalho, ensaia uma autonomia quanto ao tempo e decide quando vai trabalhar. É dono de sua casa e ninguém pode expulsá-lo dela. Decide que fará o serviço e, diferentemente da vida no campo sob o jugo do fazendeiro, não se vê obrigado a desenvolver nenhum tipo de serviço. O “caba empregado está sujeito a levar uma gato”, mas trabalhando aqui ele pode decidir quando e para quem trabalhar.

Como nunca antes, **o eu experimenta a autonomia diante do outro**. Mesmo considerando os riscos próprios do trabalho com o lixo, Beto sabe que não será obrigado a fazer nada que não queira, e isto faz uma grande diferença em sua vida. O adolescente que apanhou do irmão e foi abandonado é agora um homem que sabe que pode decidir.

Sabe que não é mais escravo de ninguém e vê esta consciência refletir-se no comportamento do catador que se recusou a cumprir o horário integral quando teve que faltar a cooperativa. Não tendo conseguido sua dispensa, saiu do grupo e retornou ao depósito. **O sujeito não permite a intervenção do outro em sua vida. Quer impor um limite e tenta defini-lo no cotidiano.**

A relação entre o *eu* e o *outro* - poder público foi construída através dos encontros travados entre catadores e diversos representantes do poder público e de outras esferas do poder e da assistência social para dar solução as suas dificuldades. Beto acredita que aos poucos os catadores foram sendo conhecidos e valorizados.

Mas as intervenções na vida da comunidade colocaram Beto diante do poder que se exerce pela coerção com objetivos de controle e disciplinamento. O diálogo de Beto com a Rosa poderia até ser uma ficção onde “a casa dos catadores” não lhes pertenceria e “o depósito”, com seus recursos internos, seriam de propriedade apenas do poder público. As relações de propriedade e poder são mais complexas do que poderíamos imaginar.

O eu não quer perder sua autonomia nem permite o disciplinamento de seu corpo e de sua ação no cotidiano, quer que o tempo livre seja o tempo destinado ao lazer.

O outro imbuído pelo poder, que a instituição como matriz pode conferir, utiliza-se da força para decidir os destinos e os usos do tempo; para decidir pelo catador como ele deverá comportar-se, mesmo que fora dos limites do depósito de lixo e fora do horário de trabalho na catação dos resíduos.

O “forrozinho pa animar, pa divertir” é o mote para o encontro entre dois atores de um processo de produção de riquezas que ultrapassa em muito a mera reprodução de um fazer cotidiano alienante. **O sujeito aprende a defender-se, a argumentar pelo uso da palavra a posse pela propriedade e uso da casa e do espaço onde vive (a Vila), bem como a exploração dos recursos do depósito de lixo.**

A continuidade na reciclagem é o **futuro** de Beto.

Ao final de sua narrativa é como se suas relações com o coletivo da Vila Emater II fossem encerradas. Fica uma possibilidade ideal de fundar uma “outra cooperativa, com outras pessoas novas, com um pensamento só... Deveria ser só os catadores fora do espaço da SLUM. Se fosse aqui no espaço da gente mesmo, eles não tinham força de” ... Intervir! É como poderíamos completar sua frase inacabada.

Seguirá com o lixo, com muitos outros catadores.

No futuro, quer ter uma vida melhor. Quer estar pronto para as mudanças que virão. “Um menino” o aconselhou a continuar estudando. Mas não pôde suportar a jornada de trabalho e a necessidade de dedicar-se aos estudos. Saiu da escola.

A **cabeça fervendo** não lhe deixou permanecer na escola, as preocupações de casa não ficam nela. Para não se preocupar, outros dizem: “_É melhor tá dormindo!”.

O *eu* sabe que pode dormir e não ver ou continuar trabalhando e suportar as preocupações. O *eu*, ao olhar para o passado, por sorte sua e azar do *outro*, lembra que com três dias um incêndio queimou a favela e assim pode fazer seu barraco. Refez sua vida. Mergulhou no trabalho.

A identidade está para a *autonomia*, tanto individual quanto coletiva. O *eu* rejeita as formas de dominação que determinam os usos do corpo, da força e da vontade do sujeito. O *eu* afirma sua autonomia para colocar-se em igualdade diante do outro. Só pode ser livre aquele que

tem a posse e o direito à casa, ao exercício livre do trabalho e ao uso do tempo. A vontade do *eu* é determinante para assegurar a identidade do sujeito. O sujeito tem sua identidade caracterizada por sua capacidade de estabelecer laços de convivência, de restabelecer laços familiares.

O **privado** foi o lugar destruído pelo *outro* – fazendeiro. O **público** foi inicialmente, o lugar da dispersão, da peregrinação em busca de um *outro* que o amparasse.

O privado foi restabelecido quando chegou à Vila, podendo reconstruir uma família como que para substituir a que havia perdido no passado. O privado retornou para fazer o *eu* viver o que é não estar mais “sozinho no mundo”.

Pelo trabalho cotidiano o sujeito encontra outros como ele e juntos experimentam a concretude das relações intersubjetivas e os significados que lhe dão colorido afetivo.

O **público** é o lugar para o encontro com aqueles não o deixarão sentir-se só. O público é o lugar para encontros com o poder e suas novas formas de apresentação: a instituição municipal que se ocupa da gestão dos resíduos sólidos, que para ele constituem o recurso que explora e permite sua sobrevivência.

O **público** e o **privado** são dimensões da vida cotidiana em que o sujeito transita para garantir sua autonomia. O *eu* diante do *outro* vê retornar o passado de dominação e incertezas, mas sabe que deve argumentar pela palavra, a garantia pelo direito de usar sua força pessoal no trabalho, sua capacidade de produzir riquezas e decidir como utilizar o tempo livre que lhe resta.

8.2 – Algumas notas sobre a cena na Praça.

“A gente fez uma manifestação pra gente conseguir as nossas casas. Na época, a gente tava fazendo um curso de teatro. A gente fez um lixão, fez o pessoal catando, fez o urubu”.

Na primeira descrição estão presentes todos os elementos mais característicos da vida do catador. Tudo poderia se resumir no lixão, na catação, na presença do urubu. O que os catadores oferecem e fazem é uma descrição do tratamento dado pelo poder público ao catador. O que eles oferecem é o trabalho que os leva a disputar com os urubus, a degradação humana pelo alcoolismo, a morte do catador.

Mas não sem um canto fúnebre, invocando a mãe: “Minha mãe, quando eu morrer...”. Quando me contava, Rita esqueceu a letra. Disse que o filho de Miriam saberia cantá-la para mim. Não pude encontra-lo na Vila. Não disse a Laura, conheço a canção que é uma ladainha que os romeiros entoam quando seguem para o Juazeiro do Norte e outras cidades de tradição religiosa. O povo pobre católico do interior do Nordeste sabe cantá-la por devoção. Conheço-a, mas não como um devoto de fé. Conheço-a pelo lamento que é triste, mas vigoroso.

Todos com quem conversei disseram que neste dia a Vila ficou vazia. Havia montado um texto e as cenas para mostrar “a ela” (a prefeita) com era “a convivência no trabalho” e também para cobrar a construção de suas casas.

Quando os sujeitos nos dizem que algumas pessoas que assistiam gostavam e “outras diziam que era uma palhaçada” nos oferecem a indicação de que as referências públicas que poderiam fazer com que: “*os dramas de cada um (pudessem) ser desingularizados e traduzidos não apenas como experiências compartilhadas, mas como problemas pertinentes à vida pública de um país não estavam lá* (Telles, 2001, p. 10)” asseguradas pelo *outro-da rua da Cidade*, que assistia o drama ou a palhaçada do favelado; agora “palhaço na Praça”.

A manifestação na praça e nas ruas é a tentativa de inventar espaços e linguagens para expressar o sofrimento, outrora privado. Demonstraram a intenção de estruturar um discurso sobre as condições de existência do catador.

Caminham para “o universo do discurso e da oralidade” (Bastos Filho, 1999, p.132) de onde estão excluídos; que, de posse da “apara (papel), da carina”, no ato e pela palavra, trazem a imagem do outro da Vila para a Praça, para serem vistos pelos que passam por ela. Suas falas instituem um campo comum de significação onde experiências de vida e as condições de existência demonstram sua recusa à desqualificação e à opressão e, portanto, seu desejo pela conquista dos direitos coletivos e autonomia.

O sofrimento privado que poderia perder-se na invisibilidade da Vila encontrou na Praça um instante para tornar-se tangível. O sujeito pode, enfim, “ser visto e ouvido pelo outro” (Arendt, 1997; Telles, 2001).

8.3 – Quadros demonstrativos dos elementos das análises.

Nos quadros que se seguem o leitor encontrará as Unidades de Significação que emergiram das análises, bem como os afetos vividos e declarados do cotidiano.

Acredito que esta exposição dará maior foco aos sentidos subjetivos que as categorias *trabalho* e *cotidiano* carregam e que serão analisadas também no próximo capítulo, para percebermos as diferentes significações que adquiriram nas diferentes temporalidades (passado-presente-futuro).

Ao mesmo tempo, o processo de análise também pretende demonstrar as novas subjetivações da realidade vivida para além das amarras do cotidiano e do trabalho, como repetição do mesmo ou alienação da realidade da vida.

No Quadro 1, surgem: o par *eu-outro* como Unidades de Significação em relação às dimensões da vida cotidiana (vida pública e vida privada) e no Quadro 2, a afetividade que dá calor subjetivo às narrativas, articulada à dimensão política do cotidiano.

Nos dois quadros demonstrativos do processo analítico, *afeto*, *política*, *trabalho* e *cotidiano* estão contextualizados nas diferentes temporalidades das narrativas.

**Quadro 1 – Unidades de significação
(O par eu-outro e as dimensões da vida cotidiana)**

	LAURA	JOÃO	MARLI	BETO
Relação eu-outro Dentro da casa/Vila	O eu busca fortalecer-se com o outro da cooperativa. O eu, no “passado do lixo”, foi enganado pelo outro. Eu e outro viveram o sofrimento.	Entre eu e outro há uma atitude de colaboração. Esta relação mantém o equilíbrio da casa/Vila.	O eu cuida do outro para que este não se degrade. O outro deve ser cuidado pelo eu.	O eu vive a separação entre catadores e cooperados, vê o outro da cooperativa com reprovação por aliar-se à SLUM.
Relação eu-outro Fora da casa/Vila	O encontro entre eu e outro é o momento da argumentação e do debate. O eu encontra o outro que o discrimina. O outro está em oposição ao eu.	O eu observa o outro como um ensaio de si mesmo. Fora da casa/Vila o “bom encontro” com o outro é uma necessidade. O outro é sempre maior que o eu, mesmo quando pode ensiná-lo. Há um “outro real” (no presente) do qual se afasta (porque o ameaça e discrimina) e um “outro ideal”, com quem se encontrará no futuro. O outro é superior ao eu: ou porque o discrimina (o outro de Jacarecica) ou porque, no futuro, irá ensinar-lhe porque “sabe mais”. “Fora” quer mostrar que é capaz de aprender e quer que os seus iguais o vejam aprender e produzir.	O encontro entre eu e outro é o momento da argumentação e do debate. Eu e outro são iguais em sua dignidade e “direitos humanos”.	Eu e outro estão em relação de tensão e oposição. A autonomia do eu é ameaçada pelo outro. O outro externo à Vila invade o eu em sua privacidade, ameaçando sua autonomia.
A construção da vida privada Dentro da casa/Vila	De dentro da cooperativa, vê o catador perpetuando o passado que contém o sofrimento vivido. É lugar para sentir-se livre do sofrimento, mas também para sentir medo: do outro da Vila que pode atentar a sua segurança e do outro-atrassador.	Lugar para refletir sobre o cotidiano e para onde direciona seus maiores investimentos (na preservação de si e de sua família e na preparação pessoal para o futuro). Lugar também do isolamento, onde vive os limites para seu desenvolvimento.	O lugar de onde observa a degradação do outro. Lugar para (re)experimentar a paixão.	O eu vive e constrói o espaço privado: a família, as relações afetivas, a comunidade. O privado, no passado foi destruído pelo outro-fazendeiro. O espaço privado é o lugar para recuperar e conservar o que havia perdido.

<p>A construção da vida pública Fora da casa/Vila</p>	<p>Lugar para a reunião dos catadores cooperativados. No espaço da cooperativa vive a intimidade e os afetos de uma nova família. A “família artificial” construída a partir da dimensão da vida pública que se inaugurou para a Vila. É o lugar para se ver a divisão entre catadores e cooperados e buscar encontrar o que há de comum entre eles: o sofrimento vivido por todos na Vila. Adentrar na vida pública implica em sofrimento pelas diferenças sociais que hierarquizam e desqualificam o sujeito.</p>	<p>No presente, os encontros com o outro são marcados pelo medo. Lugar em que vivencia o medo e o sofrimento e, onde se sabe apartado pelo outro. No futuro, vivenciará novos encontros em que aprenderá mais.</p>	<p>Lugar para encontros e desencontros. O encontro com o novo companheiro, lugar em que vive nova paixão. Lugar que descobre que porta valores e dignidade. Lugar em que se demarcam diferenças sócio-econômicas, mas se afirma a dignidade entre eu e outro pela dignidade comum.</p>	<p>O espaço público é o lugar onde encontrou “o amigo” e encontrou o poder e com quem o possui deve dialogar. Aqui pode recuperar a vida privada, destruída no passado pelo outro-fazendeiro. Lugar dos bons e maus encontros e do conflito com o outro que tem poder.</p>
<p>Temporalidades dominantes em cada narrativa</p>	<p>O passado perpetuado pelos catadores do lixão – a Vila que trabalha no lixo. O futuro preparado pelos cooperados – a Vila que trabalha na cooperativa.</p>	<p>O presente de trabalho para a sobrevivência. O tempo presente em cuida do outro. O futuro que se quer alcançar para “aprender”. Há ainda o “tempo bom” e o “tempo ruim”.</p>	<p>O tempo presente em que cuida do outro, o presente que ameaça o outro e que pode também o eu ter este destino. O futuro é o tempo para a repetição, onde soluções individuais podem salvar o outro de um triste destino.</p>	<p>O passado de opressão e perdas sucessivas e abandono. O presente é o tempo para prepara-se para “seguir o lixo”.</p>
<p>Temporalidade que perpassa cada narrativa</p>	<p>O tempo do cuidado com o outro.</p>	<p>O tempo do cuidado com o outro.</p>	<p>O tempo do cuidado com o outro.</p>	<p>O tempo do cuidado com o outro.</p>

Quadro 2 – Os afetos e a política do cotidiano

	LAURA	JOÃO	MARLI	BETO
<p>OS AFETOS DA POLÍTICA E a política dos afetos</p>	<p>No passado, o trabalho realizado se colore de medo e nojo. Mas também teve seus momentos de alegria.</p> <p>O presente é de medo e esperanças, onde investe no futuro da cooperativa.</p> <p>O sofrimento do passado é declarado pelo eu, sofrimento também do outro.</p> <p>Vive, no presente, o sentimento de rejeição por parte dos catadores.</p> <p>Sente falta do outro quando este se ausenta da cooperativa.</p> <p>Funda-se o cuidado com o outro.</p> <p>Sofre o eu pela discriminação do outro.</p>	<p>O passado contém o medo quando morava na Grotta do cigano.</p> <p>No presente, duas temporalidades: “tempo bom” (onde é só alegria) e o “tempo ruim” (onde é só tristeza), sentimentos compartilhados.</p> <p>O medo está no caminho até Jacarecica.</p> <p>O “coração relaxa” quando chega a polícia e não sente mais medo.</p> <p>A maldade no coração sai com a maresia, com o coração limpo pode voltar para casa.</p> <p>O outro é preocupação para o eu, porque pode “endoidar” e deve ser cuidado.</p> <p>Sofre pelo preconceito e</p>	<p>No passado, o lugar e o lixo lhe causam medo. No encontro com o lixo perde e reencontra sua filha.</p> <p>Sente medo ao entrar no lixo.</p> <p>Encontra o novo companheiro e apaixona-se.</p> <p>Descobriu o valor e a dignidade que tem hoje.</p> <p>O eu com valor que o iguala ao outro.</p> <p>O eu valoriza-se por ser político. No futuro, pode sentir desgosto.</p> <p>O outro que ameaça o eu deve ser confrontado.</p> <p>O eu não pode sofrer ou aceitar o sofrimento. É necessário reagir e argumentar para permanecer digno.</p>	<p>Abandonado no passado e sempre partindo, o eu fixa-se na Vila.</p> <p>Sozinho não dá para viver.</p> <p>Então, vai em busca de sua mulher.</p> <p>Faz amigos, mas também é traído.</p> <p>O eu afasta-se do coletivo.</p> <p>O outro ameaça a autonomia do eu.</p> <p>O eu estará livre se reagir ao outro.</p> <p>O sujeito aprende a defender-se do outro.</p> <p>Mas ainda há a cabeça “ferendo”.</p>

		<p>apartação social.</p> <p>Quando conquistar o que lhe falta, será mais feliz. Quem sabe, no futuro.</p>	<p>Pobreza não implica em perda de dignidade. Sente-se digna.</p> <p>O outro deve ser cuidado e só pode haver cuidado (preservação) no campo da expressão.</p>	<p>O sofrimento do passado minimiza-se no presente. A solidão é evitada quando recupera a esfera da vida privada.</p> <p>A vida privada, lugar do eu, deve ser preservada.</p> <p>O eu deve ir até a esfera pública para defender-se da invasão do outro. Ou o eu será dominado pelo outro.</p> <p>O outro da Vila deve ser cuidado. O eu cuida de si e do outro ao argumentar a propriedade da cada casa/Vila.</p>
--	--	---	--	--

Ressonâncias, recorrências.

A partir das análises do material empírico, faço agora um outro movimento de retorno ao problema de pesquisa e aos nossos objetivos iniciais.

O modo como o sujeito significa o par eu-outro dentro e fora da Casa/Vila nos permitem compreender como o sujeito posiciona-se ante à reclusão da Vila e a sua emergência nos espaços da Cidade. O trabalho com o lixo possui diferentes significações, conforme esteja o sujeito atuando no interior do depósito ou na cooperativa. O cotidiano se estrutura e se revela como repetição do mesmo ou como lugar onde se ensaiam rupturas.

O leitor pode estar lembrado que antes só havia o que estava dentro do depósito: o lixo revolvido pelo “bicho-homem”¹⁵. Até que surgem: o catador, a favela, o trabalhador, o morador, a Vila Emater II. Antes só havia o que não tinha respeito, valor ou “capacidade” de projetar-se no futuro.

Até que descobrimos que há *um lugar dentro e um outro lugar fora*, que existe a possibilidade de *estar dentro da casa e da Vila e fora delas*. Surgem: o privado como lugar para curtir o sofrimento e o público para expor o que se sente. O privado que limita e abriga o sujeito e o público que o situa em relação ao outro, que promove “bons e maus encontros”¹⁶; que também é lugar para ameaça.

Há então, um dentro e um fora, *eu que estou dentro e eu que estou fora*. O sujeito experimenta esta passagem entre espaços físicos/geográficos da Vila/Cidade, transita por espaços

¹⁵ Com a expressão “bicho-homem” Carlos Drummond de Andrade construiu *uma imagem* da degradação humana, com horror e poesia.

¹⁶ É com Sawaia e Espinosa, que vamos aprender que os “bons encontros” são aqueles que possibilitam o agir coletivo ou pelo coletivo, o atuar em cionjunto, a ética e solidariedade (Barreto, 2002, pág. 139).

simbólicos carregados de afeto e política que são o público e o privado. Sabe que não poderá realizar-se estando recluso na Vila. Ao transitar por estes espaços, o sujeito aprende que viver é mais do que “assar e comer”. Sabe que o direito de “ser dono de sua casa e mandar nela” só pode ser conquistado pelo uso da “palavra verdadeira”.

Em sua trajetória, o sujeito experimentou o medo, a dor, a descoberta do novo, a necessidade de ser, no futuro, melhor do que o que é hoje. *Fez-se um imperativo ser um outro em si.* Ele não é mais o que foi antes, ele quer conservar o que é hoje para ser melhor amanhã.

O outro que hoje se encontra dentro da Vila é o igual por quem está ainda ligado, como que por um laço de identidade. São os moradores da Vila Emater II. O outro que está fora é aquele, quase sempre, em oposição. O outro de fora tem atitudes e maneja palavras que ameaçam o eu.

O *eu* e o *outro* são pólos de tensão entre espaços da Cidade que não se comunicam, a não ser pelo trabalho silencioso de quem revolve o que há no “tombo”.

Transitar pelas esferas do privado e do público é um ato que redimensiona a consciência do sujeito. É possível que o sujeito não permaneça mais o mesmo de antes, torne-se outro (a realizar-se) que não ele mesmo. *Inicie para si um processo que desconhecia.*

Em meio à degradação o sujeito renasce como projeto, *funda-se com isto, uma possibilidade para existir novo.* Vemos operar uma passagem não da exclusão à inclusão social, mas a inclusão marginal ao mercado, a descoberta da política, do uso da palavra, a experiência do sofrimento. Uma dor sentida que se vê refletida no outro. A descoberta do outro que se mostra em meio ao que seria improvável.

Não é a degradação ou o sofrimento vividos que podem fazer o sujeito renascer, *mas os encontros nem sempre coloridos dos bons afetos com o outro.* O sujeito sai dos espaços do

isolamento e também descobre ou redescobre as coisas da vida privada. Na esfera pública, o encontro com o outro é a descoberta do diverso, do igual, do oposto.

Para além das estratégias de sobrevivência direcionadas à continuidade biológica, surgem formas de reação ou de enfrentamento às condições limitantes do cotidiano. Então, surgem nas análises das histórias de vida as formas de reação elaboradas.

Laura enfrenta o trabalho penoso do depósito e sua exploração, com a cooperativa e os laços afetivos estabelecidos entre ela e os cooperados. João descarta o trabalho com o lixo como estratégia de desenvolvimento, antes situa fora da Vila a possibilidade de crescimento pessoal. Marli descobre a política entrelaçada ao novo amor; nesta descoberta, melhor seria construção, surge o valor que não tinha, a dignidade que agora possui. Beto recupera o privado perdido no passado, reescreve no presente as relações de propriedade, poder e autonomia, agora mais vivas do que nunca.

Na descrição do cotidiano, a emergência do *animal laborans* que poderia esgotar o sujeito na definição de sobrevivente.

O que acontece com o sujeito quando ele tenta ultrapassar os limites do *animal laborans*? Ele observa o fazer do outro e vê o seu fazer. Compreende nuances e detalhes do seu trabalho, das relações entre quem trabalha e paga e de como se insere no “processo produtivo da reciclagem”. O trabalho alienante se transfigura em trabalho que gera sentido.

Observando o outro, observa a si mesmo. Vê o sofrimento de si também refletido no outro. Apoiando-nos em Bovone (1992), poderíamos dizer que o encontro com o outro pode tornar-se “o instante para a recusa e o rompimento”.

Do *homo faber* que observa, o *homo politikus* só pode ser uma possibilidade que se esboça no cotidiano, mas não (ainda) para todos.

Não para a juventude de João? Talvez... João quer conhecer *os outros* que não estão na Vila, que estão fora dela a sua espera e no futuro; capazes de compreendê-lo porque têm a mesma origem que ele. *Na vida privada, prepara-se para este encontro onde aprenderá mais. São outros que ainda não têm rosto, mas que estão lá (no futuro) porque assim se deseja.*

As identidades dos sujeitos não se limitam a definições pelo exercício do trabalho na reciclagem. As experiências cotidianas e as relações intersubjetivas experimentadas “em torno do lixo” foram substrato para a produção de novos sentidos subjetivos em suas trajetórias de vida. O sujeito não é apenas o trabalhador da reciclagem. O movimento inverso de leitura também é verdadeiro: há um sujeito no trabalhador. Um sujeito que não se esgota no trabalho desenvolvido no cotidiano. O trabalhador é uma parcela do sujeito, uma porção de sua identidade ou uma de suas identidades, que ainda poderão ser múltiplas no futuro.

As identidades que se escrevem são de sujeitos que querem realizar-se. A identidade homogeneizadora do catador-favelado não é “re-posta” (Ciampa, 1998) para reduzir e definir o sujeito. Onde, “(...) a re-posição da identidade deixa de ser vista como uma sucessão temporal, passando a ser vista como simples manifestação de um ser sempre idêntico a si mesmo na sua permanência e estabilidade (Ciampa, 1998, p. 164)”. Não há mais permanência absoluta no tempo da vida do sujeito nem da história da Vila. A tensão do cotidiano não permite estabilidades.

Por hora, o sujeito parece estar para esta identidade: a do catador. Por hora e porque não há ainda um outro nome que diga o que é o sujeito, ele será “o catador”. Mas os movimentos do sujeito no cotidiano fogem, escapam ao rótulo. O rótulo/nome catador já não cabe no sujeito ou o sujeito não se reduz ao catador. O que ele tem se tornado e para onde segue ainda não tem

um nome novo, mas tem afetos e estes se implicam em relações de confronto, de diálogo, de encontros bons e maus.

João, no futuro, será mais do que é hoje. Não se encerra no catador, não nos oferece um nome ao que é agora. Fala agora de possibilidades de ser. No futuro, será feliz e isto parece bastar: dizer, agora, o que sentirá e viverá no futuro. Por hora, dizendo para nós o que faz hoje na Vila. Mas ele não se prende a nenhum nome. Embora nos diga preso aos limites da Vila.

A condição do sujeito permite que se modifiquem os limites dos espaços simbólicos, gerando novos sentidos e conseqüentemente, possíveis opções de ações dentro da trama social em que atua. Isto gera uma tensão: os novos sentidos entram em choque com o estabelecido, com as formas rígidas que determinam (ou determinariam) os destinos e o fazer cotidiano dos sujeitos. González-Rey (2003, p. 237) nos diz:

“As opções produzidas pelo sujeito não são simplesmente opções cognitivas dentro do sistema mais imediato de contingências de sua ação pessoal, mas verdadeiros caminhos de sentido que influenciam a própria identidade de quem os assume e que geram novos espaços sociais que supõem novas relações e novos sistemas de ações e valores. O domínio de uma multiplicidade de espaços sociais que passam a formar parte da vida pessoal é a expressão da capacidade de extensão e crescimento do sujeito. Essa capacidade entra de forma permanente em contradição com as formas rígidas e autoritárias que se orientam a prescrever tudo o que o indivíduo deve fazer, reduzindo sua capacidade geradora e bloqueando sua expressão criativa”.

O nome, a própria denominação catador agora é também a do sujeito de direitos, digno e com aspirações. *O eu* deve vencer a nulidade e construir sua singularidade. *Tornar-se um*

quando sofre a ameaça constante de não ser *um* e retornar ao que era ou fazer-se apenas o catador-favelado.

O sofrimento daí decorrente é *não poder ser*, desde já, aquilo que deseja para si e com o outro e enfim, ver ao seu redor concretizar o mundo ideal que necessita. Ele vê que poderá tornar-se *um-outro* desejoso de si, mas também poderá fracassar como projeto humano. Não é o medo cotidiano de viver na Vila e do desconforto e tensão pelo encontro com o outro-externo à Vila, apenas. É o medo de tornar-se de fato e “como único fato possível”, aquele que não é o legítimo sujeito que vê objetivado pela olhar e na palavra do outro-externo à Vila, que o desqualifica.

Os percursos desenvolvidos por cada um dos sujeitos são significados como tentativas de saída das amarras do cotidiano, *modos particulares (por vezes coletivos) de inventar olhares sobre a vida cotidiana*. Os afetos nos permitem ver as marcas desta dialética de tristezas e alegrias, de medos, ameaças e inseguranças. De compartilhamentos, de separações, desenlaces e reatamentos entre histórias de vidas.

A primeira imagem foi conceber a Vila como uma ilha de reclusão na Cidade. Mas pudemos ver um pouco mais: outras duas ilhas menores podem existir no universo da Vila. O interior do depósito, seu modelo de trabalho, sua exploração e enfim, a cooperativa, que pode também isolar e demonstrar maior distância entre os que já vivem apartados. É como se extinguissem as possibilidades de escapar “à Vila/ilha de reclusão”, pela própria alternativa viável que é a cooperativa.

A condição de fragilidade em que se situa o catador e aqueles cooperados, pode servir para conter o sofrimento em limites mais rígidos dentro da própria Vila. A imagem da “Cidade cindida entre Morro e Asfalto” (Rocha, 2001) pode não comportar a outra imagem de que a Vila

se fragmenta em pequenas ilhas. Onde a cooperativa, à deriva, distancia-se de um modelo equivocado e reprovado por todos, saldada como alternativa viável e “com potencial de inclusão social”.

O que poderia ser um novo nascimento, pode abortar-se em Vila. O que era velho e alvo de rejeição, pode cristalizar-se no sujeito excluído do depósito que não mais existirá no futuro da Vila-favela. O que era saída, pode ser tornada prisão.

A dissolução do depósito lançará um contingente de sujeitos-catadores (-favelados ainda?) num vazio. O modelo de trabalho e a exploração dos recursos já estarão entranhados num “modo de fazer” (Certeau, 1994) o cotidiano. Estará lá (no sujeito), mesmo quando se for embora das vistas da Cidade o depósito e o que ele representa?

A continuidade da frágil cooperativa pode tornar-se o lugar para fechar-se o sujeito. Em si mesmo e com seus iguais, protegidos. Como que seguros do fim do depósito e do que ele representou.

O vivido é declarado em afetos; palavras guardam razões e desejos. São as marcas subjetivas da dialética exclusão/inclusão social. Sabe-se que não se está inteiramente dentro ou fora da Vila, faz-se uma passagem entre mundos: a casa pode abrir-se à Vila e a Vila abrir-se à Cidade.

Desce o sujeito a encosta para ver outras realidades da vida que não podem ser apenas vividas na Vila. Mas, enquanto a Vila estiver lá ele retornará. A Vila-casa segura estará lá, mas também dentro de si. Como o que falta a Laura, quando não está lá, no cotidiano compartilhado, *o outro da cooperativa.*

Desce o sujeito.

Quem sabe, não apenas o sujeito-mesmo de antes. Mas sempre desejoso de ser mais.

Conclusão

Reencontrar o sujeito para se chegar à sustentabilidade ou, o inverso também seria verdadeiro?

O que conta
é que estamos no início
de alguma coisa.
Giles Deleuze

A recomendação de Deleuze deve ser confortadora, talvez por isto ela apareça no “início de tudo”. Acreditar que estamos no início de alguma “coisa” que ainda não tem nome, mas que pode ter nome.

Acreditar, seguindo a recomendação de Marco Pólo (que nos contou Ítalo Calvino) que se faz necessário e possível procurar no meio do inferno aquilo que não inferno.

E continuar... Acreditando que outros já se lançaram a isto no cotidiano. E tentar encontrá-los e conversar com eles e saber deles o que viram, o que sentiram e o que fizeram todo o tempo em que estiveram por lá. É a experiência, a vida dos vivos que nos interessa; dos vivos que se sabem e querem vivos.

As análises do material empírico deixaram à mostra pontos de intersecção entre os sujeitos: sentem-se ameaçados no cotidiano compartilhado, o futuro é um tempo de promessa que ainda não chegou, o poder público é alvo de descrédito, o encontro com o outro (um dos elementos de significação), é momento para viver e, por vezes, expressar afetos.

O que poderia ser uma manobra impossível de ser empreendida por aqueles que vivem na subalternidade e na inclusão marginal ao processo produtivo, faz-se realidade e marca profunda em suas histórias de vida.

Falar do outro é falar com cuidado. Falam do outro com cuidado, se sabem em relação com o outro. Com cuidado e com cautela falam do outro

O outro faz advir o cuidado como uma medida de convivência e conservação das suas existências; não se pode viver só, mas sempre em relação e com o outro. Instaure-se o cuidado como um paradigma que ultrapassa em muito a mera sobrevivência biológica. Mesmo que afirmada como necessidade fundamental, o sujeito quer instituir um projeto e projeto não se planeja, institui ou é efetivado sozinho. Vive-se um projeto aos pares.

Surge a potência para o ato (Sawaia, 1999), ao mesmo tempo, que o impedimento ao ato.

O presente é o tempo da espera e da atenção ao que acontece ao redor daquele que pára para observar. O presente é o tempo dos encontros para definir papéis, para demarcar identidades. No presente aguarda-se o futuro. Um futuro que se sabe portador de outras possibilidades de existência: no futuro o sujeito quer ser melhor do que é hoje. O sujeito quer aprender com o futuro, João nos diz isto. No futuro encontrará os seus iguais. O passado deve permanecer distante.

Ao lançar o olhar específico da Psicologia Social para desenvolver o problema de pesquisa, parti da minha formação básica em Psicologia, tendo como referencial a Psicologia Sócio-Histórica. Voltei-me para o tema do sujeito e ocupei-me neste estudo a pensar sua inserção na discussão sobre as relações entre o processo de desenvolvimento e suas consequências para a utilização dos recursos presentes no meio ambiente. Recursos que são os dejetos que um

metabolismo urbano que não é capaz de reintroduzÍ-los num fluxo de transformação e reaproveitamento. Pelo menos não a uma primeira vista, não de modo racional.

Neste caminho, introduzir o sujeito como categoria teórico-empÍrica me exigiu (desde quando cumpria os créditos cursando as disciplinas), seguir o caminho das reflexões já elaboradas sobre as possibilidades concretas de pensar a condição humana como sendo constituída e constituinte do que chamamos de meio ambiente. Distanciando-me de dicotomias e cisões, buscando uma perspectiva interdisciplinar.

Foi necessário então buscar as referências que permitissem desenvolver este estudo.

A *polis* grega, que para os gregos era a natureza transformada, a natureza mesma da cidade que se fez natureza do homem político, constituiu-se numa referência básica. A partir daí, era ancorar outros elementos conceituais.

A tarefa se tornava mais difícil, porque seria colocar em cena temas que beiravam o óbvio. Que talvez, sequer justificassem uma pesquisa. Ou que não poderiam ser costurados através da produção de subjetividade, menos ainda em cruzamento com a política ou com a ética, porque seria cair em romantismo ou idealização de um tipo humano ou pior, *numa discussão estéril sem fins práticos*. Talvez fértil, mas de abstrações. Ouvia isso e pensava em como poderia seguir meu caminho.

De onde partir então?

Formular uma boa pergunta ainda é um bom começo. Mas sem dúvida, a melhor pergunta é a que pode ser elaborada de modo mais simples possível: o que *o sujeito* teria a ver com isto?

Ouvir de volta esta pergunta tinha lá seu alento, embora a tranquilidade não durasse tanto tempo. Mais ainda porque a resposta não poderia ser formulada com a mesma facilidade... Pior! Por que as perguntas mais simples são tão difíceis de responder? Não sei se cuidei dela “como deveria”, mas me ocupei com ela até aqui.

Então eu tinha pela frente a tarefa de pensar o sujeito em meio a degradação ambiental e entender que a degradação não seria menos humana por ser ambiental, que o estado mesmo de degradação inclui a condição de degradação do sujeito humano. A condição humana surgia como horizonte. E o ambiental aqui se referia ao espaço da cidade e não pode haver cidade sem o humano, para Lévi-Strauss: “*a cidade é a coisa humana por excelência*”. Afirmar que o ambiental e o humano são uma extensão, estão ligados, constituem-se um pelo outro.

A produção do espaço da cidade não segue, ao longo da história e em sua dinâmica cotidiana, uma obediência a leis ou planos, mas revela uma direção ditada pelos interesses daqueles que participam majoritariamente do poder, do mercado e que utilizam seus recursos e serviços segundo interesses particulares. A ausência do poder público e a presença dos atravessadores no caso do comércio da reciclagem delineiam marcações e papéis no cotidiano.

Os habitantes da cidade circulam por ela e ocupam seus espaços de acordo com a riqueza que possuem e com a proteção da lei que lhes confere direitos a partir do lugar social que ocupam, de que falam e são ouvidos. Dentro da repartição do poder e da riqueza, alguns ficam fora da “Festa”; quando chegam até ela é no final, para retirar da cena o entulho, os rejeitos e os resíduos do que foi consumido.

No final do dia, sujeitos silenciosos limpam das ruas, o lixo. Em todas as horas do dia, em silêncio, outros tantos, revolvem do “tombo”, selecionando o que já não poderia ser

aceito nos salões e ruas de consumo da cidade. O que não teria mais valor algum, torna-se o recurso que um metabolismo urbano produziu: o rejeito, o resíduo, o lixo.

Os recursos agora ganham outros caminhos, seguem alimentando, permitindo a continuidade da vida de uma parcela desses habitantes silenciosos da cidade.

A cidade cria seus espaços, define quem deve ocupá-los. Nesta dinâmica, produzem-se modos bastante singulares de viver a vida. Lugares específicos, pouco importantes do ponto de vista imobiliário, continentes da vulnerabilidade e do risco, são ocupados por aqueles sob o rótulo homogeneizador de “favelados”. Surgem as favelas como expressão máxima de estratégias de sobrevivência na cidade, alternativa possível para se morar nela.

Onde pareceria existir apenas a reclusão, o gueto e a exclusão por princípio, surge a possibilidade de pensar o cotidiano além das amarras da alienação e impotência. As experiências cotidianas ganham novos significados, experimenta-se o mesmo de outra forma. O velho torna-se novo, embora ainda seja apontado como velho e ultrapassado. Nos mesmos espaços onde se vive o sofrimento, o sujeito elabora a resistência, na tentativa de ultrapassar a subalternidade e a exploração pelo trabalho. O novo é então experimentado por um pequeno grupo de sujeitos.

O papel da Psicologia, ao voltar-se para a investigação do cotidiano e do modo que tem os sujeitos de significar sua condição humana, é reconhecer que uma trama afetiva e uma micropolítica constituem as relações sociais e produtivas que participam da produção do desequilíbrio e da degradação. Por vezes, como neste caso, alimentando-se dela. A Psicologia, ao deslocar-se de sua arena e indo até Hannah Arendt, reconhece então que a condição humana constitui-se pelas dimensões da vida pública e da vida privada, que a cisão entre elas mergulha o sujeito na solidão da casa ou na fragmentação do cotidiano da rua.

Percebe-se que mesmo onde nada poderia existir além da degradação, o sujeito pode produzir novos sentidos subjetivos, quando elabora estratégias de sobrevivência ultrapassando o

“assar e comer”, pondo em funcionamento um novo modo de existir, produzindo um novo conhecimento sobre a realidade da vida.

Para González-Rey (2003, p. 234) o sujeito é esta:

“(...) expressão da flexibilidade da consciência crítica. Não há projetos sociais progressistas, de mudança, sem a participação de sujeitos críticos que exercitem seu pensamento e, a partir da confrontação, gerem novos sentidos que contribuam para modificações nos espaços da subjetividade social dentro dos quais atuam. (...) Portanto, a categoria sujeito é de importância essencial para o desenvolvimento de uma psicologia capaz de acompanhar os aspectos subjetivos dos processos políticos e tomar conhecimento dos processos vivos que se apresentam de forma permanente no desenvolvimento da sociedade”.

Postula-se então, que o sujeito é um projeto a se realizar, que se recompõe, se reinventa e deve se fazer expressar na rua. Na rua, onde deve ir e encontrar seus iguais e aqueles que ainda desconhece. E porque ele não está só, a sua condição humana se objetiva no encontro com o outro. Não um outro distante e radicalmente diferente, mas capacitado ao diálogo.

Parte-se do pressuposto que os afetos são a expressão do sujeito ao colorir a realidade e compreende-se a política como capacidade de ação nesta mesma realidade; que em cruzamento, são capazes de reconfigurar identidades, existências e construir a prontidão para o agir.

Afirma-se que é necessário ver como se objetivam as demandas de felicidade que não é apenas conquista de um só para si mesmo, mas vivência em comunidade porque não se está sozinho e que, neste caminho, encontra-se a expressão do sofrimento, que não é apenas dor sentida no corpo, mas a dor da humilhação, da desqualificação social, da deslegitimação subjetiva.

Afirma-se que a felicidade é uma possibilidade indistinta, que define-se pela condição do homem de caminhar para além de si mesmo e encontrar no outro a felicidade que se reparte por conquista e construção.

Afirma-se que o sofrimento é aquilo de que se luta contra, que não deve ser esquecido ou negligenciado, que faz parte da condição humana; é produzido no cotidiano e neste sentido, deve ser combatido por ser produto de um processo que é histórico e não resultado de um destino que só aos “fracos” ou “aos pobres” seria condenação irrevogável.

Portanto, por ser histórico, pode ser compreendido pelo exercício da razão. Uma razão libertadora e não instrumental, apenas. E tudo o que o termo “libertadora” possa ser, significar. Não é de fluidez que se fala, mas de não ver cessar as formas de expressões e possibilidades de intervenção.

É ver também as possibilidades de resistência do sujeito humano, mesmo que paradoxalmente, estruturadas em torno e a partir do lixo. Neste cenário, não se trabalha apenas para “assar e comer”, mas para preservar a dignidade que se sabe portador e não perdê-la e continuar acreditando que a “verdade e a razão” também lhe pertencem.

Esses focos de resistência (subjetiva, psíquica, comunitária ou, seja qual for o termo que quisermos adotar, considerando a instância de que tratamos) não foram introduzidos de fora para dentro da comunidade, mas gestados pelas relações intersubjetivas que travaram estes sujeitos em suas trajetórias de vida. Dentro e fora da comunidade, nos diálogos e conflitos, através de sua capacidade de argumentação e expressão políticas.

Foram gestados nos encontros vividos, significados sempre em relação ao outro que lhe ora se apresentava como semelhante e companheiro, ora como alteridade de quem me distancio, não me permito reconhecer. Porque não merecedor de minha confiança.

O papel da Psicologia neste contexto específico é descobrir quais espaços e momentos comunitários podem permitir (ou ter permitido) o resignificar da condição cotidiana para além da sobrevivência biológica, que estão prenes de novas produções de sentido para

existências que reagem à subalternidade. Ou como disse Ítalo Calvino: “descobrir no meio do inferno, o que não é inferno”.

Os espaços não seriam gestados por uma estratégia ingênua de educação ambiental artificialmente montada para ensinar o sujeito a redimensionar a consciência de sua degradação; consciência aqui é movimento para além da fragmentação do cotidiano e das amarras da alienação e da subalternidade. O cotidiano aqui não é alienação apenas, mas possibilidade de encontro para novas significações.

Os encontros cotidianos, mesmo aqueles em torno do lixo, permitiram que a diversidade humana entrasse em cruzamento de idéias, projetos e interesses (dos catadores, cooperados, atravessadores, representantes do poder público e de ongs) e onde se poderia supor o olhar estéril ou a incapacidade para ler a realidade... A manifestação nas ruas, as reuniões da associação (mesmo que pouco freqüentes) e o pequeno número de cooperados atestaram uma potência para a re-união dos sujeitos.

Três dos quatro personagens migram de suas origens até Maceió em busca de melhores condições de vida, desenhando em suas trajetórias, diferentes processos de perdas e desvinculações: do lugar de origem e de suas famílias. Apenas um deles, nascido em Maceió, da infância, já conserva a lembrança do medo pela violência, como cotidiano de quem vive na periferia da cidade; retratando a infância e a juventude da periferia. Juventude com um presente precário e um futuro incerto, em conflito com seus valores morais e éticos diante da prática da criminalidade.

Os quatro personagens elaboram diferentes estratégias de vida, estruturando existências que se definem a partir do trabalho com a reciclagem.

Uma se fez e foi feita de catadora a presidente da cooperativa, outro de catador/cooperado a atravessador que intenta retornar a cooperativa desde que tudo “idealmente

mude”, outra casa-se com um “bom homem”, hoje uma ex-cooperada que pretende retornar a cooperativa e o mais jovem, vive o dilema de seguir em frente ou perder-se em meio a tão poucos caminhos certos.

Três deles descobrem a política, todos têm o sofrimento como dor sentida em suas existências. Beto da política, institucionalmente se afasta, Laura e Marli são as mulheres que fazem política. João, ao contrário, enxerga fora do lugar as chances de fazer-se “o homem mais feliz do mundo”. A felicidade dos outros três ainda se define pelas possibilidades que a reciclagem oferece e acreditam, mesmo que comportando certa ambivalência, que a reação comunitária pode favorecê-los.

Em João, o lugar e a comunidade não lhe permitem mais o crescimento, as novas aprendizagens que tanto almeja estão distantes. As novas aprendizagens estão sendo vividas pelos “da Casa Grande”, com os quais não quer conviver e pelos da sua “classinha média bem baixinha”, que podem ensiná-lo e com eles aprender por serem mais educados que ele e sabe que neles, pode reconhecer-se.

São existências humanas que se estruturam em torno do lixo e da política que se faz no cotidiano. São existências humanas declarando afetos que ultrapassam a degradação como condenação da qual não poderiam escapar. Quando falam das mudanças que viveram, das modificações que o lugar sofreu, alguns destacam a dignidade conquistada pela ação política nos espaços públicos que já sabem ser reservado para manifestar suas necessidades e desejos, para o confronto de interesses e o estabelecimento do diálogo.

Eles já podem aprender e participar, de variadas formas, da complexidade que está por traz do apenas aparente processo (produtivo) da “reciclagem do lixo”.

As experiências cotidianas vividas pelos sujeitos sugerem saídas particulares e coletivas, motivadas por necessidades individuais e coletivas dependentes do calor das relações

intersubjetivas que experimentam e temem ser dissolvidas. Não vamos nos esquecer do medo de Laura e de sua ligação com os cooperados, da exclusão que sofre João pelos da “Casa Grande” e seu desejo pelo encontro com os seus iguais fora da Vila, do sentimento de traição que tem o Beto e de sua rejeição por todo aquele que, pelo uso da força, impõe sua vontade e de Marli, que (re)encontra um companheiro, através da política e do trabalho e de quanto é capaz de argumentar tendo apenas a verdade e a razão.

E a saída ou as saídas possíveis estão sendo experimentadas por estes quatro sujeitos, que podem ser representantes aqui de uma comunidade que os acolhe e amedronta, que oferece uma rede de significados a reconfigurar suas existências. Sabem que suas saídas não são apenas suas, mas podem ser testadas e vividas por outros. Nesta dependência instaura-se a confiança, a exigência por comunhão, até o medo pelo outro com quem convivo. Passo até a exigir do outro.

Para aqueles com quem conversei em minhas idas à Vila, o lugar do catador na gestão dos resíduos sólidos se refere ao lugar daquele que produz o lucro do grande atravessador, que se sabe dependente desta relação para sobreviver e temeroso quanto a participar do comércio da reciclagem pela via da cooperativa.

Que política pública de inclusão social reconhecerá as sociabilidades desenvolvidas e em funcionamento originadas em torno do trabalho com o lixo? Que política pública encontrará a “política cotidiana” destes sujeitos, seus afetos implicados no trabalho que enriquece a indústria da reciclagem, os mantém ativos numa atividade que embora devesse apenas degradá-los, os faz desejar/planejar um futuro de promessa?

A dimensão política da sustentabilidade deve considerar “a política do cotidiano” que sustenta e é regida pelas sociabilidades do cotidiano e não apenas uma macro-política institucional, mas uma micro-política, às vezes visível, por vezes velada e silenciosa.

A um plano de gestão de resíduos sólidos com suas consequências para o mercado (o lucro e a manutenção de um estado de coisas) e ao padrão de consumo da sociedade (com os efeitos para o ambiente urbano), somam-se os novos interesses de uma “nova classe de trabalhadores”: os trabalhadores da reciclagem ou outra/outras denominações que possam representar sua condição.

Acreditamos que uma política a ser formulada deve incorporar a participação dos catadores no processo da reciclagem e considerar que os espaços intersubjetivos e as experiências no cotidiano podem permitir:

1. Que os trabalhadores se reconheçam participantes de um processo produtivo em um comércio da reciclagem que produz riquezas e, portanto, potencialmente capaz de alterar as condições de vida na degradação sócioambiental em que se encontram;

2. Que a consciência desse lugar no comércio da “indústria da reciclagem” os faz constituir uma identidade de trabalhador ou de catador, entre múltiplas possíveis e necessárias para realizar o sujeito humano; diferentemente configurada, estando o sujeito inserido na trabalho da catação no interior do depósito ou na cooperativa;

3. Que a consciência desta multiplicidade, que agora parece revelar-se como identidade de trabalhador, também traz à cena a dignidade como valor e os direitos como necessidades do sujeito. Portanto, amplia-se a consciência do sujeito para além da sobrevivência biológica e encontramos o sujeito que transcende a degradação como único horizonte possível, como única unidade de significação para produzir novos sentidos subjetivos e expressar o desejo por realização;

4. Entre o desejo por expressão política (a política que permite que ele venha inserir-se no espaço público e tenha o seu desejo considerado legítimo) podemos observar que subjetividades ganham novas expressões. O sofrimento que poderia ser algo privado faz-se

público e a felicidade que poderíamos supor da ordem do privado e, por isto, não refletida no outro, areja-se, pode oxigenar-se na esfera pública;

5. Assim, surge o sujeito que parecemos querer ver objetivar-se em planos de ação e programas de intervenção: capacitando-se à leitura crítica da realidade.

Então, resta-nos pensar com o sujeito, a ausência de políticas públicas que pensem o processo de inclusão destes grupos e a gestão ambiental da cidade numa perspectiva que considere a sustentabilidade desde uma dimensão econômica (as relações entre o processo da reciclagem e o mercado) a uma perspectiva ético-política (referente ao sujeito, à ordem dos valores, das coisas e necessidades humanas, que vai do pão e do teto a fome de dignidade e direitos).

Os processos de exclusão social têm sido um entrave a formulação e ao estabelecimento das bases necessárias à efetividade do paradigma da *sustentabilidade*. Se quisermos pensar o desenvolvimento sustentável devemos atentar para as experiências daqueles que parecem presos à exclusão. Pensar a sustentabilidade implica em desenvolver um exame acurado deste cotidiano.

Nestes encontros intersubjetivos, conceitos como projetos de vida, dignidade, direitos humanos, solidariedade e cooperação podem tornar-se conceitos tangíveis e dinâmicos, inseridos em sofisticados processos de produção de subjetividade e novas aprendizagens para o sujeito humano. Os encontros entre sujeitos são momentos para novas aprendizagens e descoberta do outro como companheiro e opositor numa jornada de reconstrução subjetiva, de recuperação de valores e dignidade humana.

É necessário desenvolver ações efetivas que visem intervenções nestes espaços, para que não se esgotem ou mutilem estas subjetividades produzidas, capazes de reagir ao sofrimento

e à degradação. Eles são capazes, potencialmente, de ler a realidade como e com alteridade. Este reconhecimento deve ser efetivado para que o sujeito não seja perdido num espaço de conflitos e injustiças.

Assim, é necessário:

1. Assegurar a participação destes sujeitos através do fortalecimento de suas instituições coletivas. Intervindo ainda para o fortalecimento das cooperativas para que não fracassem diante do grande atravessador.

2. Fortalecer os fóruns que oferecem a participação dos diversos atores envolvidos com o saneamento ambiental, onde se vê despontar o processo produtivo da reciclagem, em face de seu potencial para a inclusão dos grupos em questão;

3. Definir com rigor uma Política em âmbitos Nacional e Local para a gestão dos resíduos sólidos, tendo em vista os interesses econômicos envolvidos, o desperdício dos recursos e os impactos sócio-ambientais decorrentes do modelo inadequado e vigente.

A política pública que pense a inclusão destes sujeitos deverá atender as demandas que ultrapassam sua inserção ao mundo do trabalho e ao consumo para focalizar as outras necessidades individuais e coletivas de ordem não material.

Estas necessidades dizem respeito à legitimação de sua presença, ação, voz e palavra na arena do diálogo em torno dos próprios programas e ações de sua inclusão. O sujeito deve ter voz e espaço legítimo para viver e avaliar as formas de intervenção propostas. Ao reconhecer em si a dignidade e posse de direitos, o sujeito antes e ainda ameaçado pela degradação, deve ser visto como cidadão na cidade.

O que exigiria um reposicionamento do lugar e do papel do Estado na atualidade. Onde este não poderia caber num modelo de “Estado Mínimo”, para ser um Estado capaz de

intervir nas questões referentes à economia do meio ambiente urbano com radicalidade; percebendo os mecanismos perversos de exploração dos grupos excluídos da esfera dos direitos coletivos, mas incluídos perversamente, pela exploração de seu trabalho cotidiano, na produção de riquezas para um já estabelecido comércio da reciclagem.

Buscaríamos, então, um elo entre sujeito e grupo, entre a política, a ética e os afetos. Talvez a proposta de um Estado Ético nos termos de Bagolini (1997) seria capaz de delinear uma política pública a cuidar do sujeito. Só um tal Estado como “Estado Casa” seria, ainda na expressão do autor: “habitat verdadeiramente humano”.

Utopia. Certamente! Utopia porque não é possível agora, mas pode ser pensada como possibilidade agora.

Em nosso tempo e entre nós as “utopias” foram substituídas pela “realidade” absoluta da produção e do mercado. Entre os excluídos-incluídos na modernidade a utopia renasce, inédita para eles. E não é uma utopia abstrata, mas em um cotidiano concreto, tendo o trabalho que parece extrapolar a mera reprodução e inserir-se num universo maior de significação.

Para González Rey (2003, p. 225):

“A relação entre o sujeito e o social é contraditória por natureza e nessa contradição encontra-se a possibilidade de desenvolvimento de ambos espaços: o social e o individual. A ênfase unilateral em um desses pólos é o que tem caracterizado a história dos modelos políticos e econômicos da sociedade ocidental: o individualismo competitivo liberal e neoliberal e o autoritarismo sociologizante dos modelos chamados socialistas. A criatividade, os espaços de transformação e desenvolvimento somente aparecem da contradição entre o social e o individual, do individual visto não como sujeito ‘sujeitado’, mas sim como um sujeito que de forma permanente se debate entre as formas de ‘sujeitamento’ social e suas opções individuais”.

Como formas de reação, elaboram estratégias. Resignificando o cotidiano, sentindo-se dignos, alguns preparam-se para a luta com vistas à emancipação. Falam em voltar as ruas. Estariam prontos? Terão sucesso? São questões propostas por mim. A resposta que eles me

dariam é pelo trabalho cotidiano que realizam. Trabalho que traz a exaustão para uns, que faz a cabeça doer, os braços cansarem.

Embora o trabalho esteja no título deste estudo, a categoria trabalho não é a categoria central nesta investigação. Aos “trabalhadores” juntam-se o “afeto” e a “política”, como que para reexaminar “o trabalho” dos sujeitos que, reposicionando-se no cotidiano de tantas (in)sustentabilidades, elaboram outros sentidos subjetivos para suas existências como sujeitos humanos.

Repetir o mesmo como sempre tem sido. O “mesmo cotidiano” também já proporciona, porque ganhou novo sentido, um tempo de descanso para outros; quando cuidam de suas casas, seus jardins plantados, seus animais de estimação, suas roças na subida da encosta ou próxima da cooperativa.

Planta-se a vida por aqui, rega-se o presente para que não murche.

O que será do depósito? Mais cedo ou mais tarde, já se sabe: será fechado e sua área sofrerá tratamento adequado. Um aterro sanitário será criado, obedecendo às normas técnicas de segurança ambiental para o tratamento dos resíduos em alguma área nas proximidades do município.

Mas neste intervalo de *tempo-incerto*, o que será dos catadores do depósito e dos cooperados? Como serão introduzidos no processo da reciclagem quando da instalação do aterro? O que será daqueles que depositam na cooperativa a possibilidade de sair da degradação ambiental e humana em que se situam?

Pensar a exclusão destes sujeitos e suas estratégias de sobrevivência é reconhecer neles uma capacidade e reação, “*porque os pobres jamais se entregam*” como disse Milton Santos. Eles não se entregam.

Como pode ser possível a qualidade gerar quantidade? Os catadores que sabem e os catadores que não sabem, aprenderem juntos? Só no cotidiano a transformação é possível, acredito nisto.

Então, um plano de gestão que pense a participação do catador e a política pública que queira intervir no processo de exclusão vivido por estes sujeitos deverá atentar para a criação de meios e instrumentos que capacite para o diálogo e a negociação.

A própria manutenção do sistema de gestão dos resíduos necessita de recursos financeiros para empregar o modelo adequado de tratamento dos resíduos e estruturação das cooperativas. O lucro da indústria da reciclagem será atingido e o catador poderá surgir como categoria de trabalhador com legitimidade reconhecida.

Mas certamente é preciso cuidar do sujeito, que quer dizer formular a política pública segundo um paradigma de desenvolvimento que interfira radicalmente questionando os padrões de consumo, a exploração do trabalho destes grupos e que fortaleça suas organizações coletivas.

Quem cuidará? Quanto custa silenciar diante da degradação ambiental/humana?

Supondo que uma intervenção firme por parte do poder público redesenhasse os gráficos do lucro fácil obtido pela indústria da reciclagem, o que aconteceria com a cooperativa de catadores? Deixando de lado a conjectura, o que este cenário de degradação ambiental/humana nos revela?

Que a política não é o campo ou a prática da neutralidade, mas da expressão do diverso, do encontro até de iguais.

Não são incompatíveis a política e o afeto, mas viável seu encontro. Estruturam-se um pelo outro: o sujeito não quer ser como antes, quer conservar na memória o que foi para não voltar a ser. Dói ser o que se foi.

Um outro movimento é necessário: ser o que sou hoje implica em ser político. Isto que sou agora, quero continuar sendo porque conserva minha dignidade. Quero ser melhor do que antes. Laura e Marli dizem isto com muita clareza: suas origens na pobreza nunca é negada, para nunca ser esquecida.

É sustentável fortalecer as instituições dos catadores/cooperados/trabalhadores da reciclagem, mas antes é fundamental admitir que são os sujeitos que permitem a realidade das instituições.

Uma aliança para a autonomia, tão cara ao *desenvolvimento sustentável*, determina o cuidado com o outro e a verdade como valor presente na relação que estabeleço com ele. Não há sustentabilidade sem participação democrática, mas a democracia não se faz por decreto ou montando instituições apenas.

Como o sujeito faz a passagem da exclusão à inclusão deve ser objeto de profunda investigação. A aparente inclusão pode conter uma perversidade silenciosa, escamoteando uma outra política de bastidores e ausência do Estado na gestão da coisa pública. Esta “passagem” pode ser operada justamente por seu negativo: incluir no mercado não se sabe por quanto tempo e com qual estatuto, os que estão excluídos dele. Mas incluir marginalmente, de modo perverso. Incluir no mercado, para gerar riquezas não dimensionadas.

Hoje a cooperativa, para Beto e Laura, vem funcionando em certos momentos como mais um atravessador. E neste sentido, não basta considerar a inclusão ao mercado como condição fundamental para a transformação da condição de existência do grupo.

Temos necessidade de um “Estado Ético” como nos diz Bagolini (1997), que cuide e assegure o Bem... Mas o que vemos é instaurar-se o “salve-se quem puder” e cada um ao seu modo, como bem lhe convier. Busca-se, então, viver neste cotidiano (in)sustentável. Um

cotidiano que contém possibilidades de existir: na exploração pelo trabalho com o lixo ou na expressão e participação política e na conservação da própria dignidade.

O que se assiste é o “começo de tudo”, da comunidade que se divide entre catadores e cooperados e da necessidade de pensar uma Política Nacional e Estadual de Resíduos Sólidos, que deve reconhecer a participação legítima deste sujeitos no cuidado com o meio ambiente urbano, no processo da reciclagem e na geração de riquezas.

Para reescrever o cenário de degradação ambiental/humana eles já ensaiaram a participação política. A arena de discussão deverá ser genuinamente democrática para incorporar o sujeito humano em sua dignidade e direito.

Os sujeitos declaram as transformações de suas identidades, as resignificações de seu cotidiano de trabalho e seu estatuto, como sujeitos humanos portadores de direitos: de catadores sem dignidade a catadores dignos, a trabalhadores honestos que querem seus direitos, a cooperados que se sentem trabalhadores...

O que ainda pode advir onde há o sujeito? Quais necessidades podem brotar? Que carências podem despontar?

Então, não é um risco dizer: a felicidade de João é a felicidade de todos.

Querem a felicidade simples, querem trabalhar juntos. Viver uma felicidade que seja pública. Para que a sociedade possa, assim como viram seu sofrimento, que não era o sofrimento de um só diante dos Martírios, compreender que o sofrimento era de todos diante dos Martírios. Quem sabe, é o que se deseja, não venham mais os martírios.

“Porque aborrecimento você tem, eu tenho. Todo mundo tem”. Mas quando eu vejo *“a vida toda”* e eu sei *“que eu tenho uma apostila e dali consigo alguma coisa”*, eu vivo possibilidades e construo projetos...

O que será do sujeito se não for cuidado?

Não tratamos aqui daquele sofrimento decorrente do trabalho com a catação de lixo, referente ao trabalho insalubre em ambiente de risco, que desperta a compaixão social. Aqui encontramos não sofrimento vivido solitariamente, mas o que se reflete nas relações intersubjetivas. Na companhia do outro. No isolamento da Vila, também na expressão da Vila diante dos Martírios.

Que só pode ser produzido e vivido como emoção porque há o encontro entre os que vivem juntos. O sofrimento que se sente é vivido a partir do trabalho no “Lixão” (espaço veiculado na mídia que causa indignação e repulsa) e na cooperativa (espaço que tentam pelo exercício do trabalho, resistir), quando todos retornam as suas casas e fecham-se as lentes das câmeras de televisão ou das máquinas fotográficas. É o sofrimento que sinto em mim e vejo no outro.

Mas será que as significações das relações de trabalho, da produção de riquezas e da construção da cidadania que se objetivam ainda só podem gerar subjetividades estagnadas, cristalizadas e o sentimento de impotência ante a miséria e degradação ambiental/humana em que se encontram estes sujeitos?

Não se faz aqui uma apologia do sofrimento ou ainda propõe-se “o sofrer para crescer”, pois não seria de esperar um sofrimento mais sofisticado entre aqueles que nada têm para comer ou tem muito pouco ou o suficiente para sobreviver, não estariam eles aptos a sentir.

Mas devemos pensar se estariam eles condenados ao sofrimento... Se, em certos momentos, outros afetos não ganhariam cores e expressões, ultrapassando os limites alienantes e redutores do cotidiano. Ampliando a consciência para além da fome, fazendo-os sentir a fome tão humana do encontro com o outro, que pode saber de minha dor, porque é como eu, capaz de sentir.

Estes sujeitos sabem, “eu sou capaz de ouvir um-*outro* que não é o meu outro semelhante que encontro no cotidiano da Vila” e isto não lhe causa espanto, antes sabe que faz parte da “*vida toda*”. Aprendi isto. Já me sinto tão digno a ponto de compreender o que diz o outro externo à Vila e saber que negociamos interesses tão divergentes. Mas não de aceitá-lo em sua atitude que engana, distorce e quer negar o meu valor e direitos.

Todo afeto e toda a política neste cotidiano seriam expressões da desordem, da decadência, caos ou (in)sustentabilidade? O que seria insustentável quando, por fim, pudéssemos reconhecer a política e o afeto dinamizando subjetividades no cotidiano e sendo por elas dinamizado? Ao menos, se não bastasse o que já manipulamos, teríamos outras “variáveis” para entender a “deseconomia” do ambiente urbano.

Só que agora, teríamos a condição humana significada por aqueles excluídos em seu cotidiano de vida.

Se o afeto e a política podem participar da reconfiguração das identidades para subjetividades criadoras de modos de existência singulares, então podemos esperar do presente outras possibilidades para que os sujeitos e sua comunidade possam caminhar para a construção de sua autonomia. Agora, no presente, é o momento em que identidades sofrem metamorfoses para que outros modos de existência, novas formas de existir façam renascer o sujeito. Como resistência à subalternidade e reação ao sofrimento.

Agora, no presente é também tempo do risco para que se cristalize o sofrimento. Onde o espaço da cooperativa privatizado pela e com as necessidades do cuidado ao semelhante e preservação de si mesmo, pode tornar-se lugar para a reclusão dos iguais que se opõem aos outros externos a ela. De lugar para a produção conjunta dos que querem o “bom futuro compartilhado”, pode cristalizar-se como lugar para ver o outro-catador do passado e dele distanciar-se. Mas não

se construíra uma distância do tempo passado apenas, mas entre aqueles que em vários momentos estiveram juntos.

Um sofrimento poderá também ser vivido e cristalizado pelos que ficarem à deriva da mudança dos tempos. Onde o passado será aterrado junto com o lixo; os que estiverem fora do futuro, excluídos dele, estarão mergulhados no passado de uma comunidade.

O sujeito que se quer participante na gestão dos resíduos sólidos e em programas de educação ambiental é aquele que declara suas necessidades particulares e as vê ecoar na companhia de seus iguais. Este movimento redimensiona sua consciência.

Não é um sujeito abstrato e refratário às condições materiais ou sócio-ambientais, é aquele que está imerso nelas, experimentando a degradação e a exclusão. Sua capacidade de reação advém de onde experimenta o que falta, mas que já se sabe digno, capaz de portar a verdade e a razão.

A política do cotidiano se reinventa.

Os afetos estão presentes, se fazem expressar.

Não quero pensar que é um ajuntamento confuso de ferro e ferrugem, apenas.

Antes, que as horas de agora são horas tão preciosas...

Que podem trazer alforria.

(ogunhê)

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Wanda M. J. A. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. In. BOCK, A M.;GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp/Cortez, 1997.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

BAGOLINI, Luigi. *Filosofia do trabalho*. São Paulo: LTr, 1997.

BARÁIBAR, Ximena. Articulación de lo diverso: lecturas sobre la exclusión social y sus desafíos para el trabajo social. *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Editora Cortez n. 59, ano XX, março, 1999.

BARRETO, Margarida. A humilhação na saúde do trabalhador. In SAWAIA, Bader; NAMURA, Regina (Orgs.). *Dialética exclusão/inclusão social: reflexões metodológicas e relatos de pesquisa na perspectiva da Psicologia Social Crítica*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2002.

BASTOS FILHO, Jenner Barretto. Comentário do artigo A Física e a geometrização do mundo: construindo uma cosmovisão do mundo (...) In BASTOS FILHO, Jenner Barretto; AMORIM, Nádia Fernanda Maia (Orgs). *Cultura e desenvolvimento: a sustentabilidade cultural em questão*. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOVONE, Laura. *Teorias da cotidianidade: busca de sentido ou negação de sentido?* Revista da Faculdade de Educação, 18, n.2, 1992.

BUARQUE, Cristovam. *O que é apartação social?* São Paulo: Brasiliense, 1999.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

CARONE, Iray. A questão dos paradigmas nas ciências humanas e o paradigma da estrutura das objetivações sociais in SAWAIA, Bader Burihan. LANE, Sílvia T. (Orgs.). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTTELS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIAMPA, Antônio Carlos da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CUÉLLAR, Javier Pérez de. *Nossa diversidade criadora*. Campinas: Papirus/UNESCO, 1997.

DANSEREAU, Pierre. O avesso e o lado direito: a necessidade, o desejo e a capacidade In VIEIRA, Paulo Freire; RIBEIRO, Maurício Andrés (Orgs.). *Ecologia humana, ética e educação: a mensagem de Pierre Dansereau*. Porto Alegre: APED, 1999.

DREW, David. *Processos interativos homem-ambiente*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, Campinas: Fundação Carlos Chagas/Editora dos Autores Associados, n.115, 2002.

FERREIRA, E. M. & MAJELA, G. Notas sobre los espacios intrafronterizos en Brazil: el desorden desde “la ley de frontera”. *Revista de la Facultad de Derecho de la Universidad de Granada*. Espanha, n. 1, 1998.

FOLLADORI, Guillermo. El concepto de desarrollo sustentable treinta años después. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente: teoria e metodologia em meio ambiente e desenvolvimento*. Curitiba, n.1, 2000.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira/Thomsom Learning, 2003.

_____. *Pesquisa qualitativa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira/Thomsom Learning, 2002.

_____. *Epistemologia cualitativa e subjetividad*. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. *Problemas epistemológicos de la Psicología*. Havana: Colégio de Ciencias y Humanidades, 1993

GUIMARÃES, Roberto. A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento In VIANA, Gilney; SILVA, Marina; DINIZ, Nilo (orgs.) *O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____. *Sociología de la vida cotidiana*. Espanha: Ediciones Península, 1997.

JACOBI, Pedro. Manejo sustentável do metabolismo urbano In NEIRA ALVA, Eduardo (org.). *Metrópolis (in)sustentáveis*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

JUNCÁ, Denise Crhysóstomo. Da cana para o lixo: um percurso de desfiliação? *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, 2000.

_____. Ilhas de exclusão: o cotidiano dos catadores de lixo de Campos. *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Editora Cortez, n. 52, 1996.

LAFER, Celso. Hannah Arendt. In *Cadernos da UnB: Teoria política*. Brasília: Editora da UnB, 1979.

LEITÃO, Lúcia. A dimensão subjetiva da sustentabilidade urbana. *Caderno de Estudos Sociais*. Recife, v. 15, n. 2, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Companhia das Letras, 1996.

LUDKE, A. ; ANDRÉ, N. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Cândida Moreira. Encardidas(os) da e na história: gênero e ecologia. *Revista Serviço Social e Sociedade*. n. 54, 2000.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1996.

MOLON, Susana Inês. *A questão da subjetividade e da constituição do sujeito nas reflexões de Vygotsky*. 1995, Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo..

MUELLER, C. C. Problemas ambientais de um estilo de desenvolvimento: a degradação da pobreza no Brasil. *Revista Ambiente e Sociedade*. Campinas, n. 1, 1997.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários In BURSZTYN, Marcel (org.). *No meio da rua: nômades, viradores e excluídos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. *Cadernos CRH*. Salvador, n. 21, 1994.

NEIRA ALVA, Eduardo. Para um novo paradigma urbano In *Metrópolis (in)sustentáveis*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

ODUM, Eugene P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Coogan, 1998.

OLIVEIRA, Luciano. Os excluídos existem? Notas sobre a elaboração de um novo conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 33, 1997.

OLIVEIRA, Adélia Augusta. *Turismo e comunidade: a configuração do sofrimento psicossocial em um povoado de pescadores*. Dissertação 1995, São Paulo. (Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PEREIRA, Gislene. A natureza (dos) nos fatos urbanos: produção do espaço e degradação ambiental. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente: cidade e ambiente urbano*. Curitiba, n. 3, 2001.

PINO, Angel. Processo de significação e constituição do sujeito. *Temas de Psicologia*, Ribeirão Preto, n.1, 1995.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

RODRIGUES, M. *Produção e consumo do e no espaço: problemática urbana*. São Paulo: Hucitec, 1998.

ROSA, Maria Inês. *Trabalho, subjetividade e poder*. São Paulo: Letras e Letras, 1994.

SANTOS, Ana Paula dos; OLIVEIRA, Neire Ferreira de. *Uma questão social: um estudo das estratégias de sobrevivência dos moradores da Favela do Lixão*. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social). Maceió: UFAL - Departamento de Serviço Social, 2002.

SACHS, Ignacy. *Estratégias de transição para o século XXI*. São Paulo: Studio Nobel/Fundação do Desenvolvimento Administrativo, 1994.

SAWAIA, Bader. Prefácio. in SAWAIA, Bader Burihan; NAMURA, Maria Regina. *Dialética exclusão/inclusão social: reflexões metodológicas e relatos de pesquisas na perspectiva da psicologia social crítica*. Taubaté: Editora Cabral Universitária, 2002.

SAWAIA, Bader Burihan. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *A consciência em construção no trabalho de construção da existência*. 1987, São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SAWAIA, Bader Burihan; LANE, Sílvia T. Maurer. *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SILVA, Itamar. Prefácio. ROCHA, Adair. *Cidade cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SILVA, Luciana Sarmiento da. *Os catadores de lixo e a invenção da sobrevivência: um estudo da criatividade cultural*. 2000, Maceió. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), PRODEMA, UFAL.

SPOSATI, Aldaíza (org.). *Mapa da exclusão social na cidade de São Paulo*. São Paulo: EDUC, 1996.

STEINBECK, John. *A rua das ilusões perdidas: caravana de destinos*. Rio de Janeiro: Record, 198?

TELLES, Vera da Silva. *Cidadania e pobreza*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

WANDERLEY, Mariângela Belfiori Wanderley. Refletindo sobre a noção de exclusão. In SAWAIA, Bader Burihan. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.